



Universidade de Brasília - UnB
Faculdade de Comunicação (FAC)
Departamento de Jornalismo

**O FRONT - JORNALISTAS EM MEIO À
PANDEMIA: UM DOCUMENTÁRIO**

Autor: Murilo de Souza Caldas Fagundes
Orientadora: Rafiza Luziani Varão Ribeiro Carvalho

Brasília, DF
Dezembro de 2020



MURILO DE SOUZA CALDAS FAGUNDES

**O FRONT - JORNALISTAS EM MEIO À
PANDEMIA: UM DOCUMENTÁRIO**

Trabalho apresentado ao Curso de Jornalismo,
da Faculdade de Comunicação da
Universidade de Brasília, como requisito para
obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo,
sob orientação da Profa. Dra. Rafiza Luziani
Varão Ribeiro Carvalho.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Rafiza Luziani Varão Ribeiro Carvalho

Membro 1: Profa. Dra. Maria Letícia Renault C. de Abreu e Souza

Membro 2: Prof. Me. Francisco Eduardo Gonçalves

Suplente: Profa. Dra. Ana Carolina Kalume Maranhão

**Brasília, DF
2020**

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu guia.

À minha mãe, quem, de forma aguerrida e entregue, dedicou todos os segundos de sua caminhada para olhar meus passos, às vezes apressados e descompassados. Sem ela, que é meu maior exemplo, não completaria esse caminho. Obrigado pelo amor incondicional. Amo-te e te admiro.

Ao meu pai, quem, mesmo em outro plano, olha por mim.

A todos os meus familiares que, de alguma forma, torceram por mim, acompanharam meus anseios e minhas conquistas. Em especial, à minha avó, guerreira e base da família, e à minha madrinha, incentivadora das minhas conquistas. Exemplos de mulheres fortes.

A todos os meus educadores, do jardim de infância à graduação, muitos dos quais tornaram-se amigos e parceiros de caminhada.

À minha orientadora, Rafiza Varão, quem, com serenidade e competência, consegue ser unânime quando o assunto é ensinar com maestria.

Aos membros da banca, aos quais agradeço pela disposição e pelos ensinamentos sobre áreas tão importantes, como o telejornalismo, o jornalismo político e o webjornalismo.

Aos jornalistas que foram inspiração no mercado de trabalho e na vida. Aos chefes Vicente Nunes, Julia Leite e Fernando Rodrigues, que coordenam equipes tão talentosas.

À equipe da *Bloomberg*, composta por profissionais talentosos, preparados e generosos. Em especial à Rachel Gamarski, quem me acalmou no turbilhão do dia a dia e compartilhou comigo momentos de felicidade mesmo que, durante um tempo, à distância.

À equipe do *Correio Braziliense*, lugar em que aprendi o que é ser repórter, o que é o trabalho em um grande jornal, em nome da Alessandra Azevedo, amiga acolhedora e talentosa.

Ao *Poder360*, jornal digital em que dei o primeiro passo como repórter em Brasília, em nome do Hamilton Ferrari, amigo que me incentivou em instante decisivo.

A todos os amigos e colegas da reportagem que dividiram portarias, coletivas de imprensa, quebra-queixos e intermináveis votações no Congresso Nacional.

A todos os amigos e colegas de faculdade e da Facto empresa júnior. Foram anos de parceria, aprendizados e bons momentos. Que tenhamos muito sucesso!

A Rafael Stadniki, mestre do audiovisual e editor de *O Front*, com quem pude contar em diversos projetos nesses quatro anos e meio de UnB.

Aos meus grandes amigos, em nome de Julia Mesquita, Juliana Oliveira e Gabriel Raeder, que compartilharam e compartilham comigo momentos tão importantes e de quem eu tenho a honra de ser amigo. Em nome deles, agradeço a todas as amizades, tão importantes para mim.

A todos os jornalistas entrevistados por *O Front*, obrigado pela contribuição.

A todos que passaram pelo meu caminho e de alguma forma me incentivaram, muito obrigado. Cada palavra amiga foi essencial para esta jornada que apenas se inicia.

RESUMO

Este memorial descreve a produção de *O Front*, um documentário que mostra a rotina de jornalistas que compuseram a linha de frente da cobertura durante a pandemia de covid-19 em 2020, expostos à ameaça sanitária, a ameaças físicas, verbais e a desafios variados impostos tanto pelo novo coronavírus quanto pela densa cobertura da agenda política e econômica do país. O trabalho descreve o contexto político do Brasil e a situação pela qual passam as redações bem como apresenta as bases teóricas de seu desenvolvimento. O projeto mostra que, paralelamente à escalada da doença, crises políticas dividiram os noticiários e a atenção da população com a pandemia. O Front também buscou explorar não somente o risco sanitário, mas outros desafios, como os dos repórteres de televisão, por exemplo, que tiveram superações técnicas, já que precisaram se reinventar e buscar novas narrativas, dada a impossibilidade inicial de realizarem entrevistas presenciais. Outros profissionais indicaram cortes salariais e da redução de jornada. Apresenta-se neste memorial, além de tudo, um registro do que vivenciaram os jornalistas expostos à pandemia.

Palavras-chave: jornalismo; pandemia; política; documentário; *O front*.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
1.1 TEMA	8
1.2 OBJETIVOS	8
1.3 JUSTIFICATIVA	8
2. CONTEXTUALIZAÇÃO	11
2.1 PANDEMIA E CONTEXTO POLÍTICO	11
2.2 MORTES, INFECÇÕES E IMPACTOS ENTRE JORNALISTAS	14
3. REFERENCIAL TEÓRICO	16
3.1 DOCUMENTÁRIO E NARRATIVA DOCUMENTAL	16
3.2 ENTREVISTAS À DISTÂNCIA, EM VIDEOCHAMADA	19
3.3 CONTEÚDO ONLINE	23
4. MEMÓRIA DO TRABALHO	27
4.1 ETAPAS DE PRODUÇÃO	27
4.1.1. PRÉ-APURAÇÃO E MONTAGEM DA PAUTA	27
4.1.2. PRODUÇÃO	31
4.1.3. APURAÇÃO	33
4.1.4. PÓS-PRODUÇÃO	40
4.2 PLANILHA DE GASTOS	44
4.3 VEICULAÇÃO NAS REDES SOCIAIS	44
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
6. REFERÊNCIAS	50
APÊNDICE	53

1. INTRODUÇÃO

Menos grave que o elevado número de infectados e de mortos, menos sintomático que a flexibilização precoce e descontrolada do isolamento social e muito menos desesperador que a ausência de vacinas ou remédios adequados, o novo coronavírus¹ pôs, ou melhor, impôs à sociedade novos meios de trabalho, estudo e convivência.

Sem recorrer à expressão “o novo normal”, a qual, no mundo de hoje, como sugere Luiz Felipe Pondé², remete à intenção primeira da venda de uma visão de mundo açucarada para deixar as pessoas ainda mais infantilizadas do que já estão, proponho, no escopo deste trabalho final, registrar a situação em que estão inseridos os profissionais da comunicação, mais especificamente do jornalismo, em meio a variados desafios travados pela pandemia do novo coronavírus. Além disso, aqui, busco explorar ferramentas escoradas na narrativa do documentário.

Em meio a um cenário de efervescência política e de crise sanitária, assim como ocorreu nos projetos pessoais de milhões de pessoas, o presente trabalho sofreu mutações e abalos. O autor deste trabalho se preparava, antes da pandemia, para visitar uma comunidade localizada nas ilhas ribeirinhas do município de Portel, no Pará, e retratar, por meio de um registro documental e audiovisual, a ação do grupo voluntário Saúde Solidária, que, por uma semana, hospeda-se na cidade e disponibiliza tratamentos médicos, preventivos e psicológicos aos ribeirinhos.

Devido ao crescimento descontrolado da doença e aos riscos impostos pelo eventual trânsito e contato com os moradores — os quais estão isolados dos centros urbanos —, o grupo suspendeu a ação em 2020 e, obviamente, foi declinada a proposta de acompanhar essa comitiva. Partiu-se, então, para um segundo plano.

Com o avanço da pandemia, marquei uma conversa com a orientadora deste projeto, professora doutora Rafiza Varão, para buscar novas ideias para o trabalho de conclusão de curso. Dada a recomendação de permanecer o máximo possível em casa, ela sugeriu a produção de uma reportagem sobre o meu cotidiano, tendo em vista que realizava cobertura jornalística em uma agência de notícias. Seria uma linguagem calcada na primeira pessoa.

¹De acordo com o Ministério da Saúde, os coronavírus são uma grande família de vírus comuns em muitas espécies diferentes de animais, incluindo camelos, gado, gatos e morcegos. Em dezembro de 2019, foi registrada a transmissão de um novo coronavírus (SARS-CoV-2), identificado em Wuhan, na China, o qual causou a COVID-19, doença disseminada e transmitida pessoa a pessoa por todo o mundo.

² Disponível em: encurtador.com.br/mJTZ1. Acesso em: 26 de junho de 2020.

Posteriormente, com o amadurecimento da ideia, levantou-se a possibilidade de adicionar ao relato pessoal as percepções que os colegas jornalistas tinham sobre o atual momento e resolveu-se, desse modo, ampliar a angulação do produto.

Neste trabalho, portanto, **será esquadrihado, por meio de um documentário, o dia a dia dos colegas jornalistas que compõem a linha de frente da cobertura, expostos à ameaça sanitária, a ameaças físicas, verbais e a desafios variados impostos tanto pelo novo coronavírus quanto pela densa cobertura da agenda política e econômica do país.** Será ressaltada, ainda, a essencialidade do jornalismo como atividade fundamental para a democracia e, conseqüentemente, as agressões verbais e físicas sofridas pelos profissionais neste período difícil e desafiador da história. Este trabalho não se furtará a questionar os conflitos éticos exigidos no fazer jornalístico e buscará entender as dificuldades adicionais de exercer a profissão neste momento. **É, além de tudo, um registro do que vivenciamos os jornalistas enquanto expostos à pandemia.**

Registro, este, baseado na própria definição do gênero cinematográfico estabelecido pelo crítico Bill Nichols, em seu livro *Introdução ao Documentário* (2009), no qual diz que o documentário não é uma simples reprodução da realidade, mas uma representação do mundo em que vivemos.

O FRONT: JORNALISTAS EM MEIO À PANDEMIA, como foi intitulado o projeto, procura, por meio de entrevistas, compilações de arquivos, gravações de passagens explicativas e conexões com elementos históricos, rememorar o espectador e oferecer um registro documental respeitadas as devidas limitações impostas pelo isolamento social. O conteúdo na íntegra pode ser acessado pelo endereço <<https://youtu.be/GLqNVPhG2Vo>>, e as publicações de divulgação estão no perfil **@ofrontdocumentario**³, no Instagram.

³ Disponível em: <https://www.instagram.com/ofrontdocumentario/>. Acesso em: 17 de setembro de 2020.

1.1 TEMA

O tema do documentário é a cobertura jornalística em meio à pandemia do coronavírus e os múltiplos desafios paralelos desencadeados a partir do atual momento histórico.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Geral

Produzir um documentário em busca de promover uma análise sobre os desafios impostos à cobertura jornalística em meio à pandemia do novo coronavírus.

1.2.2 Específicos

- Realizar revisão bibliográfica sobre documentário e reportagem;
- Entrevistar especialistas e profissionais da linha de frente da cobertura jornalística;
- Compreender e estimular o debate em torno da essencialidade da profissão, explorando os recentes questionamentos e as crescentes agressões aos profissionais da área;
- Explorar os recursos técnicos da internet e do audiovisual a fim de construir um produto atraente e diferenciado;
- Produzir um documentário a partir da discussão teórica do trabalho e de apuração jornalística.

1.3 JUSTIFICATIVA

Apoiado em uma abordagem pessoal e à beira da metalinguagem, o produto tenta explorar os bastidores e as percepções dos jornalistas englobados e expostos ao cotidiano fortemente alterado pelo avanço da pandemia do novo coronavírus. Considerando o decreto que estabelece a atividade jornalística como serviço essencial, os jornalistas estão entre os profissionais mais expostos a riscos de contágio e, segundo a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), “já são notórios alguns casos de contaminação em redações, de doenças

confirmadas por testagem e, ainda, de mortes” entre os profissionais. A Federação lista publicamente os nomes de José Augusto Nascimento Silva (editor de imagens, SBT Rio), Roberto Fernandes (jornalista, TV Mirante – Globo Maranhão) e Robson Thiago Mesquita (repórter cinematográfico, SBT Rio) como vítimas da doença.

Ademais, no decorrer da apuração deste trabalho, foi possível notar que, acrescido o temor de contágio, os profissionais entrevistados também temiam, principalmente entre os meses de abril e maio, as agressões físicas e verbais crescentes direcionadas aos setoristas da Presidência da República.

Os ataques e a hostilidade à imprensa tornaram-se recorrentes na cobertura diante do Palácio da Alvorada e em outros pontos da Esplanada dos Ministérios. Na primeira semana de maio, vale pontuar, o presidente Bolsonaro mandou repórteres calarem a boca, criticou — como faz repetidas vezes — jornais como a *Folha* e se recusou a responder perguntas da imprensa sobre troca de comando na Polícia Federal. Os militantes apoiaram as agressões e engrossaram o coro contra os jornalistas na saída do conhecido "cercadinho do Palácio"⁴. Este documentário pauta-se no *Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros* (2007), o qual considera, no artigo 6º, que é dever do jornalista:

Opor-se ao arbítrio, ao autoritarismo e à opressão, bem como defender os princípios expressos na Declaração Universal dos Direitos Humanos [...] Valorizar, honrar, dignificar a profissão [...] Não colocar em risco a integridade das fontes e dos profissionais com quem trabalha (FENAJ, 2007, p. 1)

Outrossim, fator que aumenta a pressão no trabalho dos repórteres e profissionais da comunicação, a redução de salário em meio à pandemia afetou, segundo a FENAJ, 29% dos locais de trabalho, e as demissões chegaram em mais de 20% das redações. Jornalistas relataram, ainda, a apreensão quanto a futuras demissões.

É importante também salientar que, no decorrer do documentário, procura-se aproveitar todas as oportunidades para esmiuçar o serviço essencial que a imprensa teve, durante a circulação do vírus, de informar corretamente sobre meios de contágio e prevenção, além de assumir uma função didática em defesa do isolamento social, reportando, com transparência, os dados diários de infectados e mortos pela doença. Busca-se entender de que forma, paralelamente à crescente de ataques e questionamentos ao fazer jornalístico, esta

⁴ Local reservado em frente ao Palácio da Alvorada, residência oficial do presidente, para o mandatário dar declarações e tirar fotos com os eleitores. O espaço é dividido em dois bolsões: um para os apoiadores e outro para os jornalistas que cobrem diariamente a Presidência da República

função foi também enaltecida por uma parcela da sociedade, a qual viu, no jornalismo profissional, o compromisso com a ciência, com a informação checada e verificada.

Nesse ínterim, em busca de apontar particularidades, disfuncionalidades e fatos relevantes do cotidiano dos profissionais de imprensa em meio ao surto pandêmico do novo coronavírus e utilizando-se de um gênero contemporâneo e versátil do audiovisual, este trabalho pretende consolidar-se como um registro prestativo e robusto à sociedade e ao exercício do jornalismo profissional.

Dividiu-se o memorial nas seguintes partes: **Contextualização** – na qual buscou-se descrever cronologicamente fatos políticos e suas imbricações com a pandemia de covid-19 –; **Referencial teórico**, bloco em que, pautado em estudiosos das áreas, pretendeu-se esmiuçar três campos (documentário e narrativa documental, conteúdo digital e online, entrevistas à distância, em videochamada); posteriormente, na **Memória do trabalho**, traçou-se um panorama completo desde a concepção do projeto final até suas derradeiras etapas, como a apuração e a pós-produção. Por último, as **Considerações finais**, com um apanhado do que foi apresentado neste memorial e o apêndice, com o roteiro do documentário, decupagens e outras informações.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1. Pandemia e contexto político

O governo do presidente Jair Messias Bolsonaro começa oficialmente em 1º de janeiro de 2019, dia de sua posse. Mas o movimento político responsável por elegê-lo se inicia com a chamada “onda bolsonarista”, que dominou a política brasileira de forma inesperada e súbita. Jair Bolsonaro ganhou as eleições presidenciais dispendendo de apenas oito segundos de campanha televisiva, conseguiu eleger 52 deputados do nanico PSL e tornou a sigla à qual se filiou a maior da Câmara dos Deputados, ao lado do PT. O presidente contrariou as expectativas dos analistas políticos que minimizavam sua força nas urnas.

Pelo Brasil, a “onda bolsonarista” havia chegado às chefias dos Executivos locais. No Rio de Janeiro, elegeu o ex-juiz Wilson Witzel (PSC). Em Minas Gerais, o desconhecido Romeu Zema (Novo) conseguiu 71,8% dos votos. João Doria (PSDB), com a campanha BolsoDoria, venceu também em São Paulo. O presidente, que fez sua carreira como deputado do chamado “baixo clero”⁵ por 28 anos, conseguiu representar o antipetismo e a insatisfação popular, causados por crises econômicas e escândalos de corrupção, e revertê-los em votos.

Pautado pelo antagonismo e pelo movimento antipolítico, mesmo sendo político de carreira, Bolsonaro estabeleceu diversos inimigos desde o início do governo, como é possível notar já em seu discurso de posse nos trechos:

Vamos combater a ideologia de gênero (...) Quando os inimigos da pátria, da ordem e da liberdade tentaram pôr fim à minha vida, milhões de brasileiros foram às ruas (...) Daqui em diante, nos pautaremos pela vontade soberana daqueles brasileiros que querem boas escolas, capazes de preparar seus filhos para o mercado de trabalho e não para a militância política (FOLHA DE S. PAULO, 2019)⁶

Fez de aliados suas maiores inimizadas, como é o caso do governador de São Paulo, João Doria (PSDB), da ex-líder do governo no Congresso, deputada Joice Hasselmann (PSL), e o senador Major Olímpio (PSL). Bolsonaro também critica a imprensa desde antes de tomar posse. Diz que é vítima de reportagens que o desmoralizam.

⁵ O termo é utilizado para designar congressistas com baixa expressão no Congresso, movidos principalmente por interesses provincianos e/ou pessoais.

⁶ Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/leia-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-na-cerimonia-de-posse-no-congresso.shtml>>. Acesso em: 29 set. 2020.

Segundo pesquisa PoderData, divulgada pelo jornal digital *Poder360* em 14 de outubro de 2020, o governo do presidente Jair Bolsonaro era aprovado por 52% dos brasileiros. Outros 41% desaprovavam, e 7% não souberam ou não responderam. De acordo com o levantamento, a popularidade de Bolsonaro e a de seu governo havia atingido o ápice, efeito do auxílio emergencial.

O auxílio emergencial, também conhecido como coronavoucher, foi instituído como um benefício mensal de R\$ 600 direcionado a trabalhadores informais, autônomos e de baixa renda, além de microempreendedores individuais e contribuintes do Instituto Nacional do Seguro Social, o INSS. O intuito dos legisladores, que tiveram a iniciativa, foi conter os impactos econômicos causados pela pandemia da covid-19.

O Ministério da Economia aceitou implementar o programa de forma temporária, com uma renda emergencial estipulada em R\$ 200. O Congresso, no entanto, aumentou esse valor por meio de projeto de lei. O presidente Jair Bolsonaro sancionou a proposta em 1º de abril de 2020. Segundo o Ministério da Cidadania, o benefício foi pago a 68 milhões de brasileiros até 19 de novembro.

A pandemia do novo coronavírus, aliás, foi um divisor na gestão Bolsonaro, assim como em governos de vários outros países. Desde a confirmação do primeiro caso de coronavírus no Brasil, em 26 de fevereiro de 2020, muito aconteceu. A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou pandemia da doença causada pelo vírus em 11 de março; o Ministério da Saúde regulamentou critérios de isolamento e quarentena; a entrada de estrangeiros foi restrita; o presidente Jair Bolsonaro criticou, em pronunciamentos, o pedido para que as pessoas ficassem em casa; o avanço da Covid-19 no país já era considerado acelerado no fim de abril. O Supremo Tribunal Federal (STF) entendeu que estados e municípios tinham prerrogativa para conduzir a crise e poderiam ignorar determinações federais.

Na sequência, em 16 de abril de 2020, o presidente Bolsonaro exonerou⁷ Luiz Henrique Mandetta do ministério da Saúde. O oncologista Nelson Teich assumiu a pasta. Uma obsessão pelo uso da cloroquina⁸ no tratamento do novo coronavírus se instalou no

⁷ BRASIL. Decreto de 16 de abril de 2020. Exonera Luiz Henrique Mandetta do cargo de Ministro de Estado da Saúde. Diário Oficial da União, Brasília, 16 abr. 2020. Seção 2-extra, p. 1.

⁸ Cloroquina é um medicamento indicado para profilaxia e tratamento de ataque agudo de malária, defendido pelo presidente Jair Bolsonaro, mesmo sem comprovação científica, como uma das formas de prevenir a covid-19.

governo e foi piamente defendida pelo presidente da República. Apenas um mês à frente do ministério, Teich pediu demissão em 15 de maio de 2020 e posteriormente alegou⁹ contrariedade ao tratamento precoce sem comprovação científica. O país começou a alcançar maiores números de diagnósticos em 24 horas: 15, 20, 30, até 50 mil por dia. As mortes também escalaram. No fim de junho, eram mais de 52 mil, atrás apenas dos Estados Unidos.

Paralelamente à escalada da doença no país, crises políticas dividiram os noticiários e a atenção dos brasileiros. Entre os principais fatos, destacaram-se, por exemplo, as demissões acaloradas de dois ministros do governo — Sérgio Moro (Justiça e Segurança Pública) e Abraham Weintraub (Educação) — ; a suposta interferência de Bolsonaro na Polícia Federal; a divulgação do vídeo da reunião interministerial de 22 de abril; a investigação e a prisão de bolsonaristas acusados de atacar e ameaçar continuamente os ministros da suprema corte; as manifestações a favor, muitas com caráter antidemocrático, e contra governo que tomaram as ruas mesmo em meio à pandemia; os recados atravessados e pouco aprazíveis entre os poderes da República; e a prisão de Fabrício Queiroz¹⁰, ex-assessor do senador Flávio Bolsonaro e amigo da família. O presidente da República e todos os outros chefes de poder também foram diagnosticados com covid-19, além de 13 ministros¹¹.

Na segunda fase de seu mandato, iniciada em 2020, o presidente Jair Bolsonaro adotou postura mais pragmática e focada nas eleições de 2022. O mandatário fidelizou aliança com o Centrão, bloco de partidos de centro sem posicionamento ideológico claro, abriu espaço para os aliados no primeiro escalão do governo, sinalizou à equipe econômica que pretende gastar mais com obras federais e começou um périplo pela região Nordeste, onde foi derrotado nas urnas.

Elemento-chave que será apontado neste trabalho, uma das características do governo que não se alteraram foi o tratamento conferido pelo chefe do Executivo aos profissionais de imprensa. Levantamento da Federação Nacional dos Jornalistas, a FENAJ¹², mostra que, em nove meses, o presidente cometeu 299 ataques a jornalistas. O estudo inclui todas as falas do

⁹ Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/sociedade/obvio-que-antecipar-uso-da-cloroquina-teve-peso-diz-teich-sobre-saida-do-ministerio-da-saude-24443783>. Acesso em: 12 ago. 2020.

¹⁰ Fabrício Queiroz, 54 anos, foi subtenente da Polícia Militar e é próximo da família Bolsonaro, como mostram fotografias e relatos em redes sociais. Além de assessor parlamentar, era o motorista e segurança do então deputado estadual e hoje senador Flávio Bolsonaro, filho mais velho do presidente Jair Bolsonaro. Queiroz é apontado como o operador de um suposto esquema de 'rachadinha', em que funcionários do gabinete de Flávio recebiam o salário e devolviam parte de seus rendimentos.

¹¹ Até 24 de novembro de 2020, 13 ministros do governo Bolsonaro tinham se infectado com covid-19.

¹² Disponível em: <https://fenaj.org.br/nove-meses-bolsonaro-299-ataques/>. Acesso em: 5 nov. 2020.

presidente feitas publicamente, incluindo postagens em redes sociais, lives, entrevistas e declarações oficiais.

A maioria dos casos de agressões de Bolsonaro a jornalistas, 259 são classificadas como descredibilização da imprensa. Outras 28 foram registradas pela FENAJ como ataque dirigido a algum jornalista. Outros 2 casos foram ataques à organização sindical. Em 23 de agosto, quando questionado por um jornalista sobre um depósito de R\$89 mil feito por Fabrício Queiroz na conta da primeira-dama, Michelle Bolsonaro, o presidente respondeu: “Vontade de encher sua boca na porrada, seu safado”.

Até o fechamento deste texto, o novo coronavírus há havia contaminado mais de 59 milhões de pessoas no mundo e 6 milhões no Brasil. Sem uma vacina ou um tratamento efetivo, mais de 1,4 milhão de pessoas tinham morrido no mundo, e 169 mil no país. Em novembro, segundo a OMS, 212 vacinas em desenvolvimento estavam sendo pesquisadas no mundo, com 48 delas sendo testadas em humanos e 11 em estudos de fase 3. Dessas 11, quatro estavam sendo testadas no Brasil.

2.3. Mortes, infecções e impactos entre jornalistas

Além das agressões verbais e físicas às quais estão submetidos os profissionais de imprensa, jornalistas, cinegrafistas e outros funcionários ligados aos serviços da comunicação foram atingidos pela pandemia de covid-19 em seus campos de trabalho.

Na América Latina e no Caribe, como mostra o projeto *Adiós en cobertura*¹³, mais de 100 jornalistas e comunicadores morreram vítimas do novo coronavírus. O memorial colaborativo, como se autointitula, busca homenagear a memória e o trabalho dos profissionais latino-americanos que foram infectados na cobertura da pandemia. O trabalho identificou três padrões consistentes do motivo das infecções: casos de negligência sanitária; condições precárias de emprego; estigma social.

Já um levantamento realizado pela Press Emblem Campaign¹⁴, uma organização sem fins lucrativos pautada na liberdade de imprensa e segurança dos jornalistas, mais atualizado que o projeto *Adiós en cobertura*, divulgou em novembro de 2020 que no mundo já eram 462 mortes pela doença entre os profissionais de imprensa. Os países latino-americanos

¹³ Disponível em: <<https://adiosencobertura.distintaslatitudes.net/>>. Acesso em: 20 nov.2020.

¹⁴ Disponível em: <https://fenaj.org.br/nove-meses-bolsonaro-299-ataques/>. Acesso em: 22 nov. 2020.

representavam mais da metade do total das mortes. O Brasil aparecia em 4º lugar no ranking mundial, com 36 repórteres mortos pela doença. Em 1º, o Peru com 96 óbitos, seguido pela Índia com 47 e o Equador com 41.

Não apenas as mortes, mas o aumento de pressão, de demissões e a diminuição salarial assolaram os jornalistas durante a pandemia. Pesquisa¹⁵ realizada pela FENAJ entre os dias 20 de maio e 10 de junho mostrou que 55,5% dos entrevistados identificaram aumento de pressão no trabalho, com acúmulo de tarefas, sobrecarga de horário e cobrança por resultados na pandemia. Apenas 17,5% dos profissionais consideraram satisfatórias a quantidade de equipamentos de proteção individual (EPIs) fornecida pelas empresas.

Ainda de acordo com a FENAJ¹⁶, mais de 4 mil jornalistas do país tiveram impactos salariais durante a pandemia. Levantamento da federação mostra que 3.930 profissionais que trabalham em redações com carteira assinada tiveram redução em suas folhas de pagamento e em suas jornadas durante o alastramento da doença. Outros 81 jornalistas tiveram contratos de trabalho suspensos no período e 205 foram demitidos. A maioria dos acordos notificados pelos sindicatos foram de redução de 25% dos salários e das jornadas.

¹⁵Disponível em: <https://fenaj.org.br/nove-meses-bolsonaro-299-ataques/>. Acesso em: 20 nov. 2020.

¹⁶Disponível em: Disponível em: <https://fenaj.org.br/mp936-afeta-mais-de-4-mil-jornalistas/>. Acesso em: 20 nov. 2020.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1. Documentário e narrativa documental

Assim que foi definido o tema central deste projeto, uma dúvida em relação ao formato do material se estabeleceu: será um webdocumentário ou um documentário? Dentre os motivos os quais levavam à escolha do primeiro, pode-se destacar principalmente o caráter interativo/participativo, já que, quase unanimemente, os webdocumentários oferecem ao internauta opções de navegação, conteúdos personalizados e criativos, ficando a critério do espectador a forma como entende e navega pelo produto.

Além da interação, chamou atenção o crescimento exponencial dos webdocumentários nos últimos anos e a criação de páginas específicas para suas veiculações em portais que antes não as tinham. Na década de 2010, por exemplo, nenhum, dentre os cinco principais sites de informação do Brasil - Uol, Globo, Yahoo, IG e Terra, possuía uma editoria fixa de webdocumentários, como acontecia, por exemplo, na França. Já em 2020, tanto o site UOL quanto outros grandes que surgiram nesses últimos anos reservam uma página atualizada constantemente apenas com webdocs, como também são chamados. É o caso da série semanal TAB, no UOL.

Já o documentário tradicional, por basear-se em narração linear, à primeira vista pareceu uma opção menos arrojada para o projeto. Porém, no decorrer da produção do material, mostrou-se como opção mais objetiva e apropriada ao que pretende *O Front*, que é, de forma cronológica e sem rodeios, retratar a cobertura jornalística em meio à pandemia do coronavírus e os múltiplos desafios desencadeados a partir do atual momento histórico.

Antes de contextualizar especificamente a definição de documentário, há, entre as vertentes teóricas, conflitos quanto à noção de o documentário enquadrar-se ou não como um gênero. Para Odin (1984), a noção de gênero parece ser um nível inferior ao da distinção que ele procura para o que chama de “conjunto documentário”. Segundo ele, “assim como existem gêneros no conjunto de filmes de ficção (western, policial, comédia musical etc.), também existem gêneros no conjunto documentário (filmes etnográficos, filmes industriais, filmes científicos etc.)” (ODIN, 1984, p.23).

Já para o crítico teórico americano de cinema, Bill Nichols, em seu livro *Introdução ao Documentário* (2009), o documentário é considerado um gênero. E é em sua definição

primordialmente que este projeto se baseia. Nichols defende que o gênero documentário não é uma simples reprodução da realidade, mas uma representação do mundo em que vivemos. É assim que se enxerga o material aqui apresentado: uma representação do mundo em que vivemos, em um recorte bastante específico de um momento histórico e desafiador.

Como também explica Ramos (2001), o documentário busca, ou tem como objetivo, estabelecer uma representação do mundo, mas ele alerta para o “caráter especular e falsamente totalizante” do gênero cinematográfico não-ficcional; isto é, segundo o autor, há por vezes uma visão quase inocente epistemologicamente do documentarista em suas produções, levando-o a cometer dois erros:

[...] analisar o documentário a partir de um discurso inocentemente totalizador e transparente; [...] ter um parâmetro relativamente pobre para julgá-lo: o parâmetro que gira exclusivamente em torno da ênfase na fragmentação subjetiva como saída ética (RAMOS, 2001, p. 192-207)

Ter a consciência dessas possibilidades oferecidas pelo documentário, tanto de abarcar uma capacidade representativa quanto de, ao mesmo tempo, oferecer riscos ao modo como se representa determinado acontecimento, foi importante na construção de *O Front*. Isso porque há certas escolhas de imagens e de declarações dos entrevistados que estão intimamente relacionadas à visão de mundo particular do autor deste material, a qual, automaticamente, traz em si pressupostos enviesados.

Ainda segundo Ramos (2001), ao analisar o campo documentário, o conceito de “proposição assertiva” surge. Ele defende que o discurso nesse gênero é carregado de enunciados assertivos, afirmativos sobre a realidade. Esses “enunciados sobre o mundo” também são perceptíveis em *O Front*.

Porém, diferentemente do que pensam aqueles que entendem o documentário como mais um gênero jornalístico baseado em suposta neutralidade ou imparcialidade, estudiosos defendem que o caráter autoral é marca do gênero aqui em questão. Enquanto a reportagem, por exemplo, busca a objetividade, o documentário pauta-se pelo ponto de vista do diretor, com possibilidades distintas e variadas, como sustentam as autoras Melo, Gomes & Morais :

O documentarista não precisa camuflar a sua própria subjetividade ao narrar um fato. Ele pode opinar, tomar partido, se expor, deixando claro para o espectador qual o ponto de vista que defende. Esse privilégio não é concedido ao repórter sob pena de ser considerado parcial, tendencioso e, em última instância, de manipular a notícia. (MELO, GOMES & MORAIS, 2001, p. 192/207)

Ademais, não apenas o caráter autoral é elemento constitutivo do gênero documentário. Para as autoras Melo, Gomes & Morais (2001), o uso de imagens e depoimentos articulados como documentos e a ampla utilização de montagens ficcionais no sentido de simular fatos são outras características que o compõem; e, a efeito de registro, ambos estão presentes em *O Front*. Quanto aos documentos, recorreu-se a arquivos de jornais antigos, datados da década de 1910, quando ocorreu a Gripe Espanhola, e a reportagens atuais para reforçar depoimentos dos entrevistados convidados. Já quanto a montagens ficcionais, lançou-se mão de duas encenações para reconstituir uma entrevista com jornalistas que não se identificaram.

Devido à pandemia do novo coronavírus, a orientadora deste projeto, em respeito à saúde do orientando, da equipe e dos demais envolvidos, estipulou que alternativas deveriam ser buscadas que não aquelas as quais exigiam o trabalho presencial, *in loco*. Levando isso em consideração, todas os depoimentos foram coletados via Zoom, ferramenta de videoconferência que permite gravar reuniões a distância. Desse modo, se, por algum motivo, o documentarista não consegue filmar um acontecimento no momento exato em que ocorre ou habitualmente ocorre, ele pode utilizar depoimentos em uma tentativa de se aproximar do ocorrido, sem demais prejuízos ao espectador (MELO, 2002).

Considerando a não obrigatoriedade de o documentarista colocar-se no terreno do acontecimento “aqui e agora”, expressão usada por Melo (2002), julgou-se positiva a captação de relatos e impressões dos entrevistados sobre acontecimentos vivenciados por eles, com ajuda, é claro, das imagens de arquivos, algumas captadas pelos próprios personagens.

Consciente de que a seleção de imagens, entrevistados e justaposição de sonoras são expressões, por si só, do ponto de vista do documentarista, as fases de produção (captação de depoimentos e construção do roteiro) e de pós-produção (edição) de *O Front* foram trabalhadas com o resultado final já em mente. Assim, o documentário pautou-se em um ponto de vista próprio, carregado naturalmente de experiências pregressas e juízos de valor, buscando, sempre que possível, como defende Penafria (1999), encontrar na criatividade o principal motor da produção audiovisual.

Define-se, ainda, o presente trabalho como um documentário por serem notadas características intrínsecas ao gênero, citadas pelos autores acima, no produto final. Dentre

essas características, *O Front* preza pelo caráter autoral, aposta em “enunciados de mundo” defendidos pelo autor, utiliza imagens de arquivo e depoimentos articulados como documentos e recorre, quando necessário, a montagens ficcionais.

Além disso, considera-se que *O Front* não se enquadra como reportagem, pois este gênero pretende ser objetivo e não costuma dar abertura ao ponto de vista do diretor, conferindo, segundo Melo, Gomes e Morais (2001), maior compromisso à rotatividade da informação nos meios massivos, o que não é o caso deste produto.

Além disso, como define Sánchez, a reportagem é quase uma variação temática da notícia, com direcionamentos técnicos e funções diferentes.

As reportagens, enquanto gênero, não são mais interpretativas nem menos, nem mais informativas nem menos que, por exemplo, a notícia: são outro tipo de informação e outro tipo de interpretação. Melhor dito, são quase apenas uma variação temática da notícia”, SÁNCHEZ *apud* OLIVEIRA, Laura & SEIXAS, Lia (1998, p. 4).

Nota-se, então, que a notícia tem a capacidade de informar os fatos. A reportagem, além de informar, conecta e explica os fatos. Já o documentário informa, conecta, explica e interpreta, de maneira subjetiva, os fatos. Isso não significa que haja níveis de subjetividades na prática noticiosa ou de reportagem, mas que, no documentário, essa visada é, pode definição, maior e desejada.

Ainda que a reportagem agregue distintas formas jornalísticas, essa modalidade está diretamente relacionada a uma estrutura narrativa mais linear e definida essencialmente como um gênero jornalístico informativo. Geralmente configuram-se como produtos versáteis, porém as composições textuais pautam-se na na narração e na explicação, sem muita margem para opinião.

3.2. Entrevistas à distância, em videochamada

As entrevistas de *O Front*, como exposto anteriormente, foram realizadas à distância, por meio da plataforma de videoconferências Zoom. Neste tópico, busca-se entender, baseando-se em autores da área, de que forma funcionam as entrevistas realizadas por essa modalidade, quais implicações têm para a apuração jornalística e como a entrevista é elemento essencial na produção noticiosa.

Antes de tratar especificamente da entrevista à distância, faz-se necessário entender a entrevista jornalística em sua essência, recorrendo a artigos e autores que a estudam como objeto de pesquisa. Importante essa análise, pois, segundo Pereira (2017), fazer uma “boa entrevista” extrapola a dimensão imediata do domínio da técnica e configura-se como um pré-requisito para que o jornalismo possa exercer a chamada “função social”.

A entrevista é definida por Nilson Lage como:

O procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. É uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos (2001, p. 73).

Já Pereira (2017) — que busca analisar a entrevista jornalística para além da superficialidade com que os estudos de comunicação, segundo ele, exploram o assunto — a examina enquanto prática jornalística, modalidade de interação e gênero textual, e conclui que:

De fato, os manuais de jornalismo e os textos de caráter pedagógico costumam reforçar uma leitura técnica e normativa desse objeto. Na literatura acadêmica, ele é visto muitas vezes como o ponto de partida para uma discussão sobre a prática jornalística e a relação entre jornalistas e fontes [...] Outros estudos preferem utilizar a entrevista como ponto de partida para analisar, questionar ou reforçar o papel do jornalista-entrevistador como representante do público/do interesse público. (PEREIRA, 2017, p.146)

Para Lage (2001), a entrevista se divide em vários tipos. Do ponto de vista objetivo (A,B,C,D), pode ser ritual, temática, testemunhal ou profunda. Quanto às circunstâncias de realização (E,F,G,H), pode ser ocasional, confrontadora, coletiva ou dialogal. Eis, de forma resumida, a definição de cada tipo:

- A. **Entrevistas rituais:** são geralmente breves, mais centradas na exposição do entrevistado do que na mensagem em si; muitas delas são irrelevantes, mera formalidade, às quais se atribui dimensão simbólica;
- B. **Entrevistas temáticas:** focalizadas em um tema sobre o qual o entrevistado geralmente tem autoridade para explicar, auxiliam na compreensão de um problema;
- C. **Entrevistas testemunhais:** é o relato do entrevistado sobre o que vivenciou ou viu; é uma reconstituição do evento, acrescentadas as próprias

interpretações, ou seja, não se limita à descrição do episódio, mas inclui impressões subjetivas;

- D. **Entrevistas em profundidade:** quase um ensaio sobre o personagem, essa modalidade parte de depoimentos, impressões, e o objetivo da entrevista é mostrar a representação de mundo do entrevistado;
- E. **Entrevistas ocasionais:** são aquelas não programadas ou não combinadas previamente, nas quais o entrevistado pode dar respostas mais sinceras ou menos cautelosas;
- F. **Entrevistas confrontos:** aquelas em que o repórter assume função de inquisidor, acusando e contra-argumentando o entrevistado geralmente com veemência;
- G. **Entrevistas coletivas:** nessa modalidade, o entrevistado é submetido a questionamentos de vários jornalistas de diferentes veículos, na qual o diálogo é bloqueado;
- H. **Entrevistas dialogais:** entrevistas por excelência, são marcadas com antecipação e em ambiente controlado, nas quais há construção do tom da conversa;

No presente trabalho, as entrevistas foram, em sua totalidade, testemunhais e dialogais. Testemunhais por se tratarem de relatos dos entrevistados sobre experiências das quais participaram, acrescentadas de suas próprias interpretações e opiniões. Dialogais por serem marcadas antecipadamente, em local específico (por mais que virtual) e explicadas previamente.

Cremilda Medina, em entrevista concedida à pesquisadora Ana Lúcia Medeiros, em 2017, é questionada sobre a distância física como um fator a ser considerado no processo de apuração jornalística, e afirma, direcionando-se aos jornalistas da contemporaneidade, que:

A entrevista carrega em si vícios de origem que tendem a negar o diálogo possível e torná-la uma técnica autoritária, tanto no Jornalismo como nas Ciências Sociais ou no consultório médico. Mesmo que se desconstrua esse dirigismo da Pergunta e Resposta, ainda sim a entrevista –seja presencial, seja digital –permanece limitada ao código linguístico relatorial ou científico. (MEDINA *apud* MEDEIROS, 2017, p. 193-205)

Medina (2000), também define entrevista como “uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando, assim, isolamentos grupais, individuais, sociais”. Isto é, reforça a importância do relacionamento humano e da interação criada no momento do diálogo entre entrevistador e entrevistado.

Durante a pandemia, mais especificamente no caso do jornalismo audiovisual, as entrevistas precisaram se adaptar. Com o rodízio de profissionais presentes fisicamente nas redações e nas ruas, principalmente durante o pico do surto pandêmico, profissionais em home office buscaram novas formas de entrevistar. O novo coronavírus obrigou, então, os jornalistas a reverem premissas e se reinventarem. Para Temer e Junior (2020), isso levou, entre outras alterações, à “hibridização dos formatos”, ou seja:

Com repórteres trabalhando de casa e a videoconferência sendo um modelo adotado com frequência, a “cara” do telejornal mudou, se tornando mais parecido com conteúdos audiovisuais geralmente utilizados na web, com imagens (TEMER & JUNIOR, 2020, p.336)

Segundo os autores, essa microinovação não chegou a ser uma mudança estrutural que prejudicasse a qualidade do jornalismo. Afirmam que o novo formato aproxima o jornalista "preso na sala de sua casa" ao cidadão comum que está isolado, cumprindo quarentena. Apoiaram-se na ideia de Saback (2005) sobre a busca de soluções para momentos específicos e desafiadores como este pelo qual passa a sociedade:

Se a notícia não pode ser contada com toda a qualidade técnica que a TV permite, o jornalista deve ser criativo na busca de soluções. Mesmo sendo um veículo de comunicação que tem, como diferencial dos demais – som e imagem em movimento ao vivo -, a TV comporta formas alternativas de veicular informação. (SABACK, 2005, pp. 158-159)

Além da videoconferência e dos vídeos gravados por celular, novos recursos tornaram-se mais constantes na produção audiovisual. Citam-se: o aumento do uso de imagens de arquivo; a utilização mais recorrente de infográficos e numerárias; o uso de máscaras por profissionais que aparecem fora dos estúdios de televisão; a distância, recomendada pelas autoridades de saúde, entre repórter e entrevistado quando se encontram pessoalmente; as passagens muitas vezes gravadas na sala de casa ou no escritório pessoal do repórter.

Ainda é cedo para saber se esses recursos, utilizados agora com mais intensidade, ditarão o futuro da produção jornalística audiovisual, porém entende-se que o jornalismo passou e passa por constantes mudanças. É imprescindível, portanto, acompanhá-las.

3.3. Conteúdo online

Em cada quatro brasileiros, três acessam a internet, de acordo com a pesquisa TIC Domicílios 2019¹⁷, mais importante levantamento sobre acesso a tecnologias da informação e comunicação, realizado pelo Centro Regional para o Desenvolvimento de Estudos sobre a Sociedade da Informação (Cetic.br). Isso representa 134 milhões de pessoas conectadas no país. Segundo o estudo, 74% dos brasileiros acessaram a internet pelo menos uma vez nos últimos três meses do levantamento, e outros 26% continuaram desconectados.

Outra constatação importante estabelecida pela pesquisa TIC Domicílios, no documento que divulga os dados ao grande público, é a de que a Internet na televisão ganha terreno. Importante pois, com as ferramentas da tevê, a usabilidade dos aplicativos de vídeo também aumenta. Por fim, das atividades listadas por usuários da Internet, 74% disseram que assistiram a vídeos, programas, filmes ou séries online; a atividade foi, ainda, a mais citada pelos respondentes. Em 2014, apenas 58% a citaram (imagem abaixo).

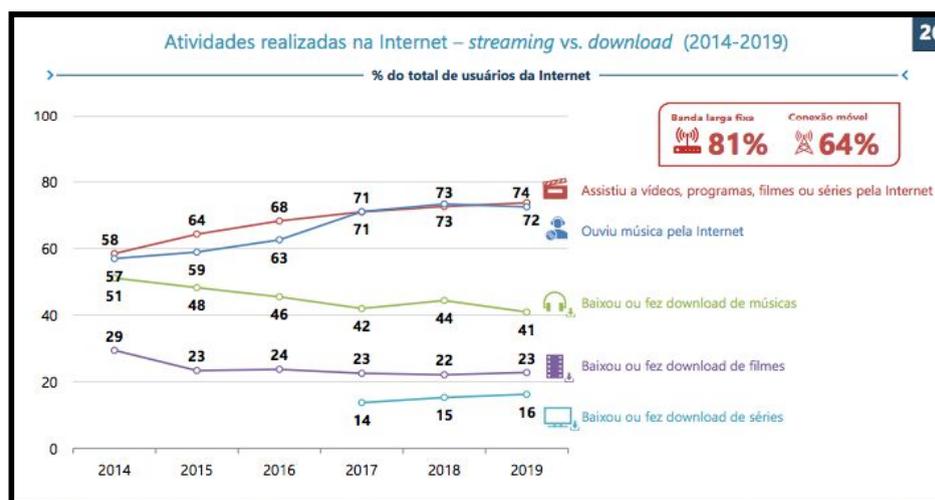


Figura 1 - Atividades realizadas na internet (% total de usuários). Fonte: CETIC.BR

¹⁷Disponível em: <https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2019_coletiva_imprensa.pdf>. Acesso em: 15 out. 2020.

Ao detalhar ainda mais a pesquisa TIC Domicílios 2019, nota-se que, daqueles que assistem a vídeos e conteúdos na internet, 38% disseram assistir ao tipo de vídeo “Notícias”, atrás apenas da categoria “Músicas, como shows ou videoclipes”(44%).

Diante dos dados expostos, a internet tem possibilitado e se firmado como um catálogo repleto de opções de conteúdos, sendo a produção em vídeo uma das formas de oferta de informações preponderantes entre as citadas pelos entrevistados. Nesse sentido, o YouTube se firma como uma referência de site de compartilhamento de vídeos e é, segundo o ranking da Alexa¹⁸, da Amazon.com, o segundo site mais acessado do Brasil, com um período diário médio de 16 minutos e 29 segundos de permanência por usuário.

“Dar a todos uma voz e revelar o mundo”. Assim a plataforma de compartilhamento de vídeos YouTube, lançada em 2005 por jovens empreendedores norte-americanos, apresenta-se ao público na versão mais recente¹⁹ de seu site. Nesse sentido, buscar entender aqui não apenas como a internet, mas como a plataforma, considerada recente e atual, consolida-se como um canal de veiculação de histórias diversas e de que forma abriga materiais jornalísticos e audiovisuais, como no caso de documentários, é fundamental.

O fenômeno do YouTube instiga diversas reflexões, mas aqui duas chamam atenção: a noção de cidadão-comunicador, trazida por Alberto Dines (2007), e o fenômeno transmídia trazido pela plataforma. Sobre o aspecto transmídia, destaca-se principalmente a forma com que a convergência midiática provoca transformações na maneira de se consumir informação e produzir conteúdo.

Queiroz (2015), baseado em outros autores, aponta problemas no entendimento do YouTube como uma plataforma “revolucionária” e como “o maior fenômeno da cultura participativa”, pois, na visão dele e dos autores por ele citados, a cultura participativa pode não ser recente, mas ter se intensificado sem precedentes a partir das novas tecnologias, entre elas, o YouTube. Porém, o autor não deixa de creditar o sucesso do uso em massa das novas tecnologias de mídia para publicação autônoma:

Essa ideia, obviamente, revela que a crescente popularização do site e a sua consequente apropriação por diversas instituições midiáticas, transformou a visão da mídia. Se antes o Youtube era um local para expressar a liberdade individual, agora, ele é um legítimo meio de comunicação de massa (QUEIROZ, 2015, p. 6).

¹⁸Disponível em: <<https://www.alexa.com/topsites/countries/BR>>. Acesso em: 20 out.2020.

¹⁹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/intl/pt-BR/about/>>. Acesso em: 20 out.2020.

É a esse viés que ele recorre ao estudo do jornalista e professor Alberto Dines para utilizar a expressão cidadão-comunicador e cidadão-jornalista, noção esta que reforça o site YouTube como um “sistema cultural dinâmico”, artefato da cultura participativa. A partir desse compartilhamento amplo e do acesso facilitado, a plataforma transformou os espectadores em público multimídia, com possibilidade de veiculação de opiniões, fatos, informações por imagens animadas e vídeos, dos mais simples e amadores aos mais elaborados.

Nesse contexto, surge o questionamento: o jornalismo no YouTube é uma nova prática profissional? E mais: o jornalista precisa de um meio de comunicação tradicional para veicular conteúdos informativos?

Albertini e Pereira (2018) analisaram o caso específico de uma jornalista que migrou para o YouTube e criou o próprio canal. As autoras indicam que, considerando os critérios de noticiabilidade elencados pelo autor português Nelson Traquina, sim, é possível dizer que, ao mudar de plataforma, a produção da jornalista analisada por elas continuou sendo jornalismo profissional. Entre os critérios, notoriedade, relevância, dia noticioso e personalização apareciam na produção online.

Desse modo, acredita-se que a função do jornalista nesse contexto pode ser exercida de forma ainda mais ampla e diversa, sem restrições impostas por veículos tradicionais. É certo que, com o fenômeno transmídia possibilitado pelo YouTube e até por outros sites, qualquer usuário, sem necessariamente a figura de um profissional da área da comunicação, pode publicar informações, com o risco de veicular *fake news* ou notícias mal checadas. Todavia, este é um assunto paralelo que não impede o trabalho do jornalista profissional de se desenvolver; é, diferente disso, um aliado na veiculação de conteúdo.

Ainda quanto ao fenômeno transmídia, faz-se essencial conceituar o que é o termo convergência. Aqui, recorre-se ao estudioso dos meios de comunicação, o norte-americano Henry Jenkins (2009):

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam (JENKINS, p. 29, 2009).

É a convergência que caracteriza, entre outros fatores — como a mobilidade e a praticidade —, a rede virtual de publicações, a qual supera a ideia antiga de canal de

comunicação. No YouTube e nas plataformas de streaming, o internauta pode ser tanto um espectador quanto um agente, produtor de conteúdo. Essa permissão modifica a forma e a estrutura de se fazer jornalismo, expondo-o a reformulações e alterações diversas.

Ao sopesar esses fatos, nota-se a importância e a evolução dos conteúdos publicados em meio online e, mais ainda, das produções veiculadas em redes virtuais de compartilhamento de conteúdo como o YouTube. É nessa plataforma que *O Front* será publicado, com o objetivo de dar voz aos jornalistas enquadrados nessa situação anteriormente descrita e, ao mesmo tempo, tornar prático, acessível e dinâmico o acesso ao material.

4. MEMÓRIA DO TRABALHO

Como mencionado na introdução, a ideia de produzir um documentário que englobasse a experiência de repórteres em meio à pandemia foi consolidada somente depois de um amadurecimento do produto, que ocorreu após conversas com a orientadora e com colegas jornalistas. Eis o detalhamento do desenvolvimento do trabalho desde os primeiros momentos:

4.1. Etapas de produção

4.1.1 Pré-apuração e montagem da pauta

Quando decidi que o documentário exigiria o relato de mais pessoas e não apenas seria um produto baseado na minha experiência pessoal, o primeiro passo foi estabelecer linhas de abordagem e criar uma espécie de “esqueleto de roteiro” para, somente assim, partir para procura dos entrevistados.

Tendo em vista as inúmeras possibilidades de angulações do documentário, busquei um entendimento sobre quais áreas que envolviam jornalismo e pandemia mereciam mais atenção. Selecionei, então, questionamentos acerca dos desafios enfrentados por jornalistas em meio a esse momento pandêmico que, na minha concepção, mais mereciam espaço.

A seguir, eis a pauta original do documentário, feita com o objetivo de tornar mais clara a estruturação do produto antes do pré-roteiro:

Data	25 de maio de 2020
Retranca	JORNALISMO E PANDEMIA
Temas	Pandemia de covid-19; jornalismo; condições de trabalho
Histórico/sinopse	Com o avanço da pandemia do novo coronavírus, cresce a preocupação dos profissionais que compõem a linha de frente. Os jornalistas são um desses grupos. Além dos riscos impostos pela doença, os profissionais, principalmente em Brasília, estão sujeitos a agressões verbais e físicas. Não somente isso. Há cortes salariais e reduções de jornadas. De que forma todos esses desafios afetam o fazer jornalístico?
Enfoque/encaminhamento	Iremos escutar jornalistas que compõem a linha de frente do

	jornalismo, atuando no mercado de trabalho. A ideia é explorar, a partir de uma visão difusa, quais são os múltiplos desafios enfrentados pelos profissionais durante a pandemia.
Algumas questões a serem levantadas	<ul style="list-style-type: none"> ● Há muita preocupação entre os jornalistas? ● Como era a rotina antes e depois da pandemia? ● Os jornalistas já presenciaram casos de agressões no ambiente de trabalho durante a pandemia? ● Como a situação atual afeta o rendimento dos profissionais que estão em campo? ● Há pesquisas que medem a sobrecarga de trabalho dos jornalistas em meio à pandemia? ● Quantos profissionais foram demitidos, afastados, tiveram redução de jornada? ● De que forma áreas como o telejornalismo e o jornalismo em tempo real foram afetados com a pandemia e o <i>home office</i>?

Tabela 1: Primeira pauta do documentário. Fonte: Murilo Fagundes (2020)

Definidos os temas mais relevantes para o documentário, decidi dividir o roteiro em blocos ou editorias, perpassando por problemas enfrentados pelos profissionais de imprensa em diferentes setores e em diferentes escalas. De modo a tornar o esqueleto do roteiro visual, montei um organograma com a primeira possibilidade de divisão temática do documentário e enviei à orientadora e ao editor do documentário. Eis, na imagem a seguir, o que se pensou inicialmente:



Figura 2 - Divisão inicial do produto em blocos temáticos. Fonte: Murilo Fagundes

A seguir, resumidamente, o que se pretendia com cada "bloco" do documentário e a justificativa sobre a escolha de cada tema:

- 1. As novas formas de reportar:** Nesta parte, pretendia-se entender como principalmente os jornalistas de televisão — que necessitavam de grandes aparatos, equipamentos e de ir à rua gravar pessoalmente com os entrevistados — estavam lidando com as restrições impostas pela pandemia; de que forma as entrevistas a distância afetaram a qualidade dos produtos audiovisuais e em que medida exigiu dos profissionais reinvenção e criatividade.
Desde o início, buscou-se retratar desafios variados enfrentados pelos jornalistas, não apenas aqueles relacionados à saúde e à política. O telejornalismo, nesse sentido, foi um dos campos mais afetados em relação à adaptação, principalmente no início da pandemia, quando muitos repórteres foram impedidos de ir às ruas. O *home office* também trouxe uma série de obstáculos que merecem, na visão do autor, ser esmiuçados;

2. Política & Pandemia: Um dos blocos com mais espaço do documentário, tendo em vista a proximidade de Brasília, a experiência prévia do estudante com a cobertura política e a efervescência do noticiário político no país. Aqui, pretendia-se entender como — além dos riscos sanitários enfrentados pelos jornalistas que cobrem Presidência da República e são obrigados a se aglomerar em comitês, coletivas de imprensa e eventos — os riscos físicos e morais impostos por apoiadores do presidente Jair Bolsonaro afetaram o cotidiano dos profissionais em meio à pandemia;

A política e o jornalismo político fazem parte da vivência pessoal e profissional do autor de *O Front*. Área desafiadora até mesmo antes da pandemia, voltou ao foco de agressões e questionamentos no governo do presidente Jair Bolsonaro. Não poderia ficar de fora do produto e deixar de receber expressiva atenção deste trabalho.

3. A rua não para: Nesta parte do documentário, pretendia-se explorar os desafios do jornalismo local, que não parou mesmo com as restrições sugeridas pelas organizações de saúde, e se arriscou para denunciar desvios e irregularidades na saúde pública em diversos estados do país, indo às casas de moradores e mostrando o quanto eles se afetam com a pandemia;

Jornalismo essencial, o local também enfrentou muitas adversidades, já que não parou. Inicialmente, elencou-se como um dos blocos para diversificar os campos de análise do documentário. Porém, o "jornalismo de rua" misturou-se aos depoimentos de outros repórteres entrevistados, o que já cumpriu a função pretendida. Com isso, optou-se por manter o foco no jornalismo nacional/internacional.

4. Direitos em xeque: Neste bloco, buscava-se inicialmente apontar as reduções salariais sofridas por jornalistas devido à pandemia e, ainda, a sobrecarga de trabalho tanto do home office quanto dos jornalistas que trabalham na rua, mas tiveram colegas demitidos e, conseqüentemente, equipes reduzidas;

O pano de fundo do documentário são as condições de trabalho dos jornalistas. Entre as mais marcantes alterações no dia a dia dos profissionais, estão os cortes de direitos e de remuneração. Foi tema listado desde o início do projeto.

- 5. Lá fora é diferente?:** Neste espaço, a ideia era entrevistar jornalistas que trabalhavam como correspondentes, fora do Brasil, e entender como a cobertura jornalística se deu em outras sociedades; saber se houve os mesmos desafios e como foi a percepção da população em relação à cobertura da pandemia

É importante traçar um paralelo entre a situação do Brasil com a de outro país. Pelas semelhanças entre as políticas adotadas pelos presidentes Jair Bolsonaro e Donald Trump, julgou-se necessário trazer ao trabalho uma visão de fora para notarmos semelhanças e diferenças entre os tratamentos conferidos aos profissionais nos dois países.

4.1.2 Produção

Já com o esqueleto do roteiro criado e aprovado pela equipe, parti para o próximo passo: contatar e convidar jornalistas que compunham a linha de frente e que se encaixavam em cada “bloco”. Optou-se por escolher esses profissionais por se encaixarem nos campos aqui previamente apresentados e definidos.

Os primeiros contatos com os profissionais de imprensa aconteceram na última semana de maio. De início, optei por procurar jornalistas que cobriam diariamente a Presidência da República e a agenda do presidente Jair Bolsonaro para compor o bloco “Política & Pandemia”. Dos procurados, todos aceitaram participar. São eles: Daniel Carvalho, repórter de jornal impresso (*Folha de S. Paulo*), Maurício Ferro, repórter de jornal digital (*Poder360*), e Julliana Lopes, repórter de televisão (*CNN Brasil*). Vale ressaltar que a minha experiência prévia nos locais de cobertura política como estagiário de uma agência de notícias, a *Bloomberg*, foi de grande importância para conseguir o contato dos entrevistados, que eram colegas de trabalho.

Tendo realizado a primeira sequência de entrevistas com os setoristas de Brasília, parti para o bloco “As novas formas de reportar” e procurei o jornalista Murilo Salviano,

egresso da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília e hoje repórter da *TV Globo*. O contato, feito por WhatsApp, foi prontamente atendido por ele, a fim de auxiliar no trabalho acadêmico.

No mesmo dia da entrevista com Salviano, entrevistei Maria José Braga, presidente da FENAJ (Federação Nacional dos Jornalistas), com o intuito de entender como a organização entendia os ataques sofridos por jornalistas e de que forma monitorava a situação da pandemia nas redações. Inicialmente, a ideia era inserir a participação de Braga no bloco “Direitos em xeque”, porém, depois da edição final, alocamos seus depoimentos em partes diversas do documentário. O contato com ela foi feito inicialmente via e-mail da FENAJ.

Para finalizar a apuração do bloco “As novas formas de reportar”, resolvi focalizar o trabalho de jornalistas que estavam em home office e precisaram alterar suas rotinas, antes nas redações, para o trabalho em suas residências. Resolvi entrevistar, então, um casal de jornalistas casados, Rachel Gamarski (editora da Agência Bloomberg) e Renato Andrade (coordenador do jornal *O Globo*), para entender como lidaram com a rotina em teletrabalho e de que forma se adaptaram ao trabalho em dois veículos diferentes em uma mesma casa. Vale ressaltar, aqui, que trabalhei com Gamarski na Bloomberg, o que também facilitou o contato.

A seção que se desenrolou com mais dificuldades foi a “Lá fora é diferente?”, que buscava entrevistar jornalistas correspondentes, fora do país. Foram feitos convites a quatro correspondentes, de quatro veículos diferentes, mas apenas um contato foi bem-sucedido. Dois deles não responderam, e uma repórter topou participar, mas não conseguiu disponibilidade e não respondeu aos diversos pedidos. Entrevistei o jornalista de longa carreira Kennedy Alencar, que, hoje, é correspondente do portal UOL e da rádio CBN em Washington.

Neste ponto da apuração, após conversas com a orientadora, decidi não seguir com o bloco “A rua não para”. Havia o receio de excesso de entrevistas por Zoom e a consequente monotonia do documentário. Além disso, o foco político foi automaticamente ganhando espaço do roteiro, então decidiu-se concentrar a apuração nesse polo, focalizando os desafios, os riscos físicos e sanitários no eixo da cobertura política.

Entre as últimas entrevistas, solicitei à *Agência Pública*, agência de jornalismo investigativo independente e sem fins lucrativos, uma entrevista com as repórteres responsáveis pela reportagem “Jornalistas arriscam a vida na crise do coronavírus em meio a

demissões, cortes de salário e agressões do presidente”²⁰, publicada em 11 de maio de 2020. Na reportagem, Julia Dolce e Alice Maciel denunciam que a maioria das redações sofre cortes de pelo menos 25% dos salários, que demissões afetavam jornalistas em veículos de vários estados e apontavam a sobrecarga de trabalho e o risco de contaminação na rotina dos profissionais. Também pedi à Pública que usasse trechos da reportagem no documentário. Tanto a entrevista quanto o uso de citações da matéria foram autorizados. Entrevistei, então, a repórter Julia Dolce para *O Front*.

4.1.3 Apuração

Antes de conduzir as entrevistas, algumas perguntas-chaves foram listadas para haver uma linha de unidade entre os depoimentos. Obviamente, foram adaptadas a depender da situação de cada um dos repórteres com quem conversei. As perguntas foram escolhidas de acordo com o perfil de cada repórter e a fim de atender às pautas dos blocos previamente definidos. Muitas foram elaboradas conforme o desenrolar das entrevistas. Vale ressaltar que as listas de perguntas têm tamanhos distintos devido às agendas mais ou menos apertadas dos entrevistados. Eis as pautas de cada uma das entrevistas:

I. Daniel Carvalho, repórter setorista de Presidência da República

- A. Como era sua rotina antes da pandemia e como está o trabalho agora, em meio à pandemia?
- B. A partir de qual momento você percebeu essa crescente de agressões a jornalistas?
- C. Você sente que os colegas estão preocupados? E qual é seu nível de preocupação tanto com a ameaça sanitária quanto com as agressões diárias a jornalistas?
- D. Você considera a cobertura em meio à pandemia, somada à da crise política, um dos maiores desafios jornalísticos dos últimos tempos?
- E. Na sua avaliação, a população enxerga a essencialidade do jornalismo? E você considera que o jornalismo é ainda mais essencial em meio à pandemia?

²⁰ DOLCE, J & MACIEL, A. Jornalistas arriscam a vida na crise do coronavírus em meio a demissões, cortes de salário e agressões do presidente. Agência Pública, São Paulo, 11 mai. 2020. Disponível em: <https://apublica.org/2020/05/jornalistas-arriscam-a-vida-na-crise-do-coronavirus-em-meio-a-demissoes-cortes-e-salario-e-agressoes-do-presidente/>. Acesso em: 15 out. 2020.

- F. Quais são os desafios de se fazer uma cobertura multifocal, ou seja, que precisa estar atenta a tantas crises de uma só vez: sanitária, política, econômica?

II. Maurício Ferro, repórter setorista de Presidência da República

- A. Como tem sido a cobertura desde o começo da pandemia? Eu gostaria que você me relatasse a sua rotina antes da pandemia e, agora, depois da pandemia.
- B. Em questão de estrutura, mudou alguma coisa? As coletivas presenciais continuam, certo?
- C. Quando você soube que precisaria ir todos os dias para cobertura, o que pensou? Avaliou o risco que estaria correndo?
- D. Recentemente alguns veículos decidiram suspender a cobertura no Palácio da Alvorada. Como você viu isso e para você como é continuar na cobertura do palácio?
- E. Mas você entende que abandonar a portaria do Palácio foi uma resposta à falta de segurança? E à falta de ação dos responsáveis pela segurança?
- F. Colocando na balança o risco sanitário, as agressões verbais e físicas a jornalistas, você viu os colegas mais tensos. A cobertura ficou mais tensa?
- G. Você acha que as pessoas têm noção da essencialidade do jornalismo e, principalmente agora na pandemia, sente que o jornalismo é visto como essencial?
- H. Você questiona o seu fazer jornalístico em um momento como este? Faz essa avaliação? E como acha que o jornalismo lida com uma cobertura tão multifocal, com tantas crises?

III. Julliana Lopes, repórter setorista de Presidência da República

- A. Como era a sua rotina antes de a pandemia chegar ao Brasil e agora o que mudou?
- B. Quando você soube que a pandemia tinha chegado e que essa rotina de trabalho teria de mudar, te assustou? O que que você pensou?
- C. Sobre a ameaça sanitária no dia a dia, você sente que está exposta? Como é para você estar na linha de frente?
- D. Você está sujeita a aglomerações no dia a dia, às vezes imprevisíveis, certo? Acontecem no Palácio da Alvorada e quais outros lugares?

- E. Numa hora dessas, de necessidade de aglomeração, o que você pensa?
- F. Além do risco sanitário, a gente tem visto também um crescimento das agressões verbais principalmente no Palácio da Alvorada. Você também se sente ameaçada nessa situação e como é para você estar ali nesse ambiente hostil em relação à imprensa?
- G. Levando em consideração que a gente tem uma cobertura de uma crise política difícil e também na parte sanitária, somadas a essas agressões e verbais e físicas, você sente que os colegas estão em um nível de exaustão, insegurança e medo elevado?
- H. Você já cobriu várias outros episódios da política. Considera que este momento é um dos maiores desafios da cobertura jornalística nos últimos tempos?
- I. Estamos na linha de frente porque o jornalismo é atividade essencial. Mas muita gente ainda questiona isso. Você acha que as pessoas enxergam a essencialidade do jornalismo?
- J. Logo depois que alguns veículos suspenderam a cobertura do Palácio da Alvorada, você foi interrompida em uma entrada ao vivo. Como você se sentiu naquele momento?
- K. Qual legado a cobertura dessa pandemia deixa?

IV. Murilo Salviano, repórter de televisão

- A. Como está sendo esse processo de apuração e de fazer jornalismo durante a pandemia?
- B. Você já se adaptou a essa nova rotina de gravação de entrevistas à distância?
- C. Você fez uma entrevista que, digamos, causou a demissão de um ministro por videoconferência. Como foi?
- D. Você produziu uma reportagem que incentivava o isolamento de uma forma muito didática, a dos palitinhos, que inclusive ficou muito famosa nas redes. Como foi o processo de criação?

V. Maria José Braga, presidente da FENAJ (Federação Nacional dos Jornalistas)

- A. Sobre a questão do risco sanitário a fenaj já levantou dados sobre infectados?
- B. Qual é o perfil dos jornalistas infectados e mortos?

- C. Temos visto uma escalada das agressões a jornalistas principalmente na cobertura da presidência da república. Além do risco sanitário, jornalistas estão expostos a outros riscos. Como a FENAJ analisa esse momento?
- D. Alguns jornalistas têm sentido medo, pressionados psicologicamente. Como a FENAJ tem falado com os jornalistas nesse momento difícil?
- E. A FENAJ avalia que há possibilidade, uma janela aberta no pós-pandemia para passsaralhos, possíveis novos cortes?
- F. Você entende que a sociedade valorizou mais o jornalismo na pandemia?

VI. Rachel Gamarski e Renato Andrade, editora e coordenador de jornalismo

- A. Como está sendo a rotina do casal jornalista hoje, em *home office*, e como era antes da pandemia?
- B. Como vocês lidaram com isso de ter de trabalhar os dois juntos em casa, dois jornalistas de dois veículos diferentes em uma mesa de jantar?
- C. O que foi mais difícil para vocês, o que exigiu mais adaptação?
- D. Do que os dois mais sentem falta do trabalho presencial?
- E. Como é a troca de vocês em relação às notícias, à adaptação e ao dia a dia do trabalho?
- F. Você, Renato, como coordenador o que tem indicado para os repórteres? Tem pedido para eles irem às ruas?

VII. Kennedy Alencar, jornalista correspondente em Washington (EUA)

- A. Quais são os desafios neste momento da cobertura jornalística nos Estados Unidos, com pandemia e eleições?
- B. Consegue enxergar semelhanças entre a cobertura no Brasil e nos Estados Unidos neste momento desafiador?
- C. Aqui no Brasil, nós vimos replicação do discurso dos apoiadores principalmente no cercadinho do Palácio da Alvorada. Nos Estados Unidos, isso também acontece?
- D. Como você vê a evolução tanto nos Estados Unidos quanto aqui no Brasil dos ataques a jornalistas? Percebe que há uma mudança de estratégia dos governantes quanto aos ataques à imprensa?
- E. Como tem sido cobrir o movimento antimáscara nos Estados Unidos e qual tem sido a função da Imprensa na conscientização?

- F. Em coletivas de imprensa, quebra-queixos, você tem percebido que os jornalistas estão expostos ou você acha que tem se preocupado com a proteção dos profissionais, por exemplo, na Casa Branca?
- G. Nas coberturas, há incentivo a aglomeração dos jornalistas?
- H. Como devemos olhar para essa cobertura daqui a alguns anos?

VIII. Júlia Dolce, repórter investigativa

- A. De onde veio a ideia e como foi o processo de escrever uma matéria que mostrou os ataques sofridos por jornalistas, incluindo a ameaça sanitária, os cortes salariais e as demissões em redações de jornais?
- B. Vocês entrevistaram duas pessoas - com nomes fictícios Lígia e Eric - que foram demitidas e tiveram cortes salariais. Como foi entrevistar essas pessoas?
- C. Mesmo com sigilo da fonte e com todas as informações resguardadas, os jornalistas não quiseram falar? Você elenca algum caso específico?
- D. Você considera que este momento é um dos momentos nos quais os direitos dos jornalistas estão mais em xeque?
- E. Qual o sentimento você teve em todas essas conversas com jornalistas? Foi medo, foi pressão, o que você sentiu?

Devido às restrições impostas pela pandemia do novo coronavírus, as entrevistas de *O Front* foram todas feitas à distância. Assim como vários programas jornalísticos e veículos online fizeram durante o surto do novo coronavírus, recorreu-se aqui a plataformas de videoconferência, mais especificamente o Zoom, para superar a impossibilidade da gravação presencial e, por fim, concebeu-se o produto sem prejuízos.

A seguir, o cronograma de marcação das entrevistas e a duração da gravação dos arquivos extraídos do Zoom:

Entrevistado	Data	Duração da gravação
Daniel Carvalho	27 de maio de 2020	36 min.
Maurício Ferro	31 de maio de 2020	23 min.

Julliana Lopes	1 de junho de 2020	28 min.
Murilo Salviano	2 de julho de 2020	21 min.
Maria José Braga	2 de julho de 2020	18 min.
Rachel Gamarski e Renato Andrade	4 de julho de 2020	25 min.
Kennedy Alencar	14 de julho de 2020	22 min.
Júlia Dolce	17 de julho de 2020	22 min.

Tabela 2: Cronograma de entrevistas. Fonte: Murilo Fagundes (2020)

Além das entrevistas, outra parte que compôs a apuração foi a busca por imagens de arquivo. Criado o roteiro, naturalmente, episódios da cena política e acontecimentos citados pelos entrevistados foram surgindo e, logo após a coleta do material via Zoom, partiu-se para a ambientação desses ocorridos por meio de imagens de arquivo. A maioria foi retirada do YouTube, mais especificamente de canais de veículos jornalísticos na plataforma, como: *Poder360*, *Estadão*, *TV Folha*. Recorreu-se também a imagens de arquivo dos próprios entrevistados, como foi o caso dos vídeos de agressões a jornalistas captados por Daniel Carvalho. Todos os vídeos foram devidamente creditados.

Outra estratégia utilizada para ampliar a cartela de imagens que fugissem à monotemática captação de depoimentos por Zoom foi o uso de drone. Foi necessário o aluguel de um dia do equipamento para gravar imagens da Esplanada dos Ministérios, local que ambienta diversas experiências relatadas pelos entrevistados. O autor deste trabalho e o operador de drone, André Camargo, foram ao local às 5h30 de 18 de julho de 2020. Fizeram imagens aéreas da Torre de TV, dos ministérios e de parte do Congresso Nacional. A captação do Palácio do Planalto, também pretendida, foi impossibilitada devido a restrições impostas pelo Gabinete de Segurança Institucional (GSI) da Presidência da República.

No mesmo dia das gravações da Esplanada, em 18 de julho, às 12h, foi gravada uma passagem na janela do apartamento do autor deste trabalho. A ideia era referenciar a rotina de jornalistas que trabalham em *home office* e utilizar a passagem em uma transição de blocos. A inspiração veio do projeto “Entrevista na Janela”, do jornal *O Globo*. Na série feita com drones, a jornalista responsável entrevista personalidades pelo celular enquanto o equipamento capta a imagem do entrevistado na varanda ou na janela.



Figura 3 - A atriz Fernanda Torres é entrevistada à distância na série Entrevista na Janela. Fonte: *Jornal O Globo/YouTube*



Figura 4 - Trecho do documentário *O Front* que utiliza drone para gravação de uma passagem. Fonte: *O Front (2020)*

4.1.4. Pós-produção

A. Concepção gráfica

A identidade visual do documentário e das publicações feitas no Instagram e no Youtube foram idealizadas pelo autor do projeto e executadas pelo editor de vídeo e responsável pela montagem final do produto, Rafael Stadniki. Buscou-se o minimalismo, com fontes sem serifa e paleta de cores básica, composta por preto, branco e cinza.

A escolha da paleta foi baseada nos jornais impressos do século 10 e 20, quando aconteceu o surto de gripe espanhola. Como há referências no início e do fim do documentário a esse momento histórico, inclusive com a exposição de páginas dos jornais, optou-se por manter esse padrão visual. Eis a sequência de cores utilizada:

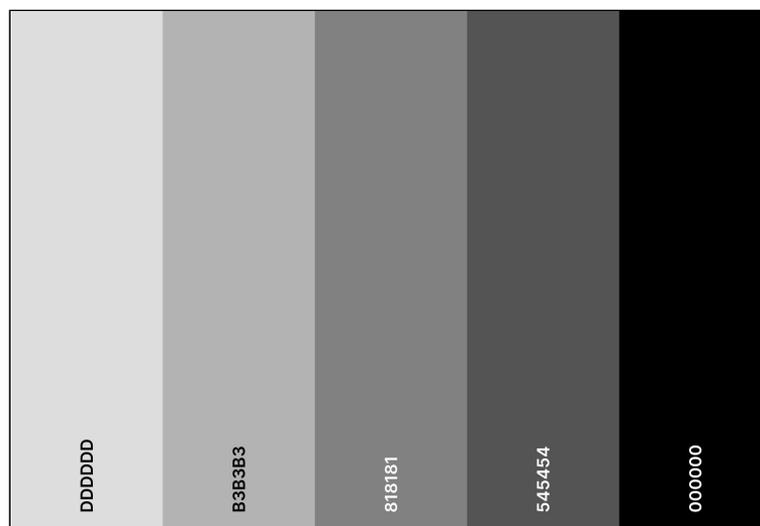


Figura 5 - Paleta de cores utilizada em *O Front*. Fonte: Murilo Fagundes/Coolors

O rascunho do logotipo de *O Front* foi desenhado por mim e enviado a Stadniki para que ele, ao entender a referência, reproduzisse no produto final. Eis a primeira ideia de logo, concebida em 9 de julho de 2020:



Figura 4 - Logotipo inicial de *O Front*. Fonte: Murilo Fagundes

A seguir, a versão final da logo, veiculada no documentário e no Instagram que divulga o produto:



Figura 6 - *Frame* da abertura de *O Front*. Fonte: Murilo Fagundes



Figura 7 - *Frame* do trailer de divulgação de *O Front*. Fonte: Murilo Fagundes

A fonte utilizada no documentário e nas publicações adicionais foi a **Aileron**, cuja família tipográfica está exibida na imagem a seguir:



Figura 8 - Família tipográfica Aileron. Fonte: Site FontSquirrel

Na logo, utilizamos a Aileron Light. Já em GCs, créditos e outros textos, foi usada a Aileron Bold. A ideia foi estabelecer um contraponto entre os dois formatos, mas sem deixar o minimalismo proposto anteriormente.

Entre as referências para o documentário e para o trailer de divulgação de *O Front*, pode-se citar aqui o trailer da série documental *FRONTLINE*, da emissora *PBS*, veiculado no YouTube para divulgar a cobertura das eleições presidenciais dos Estados Unidos, em 2020:



Figura 9 - *Frame* do trailer da série documental *FRONTLINE*. Fonte: PBS/YouTube

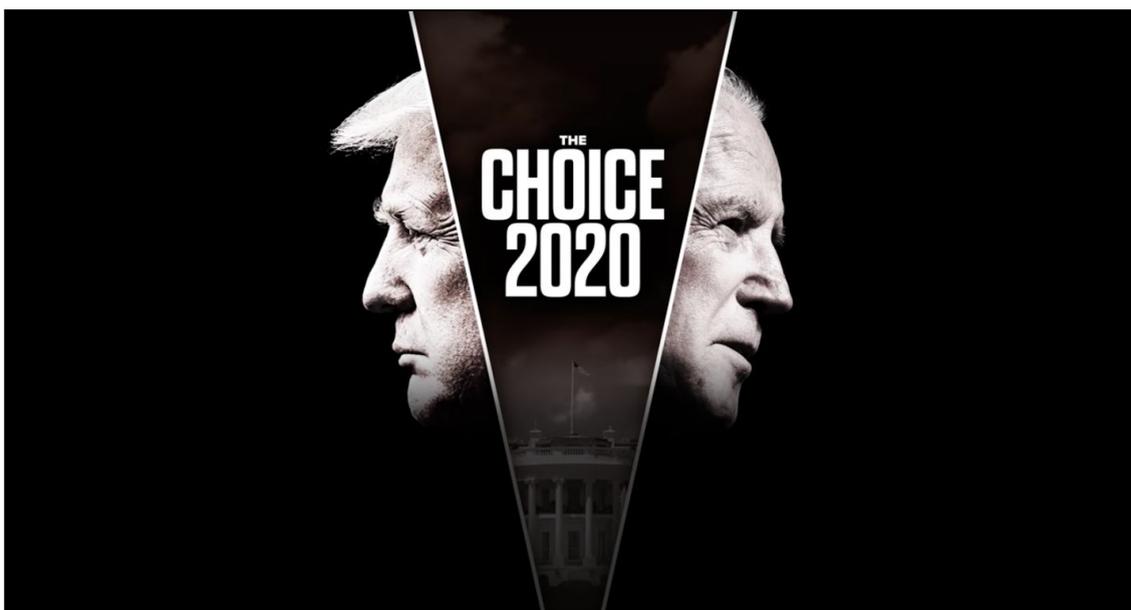


Figura 10 - *Frame* do trailer da série documental *FRONTLINE*. Fonte: PBS/YouTube

B. Concepção sonora

A trilha sonora de *O Front* foi, quase na totalidade, retirada do *YouTube Audio Library*, plataforma na qual as músicas estão sob licença de *creative commons 4.0*, permitindo o uso gratuito para fins não comerciais. Apenas a trilha sonora de encerramento do documentário foi retirada do filme *Berlim na Batucada*, de 1944, que está em domínio público. No filme, que também trata de carnaval, assim como propõe o fim documentário, um produtor norte-americano viaja para o Rio de Janeiro com a esperança de aproveitar ao máximo a tradicional festa do país.

C. Refações

Foram três as versões refeitas do documentário pós-produzido. Todas as correções sugeridas tanto por mim quanto pela orientadora na primeira versão do produto pronto estão listadas no apêndice II do trabalho.

4.2. Planilha de gastos

Itens	Valores
Aluguel de drone	R\$250

Tabela 3: Planilha de gastos. Fonte: Murilo Fagundes (2020)

4.3. Veiculação no documentário na internet

O Front será disponibilizado primeiramente à banca avaliadora por meio de link enviado junto a este memorial. O documentário será lançado ao público na apresentação virtual a ser realizada em 10 de dezembro de 2020. A íntegra do documentário também será publicada no canal do projeto no YouTube, que pode ser acessado pelo link: <https://www.youtube.com/channel/UCRrV8FHo9--zYgZad9wOeFw>.

Vale ressaltar que, desde 17 de setembro de 2020, *O Front* mantém uma conta no Instagram (@ofrontdocumentario). Até 24 de novembro, a página contava com 337 seguidores. As informações sobre a conta estão detalhadas abaixo:



Figura 11 - Faixa etária média dos seguidores de @ofrontdocumentario. Fonte: Instagram

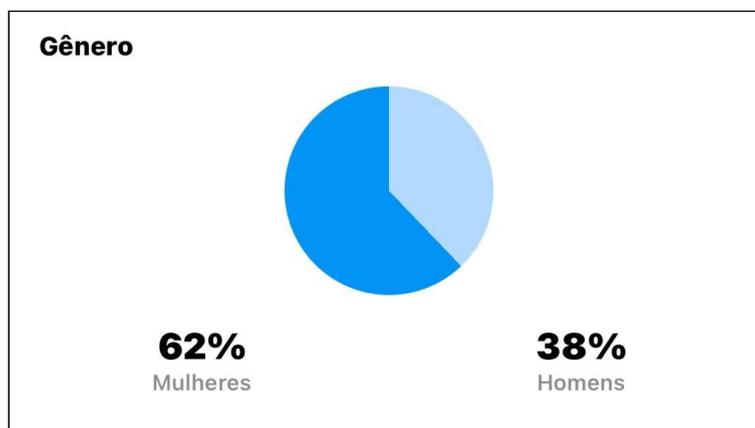


Figura 12 - Divisão dos seguidores de @ofrontdocumentario por gênero. Fonte: Instagram

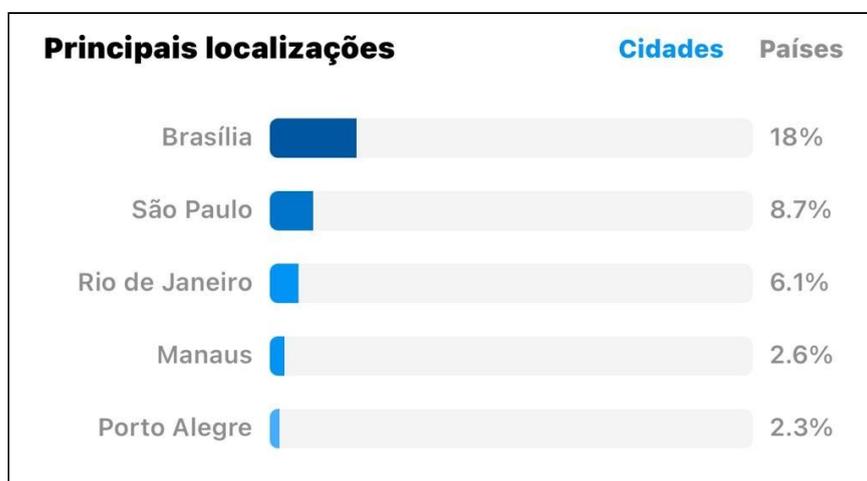
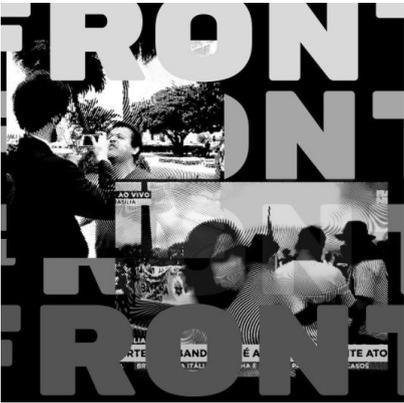


Figura 13 - Principais localizações dos seguidores de @ofrontdocumentario. Fonte: Instagram

O principal objetivo de criar a página oficial do documentário no Instagram foi divulgar o projeto e consolidar uma base fixa de prováveis espectadores do projeto quando este for publicado.

Adotou-se um padrão visual com inserções de cenas do documentário, além de legendas que indicam pontos focais do roteiro do produto. Eis as publicações:

Data	Legenda da publicação	Miniatura da foto
17 de setembro	Os desafios de produzir notícia nas ruas e dentro de casa. “O Front” — Jornalistas em meio à pandemia. Em breve!	
17 de setembro	A cobertura do poder em meio à maior crise sanitária da história. Em “O Front”. Aguarde!	
17 de setembro	Além da ameaça sanitária, os riscos impostos aos jornalistas pelas agressões físicas e verbais. Em “O Front”.	

<p>7 de novembro</p>	<p>Passados 100 anos do surto de gripe espanhola, o jornalismo, mais uma vez, cumpre sua função: a de instruir a população sobre uma doença tão devastadora. Mas, agora, enfrenta novos desafios. #OFront #Trailer11Novembro</p>	
<p>7 de novembro</p>	<p>11/11 #OFront</p>	
<p>7 de novembro</p>	<p>Em #OFront, depoimentos de jornalistas que estão, todos os dias, na dianteira da busca por informação. É a história sendo contada por quem faz parte dela. #Trailer11Novembro</p>	
<p>11 de novembro</p>	<p>Habemus trailer! A cobertura jornalística durante a pandemia do novo coronavírus e os múltiplos desafios da reportagem em um momento histórico. Veja em “O Front”. Dezembro/2020.</p>	

Tabela 4: Publicações no Instagram @ofrontdocumentario. Fonte: Murilo Fagundes (2020)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O documentário é, em essência, uma ferramenta poderosa com o objetivo de estabelecer uma representação do mundo. Ressalvados os alertas de teóricos para o caráter falsamente totalizante do gênero não-ficcional, é possível entendê-lo como um instrumento audiovisual importante para estabelecer enunciados assertivos que retratem situações vivenciadas por atores de diversos campos e, mais do que isso, para demarcar o caráter autoral de quem o retrata.

Enquanto a reportagem busca a objetividade, o documentário se sustenta no ponto de vista e nas experiências prévias de quem o dirige e de quem participa como entrevistado. Porém, não somente o caráter autoral é peça-chave do gênero documentário. Somam-se a isso o uso de imagens de arquivo, de depoimentos articulados, a utilização de montagens ficcionais que simulam fatos e a narrativa linear.

O propósito do documentário *O Front* é justamente unir todas essas características em um material pontual, direto e que retrate as experiências de jornalistas que compuseram a linha de frente da reportagem em 2020, durante a pandemia de covid-19. Entre as justificativas para retratar esse tema, destacam-se a minha experiência prévia na cobertura política em Brasília e a intenção de aprender com a elaboração de um produto audiovisual na reta final do curso de jornalismo da Universidade de Brasília (UnB).

Sem dúvidas, a produção deste trabalho foi uma experiência marcante para mim. Nasceu de um plano B, haja vista a impossibilidade da concretização de uma viagem antes planejada devido ao surto do novo coronavírus, e mostrou-se muito relevante, com impacto social direto principalmente no campo jornalístico. Superados os receios iniciais, foi uma jornada de apuração, edição e produção muito positiva, a qual agregou diversos ensinamentos e aprendizados ao meu repertório como jornalista e me fez entender e elencar desafios da minha área de atuação.

Nota-se, desse modo, o uso social do documentário como um amplificador de experiências importantes, como é o caso da atuação jornalística, profissão essencial na sociedade moderna, e de seus percalços em um momento de cobertura histórico. Com a exibição do projeto em uma plataforma como o YouTube, o trabalho acadêmico tomará novas dimensões e chegará a pessoas não somente do ambiente acadêmico. Reforça-se, com

isso, a importância de publicar conteúdos jornalísticos em plataformas online, tornando prático e dinâmico o acesso ao material.

Sob o contexto pessoal do autor, *O Front* foi a concretização de um desejo antigo de produzir um trabalho audiovisual robusto e estruturado. Desde o início do curso na Faculdade de Comunicação, tinha o objetivo de me aprimorar no campo do telejornalismo e da linguagem documental, o que foi viável nos derradeiros semestres da graduação. Ademais, foi possível unir esse desejo a uma pauta pulsante e viva na minha rotina: o jornalismo político.

Como estou há mais de dois anos atuando como estagiário e, agora, como repórter no Esplanada dos Ministérios e na cobertura do Poder em Brasília, pude acompanhar de perto as aflições e as superações vivenciadas por colegas jornalistas. Ter a oportunidade de registrar esses desafios e o trabalho dos profissionais em meio a um momento tão marcante na carreira deles e na minha foi edificador, muito gratificante.

Em suma, a partir de *O FRONT: JORNALISTAS EM MEIO À PANDEMIA*, percebemos que a função do jornalista é, sim, essencial, ainda mais em momentos convulsionados como estes do surto do novo coronavírus no Brasil e no mundo. Contudo, não se pode deixar de notar a resistência de setores da sociedade, até mesmo do governo, em respaldar e cancelar o trabalho dos profissionais, imputando a eles desafios adicionais no dia a dia da cobertura.

O que se espera daqui para frente é a valorização contínua do jornalismo profissional, o respeito dos governantes e da sociedade para com os jornalistas, o respaldo das empresas a partir de condições dignas de salário e de direitos e, cada vez mais, a defesa do bom jornalismo, com liberdade de expressão, coberturas edificadoras e valorização da atividade asseguradas.

Após seis meses de trabalho, *O Front* tornou-se realidade e pode ser acessado no YouTube, a partir do link <<https://youtu.be/GLqNVPhG2Vo>>.

REFERÊNCIAS

- AMAZON. **Alexa, 2020.** Top Sites in Brazil. Disponível em: <<https://www.alexa.com/topsites/countries/BR>>. Acesso em: 20 out.2020.
- brasileiros. Disponível em: <<http://www.fenaj.org.br>>. Vitória (ES), 2007. Acesso em: 10 set. 2020.
- BRASIL. **Decreto de 16 de abril de 2020. Exonera Luiz Henrique Mandetta do cargo de Ministro de Estado da Saúde.** Diário Oficial da União, Brasília, 16 abr. 2020. Seção 2-extra, p. 1.
- CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO (CETIC). **TIC Domicílios - principais resultados.** 26 maio 2020. Disponível em: <https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2019_coletiva_imprensa.pdf>
- DINES, Alberto. **YouTube revoluciona acesso à informação.** 2007. Portal IG. In: KESKE, Rafael: YouTube, a nova face do jornalismo digital na Internet. Disponível em: <<https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/bitstream/handle/123456789/4945/Rafael%20Keske.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em outubro de 2020.
- DISTINTAS LATITUDES. **Adiós en cobertura,** 2020. Página inicial. Disponível em: <<https://adioscobertura.distintaslatitudes.net/>>. Acesso em: 20 nov.2020.
- DOLCE, J & MACIEL, A. **Jornalistas arriscam a vida na crise do coronavírus em meio a demissões, cortes de salário e agressões do presidente.** Agência Pública, São Paulo, 11 mai. 2020. Disponível em: <https://apublica.org/2020/05/jornalistas-arriscam-a-vida-na-crise-do-coronavirus-em-meio-a-demissoes-cortes-de-salario-e-agressoes-do-presidente/>. Acesso em: 15 out. 2020.
- FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros.** Vitória, agosto de 2007.
- _____. **Em nove meses, Bolsonaro cometeu 299 ataques ao jornalismo.** Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ). 14 out 2020. Notícias. Disponível em: <https://fenaj.org.br/nove-meses-bolsonaro-299-ataques/>. Acesso em: 5 nov. 2020.
- _____. **MP 936 afeta mais de 4 mil jornalistas.** Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ). 16 jul 2020. Notícias. Disponível em: <https://fenaj.org.br/mp936-afeta-mais-de-4-mil-jornalistas/>. Acesso em: 20 nov. 2020.
- _____. **Pesquisa: covid19 entre jornalistas e condições de trabalho.** Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), 2020. Disponível em: <<https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2020/06/pesquisa-covid-2020.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2020.
- FOLHA DE S. PAULO. **Leia a íntegra do discurso de Bolsonaro na cerimônia de posse**

no Congresso. Folha de S. Paulo, São Paulo, ano 98, n. 32781, 2 janeiro 2019. Disponível em:
<<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/leia-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-na-cerimonia-de-posse-no-congresso.shtml>>. Acesso em: 29 set. 2020.

FRANCISCO SÁNCHEZ, José; LÓPEZ PAN, Fernando. **Tipologías de géneros periodísticos em España.** Hacia um nuevo paradigma, 1998. Citado em OLIVEIRA, Laura Márcia Magalhães & SEIXAS, Lia, **A Reportagem Enquanto Gênero Jornalístico.** Intercom. Recife, PE: 2011.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência.** 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística.** Rio de Janeiro: Record, 2003. Disponível em:
<https://nilsonlage.com.br/wp-content/uploads/2017/10/Teterep-1.pdf>. Acesso em set. 2020.

LEÃO, A. L. **Óbvio que antecipar uso da cloroquina teve peso, diz Teich sobre saída do Ministério da Saúde.** O Globo, São Paulo, 24 mai. 2010. Disponível em:
<https://oglobo.globo.com/sociedade/obvio-que-antecipar-uso-da-cloroquina-teve-peso-diz-teich-sobre-saida-do-ministerio-da-saude-24443783>. Acesso em: 12 ago. 2020.

MEDINA, Cremilda. **JORNALISMO E COMPROMISSO SOCIAL: a arte do diálogo e das vozes plurais em Cremilda Medina.** [Entrevista concedida a] Ana Lúcia Medeiros. Revista Latino-americana de Jornalismo, João Pessoa, volume 4, número 2, p. 193-205, julho/dezembro, 2017.

MELO, Cristina T. V. de, GOMES, Isaltina M & MORAIS, Wilma. **O DOCUMENTÁRIO JORNALÍSTICO, GÊNERO ESSENCIALMENTE AUTORAL.** Intercom, Campo Grande (MS), 2001. Disponível em:
<<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/11572121297094948981203363898082664337.pdf>>. Acesso em out. 2020.

MELO, Cristina Teixeira Vieira de. **O documentário como gênero audiovisual.** Comun. Inf., v. 5, n. 1/2., p. 25-40. jan./dez. 2002. Disponível em:
<https://revistas.ufg.br/ci/article/viewFile/24168/14059> . Acesso em out. 2020.

NICHOLS, Bill (2009), **Introdução ao documentário,** Tradução de Mônica Saddy Martins, 4ª edição, Campinas: Papyrus, 2009.

ODIN, Roger. **“Film documentaire, lecture documentarissante”.** In: ODIN, R.; LYANT, J. C. (Ed.). Cinémas et réalités. Saint-Etienne: Université de Saint-Etienne, 1984, p. 263-277. Tradução de Samuel Paiva (professor adjunto do Departamento de Artes e Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Imagem e Som da Universidade Federal de São Carlos). Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/71238/74234>>. Acesso em: 20 out. 2020.

PENAFRIA, Manuela, **O filme documentário.** História, Identidade, Tecnologia.

Edições Cosmos, Lisboa, 1999.

PEREIRA, Fábio Henrique. **A entrevista no jornalismo brasileiro: uma revisão de estudos.** Estudos em Jornalismo e Mídia, Santa Catarina, v. 14, n. 2, p. 139-149, 2017.

PORTAL IMPRENSA. **Brasil é o quarto país com mais mortes de jornalistas por covid-19, diz organização.** 19 nov 2020. Notícias. Disponível em: <https://fenaj.org.br/nove-meses-bolsonaro-299-ataques/>. Acesso em: 22 nov. 2020. comunicação / Henry Jenkins ; tradução Susana Alexandria. – 2a ed. – São Paulo: Aleph, 2009.

QUEIROZ, Igor Raphael Gouveia. **O Youtube como ferramenta da cultura midiática participativa.** Universidade Federal de Alagoas, Maceió, Al. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ancora/article/view/40090/20128>. Acesso em: 22 out. 2020

RAMOS, Fernão Pessoa & CATANI, Afrânio (orgs.), **Estudos de Cinema SOCINE 2000**, Porto Alegre, Editora Sulina, 2001, pp. 192-207

SABACK, L. (2005). **Telejornalismo local.** In E. Rodrigues (Org.), No próximo bloco...: o jornalismo brasileiro na TV e na internet. Ed. PUC-Rio; Loyola.

TEMER, Ana C. R. P. & JUNIOR, Edson F. L. et al. **Jornalismo em tempos da pandemia do novo coronavírus** (Livro). Ria Editorial, 2020, pp. 328-346.

APÊNDICE

APÊNDICE I - ROTEIRO DO DOCUMENTÁRIO

ROTEIRO "O FRONT"		
Imagem	Som	Comentários
<p>Imagens do vírus, dos países, dos comércios fechando, das pessoas se aglomerando, de tweets em que as pessoas brincam, fazem teorias conspiração, imagem de tosse//</p> <p>PARALELO ENTRE 1919 E 2020</p> <p>[Fecha com a frase: <i>Trecho extraído do livro "O carnaval da guerra e da gripe, de Ruy Castro, com adaptações]</i></p>	<p>[OFF1] AINDA NÃO SE SABIA, MAS ERA UMA EPIDEMIA QUE, EM POUCOS MESES, ATINGIRIA POPULAÇÃO MUNDIAL E MATARIA MILHÕES DE PESSOAS.</p> <p>NUNCA HOVE IGUAL NA HISTÓRIA E NÃO PODERIA TER ACONTECIDO EM PIOR MOMENTO.</p> <p>LOGO CHEGARIA À ÍNDIA, AO SUDESTE DA ÁSIA, À CHINA, AO JAPÃO E ÀS AMÉRICAS CENTRAL E DO SUL. E ANTES FOSSE APENAS UMA GRIPE.</p> <p>NO COMEÇO, O CARIOCA AINDA BRINCOU, ATRIBUINDO A DOENÇA A UMA ARMA SECRETA. MAS, QUANDO SE DESCOBRIU QUE O NÚMERO DE MORTES NO RIO ESTAVA CHEGANDO A CENTENAS POR DIA, VIU-SE QUE NÃO HAVIA MOTIVO PRA RIR.</p> <p>PELOS JORNAIS, QUE CONTINUARAM A CIRCULAR, MESMO QUE REDUZIDOS A POUCAS PÁGINAS, A POPULAÇÃO ERA ACONSELHADA A EVITAR OS TRENS, E ÔNIBUS - QUE ANDASSE A PÉ, SE PUDESSE. ROGAVA-SE QUE NINGUÉM TOSSISSE, ESPIRRASSE, CUSPISSE OU SE ASSOASSE EM PÚBLICO - INÚTIL,</p>	<p>Laboratório antigo: https://www.youtube.com/watch?v=y1A0_sPiaL8</p> <p>Gripe espanhola/Cambridge University: https://www.youtube.com/watch?v=3x1aLAW_xkY</p> <p>* Imagens vírus - (0:02-0:11);(4:35-4:51);(6:34-6:51)</p> <p>* Imagens infectados - (0:18-0:49);(1:06-1:36);(2:05-2:32);(3:14-3:36);</p> <p>Curva subindo (5:39-5:48)</p> <p>RJ-Anos 20: https://www.youtube.com/watch?v=TKFIKXlaZmw</p> <p>Jornais/Gripe Espanhola:</p> <p>-</p> <p>1)https://cdn.brasildefato.com.br/media/d05bc46da54c49d0b069cc7c2272595d.jpeg²¹</p> <p>2)http://www.revistahcsm.coc.fiocruz.br/wp-c</p>

²¹ Primeira página do jornal "A gazeta de notícias", de 1918, da então capital do país, o Rio de Janeiro. - Reprodução

	<p>PORQUE, JÁ ENTÃO, A CIDADE ERA UMA TOSSE EM UNÍSSONO. outro áudio: [AS AGLOMERAÇÕES FORAM DESESTIMULADAS E, COM ISSO, A VIDA DESAPARECEU: FÁBRICAS, LOJAS, ESCOLAS, TEATROS, CINEMAS, CONCERTOS, RESTAURANTES, BARES, TRIBUNAIS, CLUBES, ASSOCIAÇÕES, ATÉ BORDÉIS, TUDO FECHOU.</p> <p>CHAMARAM-NA DE GRIPE ESPANHOLA.]</p>	<p>ontent/uploads/2020/03/Grande_epidemia.jpg²² 3)https://imagens.brasil-elpais.com/resizer/YTDwy66IrkMtHcz1EFt17DY5B0=/1500x0/c/loudfront-eu-central-1.images.arcpublishing.com/prisa/JPRATJWYRFHDHBXZPFARZOYZOE.jpg²³</p>
	<p>[PASSAGEM1] EM 2020, A HISTÓRIA SE REPETE. E MAIS UMA VEZ, ASSIM COMO HÁ CEM ANOS, COUBE AO JORNALISMO ACONSELHAR A POPULAÇÃO A EVITAR AGLOMERAÇÕES, TOMAR OS CUIDADOS DEVIDOS E A SE CONSCIENTIZAR QUANTO AO RISCO DA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS. MAS, DESTA VEZ, COM NOVOS DESAFIOS.</p>	
POLÍTICA & PANDEMIA		
<p>Imagens Drone Esplanada vazia, front do Palácio</p>	<p>[OFF 2] DESDE A CONFIRMAÇÃO DO PRIMEIRO CASO DO NOVO CORONAVÍRUS NO BRASIL, EM 26 DE FEVEREIRO DE 2020, MUITO ACONTECEU. PARALELAMENTE À ESCALADA DA DOENÇA NO PAÍS, CRISES POLÍTICAS DIVIDIRAM OS NOTICIÁRIOS E A ATENÇÃO DOS BRASILEIROS.</p>	
<p>Imagens arquivo: MORO - (30:00-30:30) WEINTRAUB B(1;43-1:50)</p>	<p>[OFF 3] AS DEMISSÕES ACALORADAS DE TRÊS MINISTROS DO GOVERNO-- SÉRGIO MORO, DA JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA, E ABRAHAM WEINTRAUB, DA EDUCAÇÃO; ALÉM, CLARO, DA SAÍDA TUMULTUADA DE LUIZ HENRIQUE MANDETTA; A SUPOSTA INTERFERÊNCIA</p>	

²² O jornal Gazeta de Notícias destaca na primeira página o caos no Rio de Janeiro dominado pela gripe espanhola em 1918. Imagem: Acervo Biblioteca Nacional.

²³ Jornal A Noite critica a prefeitura do Rio por forçar cidadãos comuns a enterrar cadáveres durante a epidemia de 1918 (imagem: Biblioteca Nacional) BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL / BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL

<p>BOLSONAR O PF (1:13-123) VÍDEO REUNIÃO PRISÃO (0:01-0:10) PRISÃO A FAVOR (0:39-0:52) CONTRA (1:04-1:14) PODERES QUEIROZ (0:00-0:15) QUEIROZ (0:13-0:24) EDUCAÇÃO /DECOTELL I (6:15-6:30) POSITIVO (16:23-16:34)</p>	<p>DE BOLSONARO NA POLÍCIA FEDERAL; A DIVULGAÇÃO DO VÍDEO DA REUNIÃO INTERMINISTERIAL DE 22 DE ABRIL; A INVESTIGAÇÃO E A PRISÃO DE BOLSONARISTAS ACUSADOS DE ATACAR E AMEAÇAR CONTINUAMENTE OS MINISTROS DA SUPREMA CORTE; AS MANIFESTAÇÕES A FAVOR E CONTRA O GOVERNO, QUE TOMARAM AS RUAS MESMO EM MEIO À PANDEMIA; OS RECADOS ATRAVESSADOS E POUCO APRAZÍVEIS ENTRE OS PODERES DA REPÚBLICA; A PRISÃO DE FABRÍCIO QUEIROZ, EX-ASSESSOR DO SENADOR FLÁVIO BOLSONARO E AMIGO DA FAMÍLIA; A QUEDA DE OUTRO MINISTRO DA EDUCAÇÃO, QUE NEM CHEGOU A ASSUMIR O COMANDO. POR FIM, SE É QUE PODE SE FALAR EM FIM, O TESTE POSITIVO DO PRESIDENTE JAIR BOLSONARO PARA COVID-19.</p>	
<p>Imagens Daniel, Julliana e Maurício</p>	<p>[OFF 4] OS JORNALISTAS DANIEL CARVALHO, JULLIANA LOPES E Maurício FERRO ESTIVERAM NA LINHA DE FRENTE DA COBERTURA POLÍTICA E ACOMPANHARAM O DIA A DIA DE JAIR BOLSONARO E DE SEUS AUXILIARES NA CAPITAL FEDERAL.</p>	
<p>CONFUSÃO (1:09:38-1:10:10)</p>	<p>Maurício - "NO INÍCIO,... AGLOMERAÇÃO ERA REGRA... ESSE TIPO DE CONFUSÃO"</p>	<p>1:51-2:34</p>
<p>ÁGUAS LINDAS (2:02-2:45)</p>	<p>JU - "TEVE VÁRIOS MOMENTOS QUE A GENTE AGLOMEROU...ÁGUAS LINDAS...COLOCAR MICROFONE, AJUSTAR CÂMERA"</p>	<p>7:16-8:02</p>
	<p>DANIEL - "A PRINCÍPIO ERA PRA SER UMA COISA MUITO TRANQUILA...POR PERTO"</p>	<p>8:50-8:57</p>
	<p>JU - "NA HORA, A GENTE, COMO JORNALISTA... A GENTE CORREU"</p>	<p>8:14-8:30</p>

	DANIEL - "NISSO ENTROU NO AR O JORNAL HOJE...O QUE QUE EU TÔ FAZENDO?"	9:23-9:43
	JU - "TENHO MUITO MEDO...TODOS OS JORNALISTAS"	5:21-5:37
	DANIEL - "O ÚNICO LUGAR DE BRASÍLIA QUE ESTÁ TENDO COLETIVA...COMITÊS DE IMPRENSA"	2:45-3:03
	JU - "É DIFÍCIL... COMO NÃO OUVIR O PRESIDENTE, NÃO É?"	9:42-10:07
RAMPA (1:20-1:50)	DANIEL - "POR CAUSA DA ROTINA...ALVORADA... RAMPA ...OU NÃO"	5:51-6:20
	Maurício - A COBERTURA É CADA VEZ MAIS TENSA PORQUE EXISTE ESCALADA...ACONTECER ALGUMA COISA"	11:57-12:14
Imagens cercadinho do Palácio	DANIEL - "PRA EXPLICAR PRA QUEM NÃO CONHECE...APENAS UMA GRADE"	11:32-11:48
	Maurício - A GENTE É XINGADO LÁ DO INÍCIO AO FIM...A GENTE VIVE LÁ TODOS OS DIAS	12:45-13:11
	IMAGENS DE AGRESSÕES VERBAIS NO PALÁCIO (VÍDEOS NO DRIVE)	
	DANIEL - "TEM COISAS QUE A GENTE ALTEROU NO JEITO DE SE PORTAR...HOJE EU NÃO USO MAIS"	28:18-28:30
	JU - "EU JÁ PRESENCIEI AGRESSÕES FÍSICAS...MAIS SÉRIOS DESSA COBERTURA"	10:15-10:31
	LIXO (PRINT MANCHETE)	
	DANIEL - "NO DIA QUE REVIROU O LIXO , GENTE VIU QUE TAVA A MAIS...SUBIU MUITO O TOM"	15:08-15:28
	VÍDEO 'DANIEL ALVORADA 2'	0:33-0:55
	DANIEL - "FOI APAVORANTE. PELA PRIMEIRA VEZ EU TIVE MEDO..."	16:23-17:02

	ESTAVAM LÁ"	
(Vídeos no drive)	DANIEL - DE REPENTE ESTÁVAMOS SÓ NÓS E OS APOIADORES. ELES COMEÇARAM A XINGAR MUITO...NINGUÉM	17:32-17:51
	VÍDEO 'DANIEL DEFESA' (Vídeos no drive)	0:52-1:15 (LEGENDA NO RODAPÉ) ²⁴
(MANCHETE)JU INTERROMPIDA AO VIVO	JU - EU JÁ ESTAVA ME PREPARANDO PRA ISSO...NÃO ADIANTA	22:48-22:59
VÍDEO enviado por WhatsApp	VÍDEO JU SENDO INTERROMPIDA AO VIVO POR BOLSONARISTA	https://videos.bol.uol.com.br/video/reporter-da-cnn-brasil-e-atacada-ao-vivo-e-interrompe-reportagem-04020D9C306EE4B96326
	JU - "NAQUELE DIA EU ATÉ CONSEGUIRIA CONTINUAR...MEDO...PERTINHO DE MIM"	23:28-23:54
	MARIA/FENAJ- "A FENAJ TEM FEITO VARIADAS E CONSTANTES DENÚNCIAS PÚBLICAS...ENTREVISTAS COLETIVAS"	6:52-7:29
(POUT-PORRI AGRESSÕES/EPISÓDIOS)	<ul style="list-style-type: none"> ● BOLSONARO MANDA CALAR A BOCA (3:50-4:01) ● BOLSONARO ZOMBA DE JORNALISTAS (0:20-0:28) ● JORNALISTAS ESTADÃO AGREDIDOS (0:08-0:20) ● REPÓRTER DA BAND AGREDIDA (0:17-0:29) ● BOLSONARO TIRA MÁSCARA PRÓXIMO DE REPÓRTERES (22:59-23:10) ● MANCHETE 1 ● MANCHETE 2 ● MANCHETE 3 ● MANCHETE 4 	

	<ul style="list-style-type: none"> ● MANCHETE 5 ● MANCHETE 6 ● MANCHETE 7 	
	DANIEL - "DE FATO, NA HORA QUE O PRESIDENTE VAI FALAR...A ESTRUTURA, ELA NÃO É FAVORÁVEL...AO CONTRÁRIO DA CASA BRANCA"	4:34-4:47
<i>Transição Brasil-EUA</i>		
Imagens: - Casa Branca (créditos: AFP) - Coletiva de imprensa (21:24-22:49) (créditos: Yahoo Finance) - Kennedy no Capitólio (créditos: UOL) - Entrevista no Drive	KENNEDY - "A CASA BRANCA ESTABELECEU UM PROTOCOLO...USANDO MÁSCARA""	17:06-17:34
	KENNEDY - "O TRUMP NÃO MONTOU UM PALANQUE... DESCONFIADO EM RELAÇÃO À IMPRENSA"	10:38-11:03
	MURILO-"SOBRE ESSE MOVIMENTO ANTIMÁSCARA...O PAPEL DA IMPRENSA AÍ?"	14:15-14:28
	KENNEDY-"A MAIOR PARTE DA IMPRENSA..CONTRA O TRUMP NESSE PONTO""	14:31-14:35
	KENNEDY-"AQUI NOS EUA O TRUMP CONSEGUIU POLITIZAR...MUITAS PESSOAS SEM MÁSCARA"	15:49-16:09
	KENNEDY - "O TRUMP É BASTANTE AGRESSIVO, INCLUSIVE, COM AS REPÓRTERES MULHERES...BOLSONARO TÁ COPIANDO"	4:48-5:08
	KENNEDY - "O TRUMP NÃO QUER ASSUMIR OS PRÓPRIOS ERROS...COMO TÁ CRESCENDO"	6:15-6:28
<i>Transição EUA-Brasil novamente</i>		
	Maurício - É UM PERÍODO MUITO DIFÍCIL, MAS MUITO GRATIFICANTE...VÁLVULA DE ESCAPE	21:06-21:27
	DANIEL - "NO MOMENTO EM QUE AS PESSOAS TÃO COM MEDO....SEGURANÇA""	35:20-35:47

	JU - "A GENTE TEVE DE NOVO...IMPORTANTE"	26:28-26:45
AS NOVAS FORMAS DE REPORTAR		
Imagens Drone - na janela de casa	[PASSAGEM 2] FOI DENTRO DE CASA OU DE UM APARTAMENTO, ASSIM COMO EU, QUE JORNALISTAS ESPALHADOS PELO BRASIL FIZERAM A NOTÍCIA CHEGAR A MILHÕES DE PESSOAS. JÁ IMAGINOU PRODUIR NOTÍCIA, QUE EXIGE CARA A CARA, DENTRO DE CASA? SEM DÚVIDA, ADAPTAÇÃO FOI PALAVRA-CHAVE NESTA PANDEMIA.	//PASSAGEM *sync *áudio
Imagens de base da Rachel e do Renato trabalhando em casa (Drive)	[OFF 5] OS JORNALISTAS RACHEL GAMARSKI E RENATO ANDRADE SÃO CASADOS E TRANSFORMARAM A SALA DE JANTAR EM REDAÇÃO DE JORNAL, OU MELHOR, DUAS REDAÇÕES.	//INTRO_ ENTREVISTA_ RACHEL&RENATO
	RACHEL - "AGORA EU TRANSFORMEI MINHA SALA DE JANTAR NUM GRANDE ESCRITÓRIO, EU TENHO UM <u>TERMINAL</u> ²⁵ NA MINHA MESA... VOCÊ FICA MUITO MAIS TEMPO LIGADO"	1:45-2:17
	RENATO - "NA VERDADE VOCÊ TEVE UMA CONFUSÃO GRANDE DE HORÁRIO... <u>REDUÇÃO DE JORNADA</u> ²⁶ "	3:41-4:16
	RENATO - "A GENTE JÁ PASSOU DE 100 DIAS EM CASA"	8:00-8:06
	RACHEL - "EU SINTO MUITA FALTA DA REDAÇÃO, DA GENTE GRITAR: O MINISTRO CAIU, A BARRAGEM ROMPEU E EM CASA... E-MAIL"	8:50-9:08
Imagens do terminal antes e depois (Drive)	RACHEL-"NO INÍCIO,.. EU TINHA OITO TELAS NO MEU ESCRITÓRIO... NÃO DÁ, NÃO CONSIGO"	24:36-24:57

²⁵ Terminal: computador que abriga um sistema que conecta profissionais dos mercados a dados, notícias e análises de ponta

²⁶ Os jornalistas do Grupo Globo aceitaram negociar a redução em 25% do salário e da jornada de trabalho propostos pelas empresa. Fonte: Poder 360

	RENATO - "NAQUELE PRIMEIRO MOMENTO, TODO MUNDO TENTOU FAZER TUDO QUE PODIA FAZER REMOTAMENTE...EU TENHO QUE TER GENTE NA RUA"	16:02-16:32
	RENATO- "SE VOCÊ CHEGASSE PRA MIM EM DEZEMBRO...NUNCA VAI VAMOS VOLTAR A TER ESCRITÓRIO COMO TIVEMOS"	22:29-22:57
	[PASSAGEM 3] PARA OS REPÓRTERES DE TV, O ISOLAMENTO TAMBÉM EXIGIU ESFORÇO, REINVENÇÃO E MUITA CRIATIVIDADE. COM A PANDEMIA, O CONFINAMENTO DE MILHÕES DE BRASILEIROS DENTRO DE CASA FEZ O NÚMERO DE TELESPECTADORES AUMENTAR E, COM ISSO, A RESPONSABILIDADE DOBROU. O REPÓRTER MURILO SALVIANO, DO FANTÁSTICO, BUSCOU NOVAS FORMAS DE REPORTAR E VIRALIZOU DIVERSAS VEZES NA INTERNET COM SUAS PRODUÇÕES.	//INTRO_ ENTREVISTA_ SALVIANO
Além das imagens dele, algumas opções: https://www.youtube.com/watch?v=sWMjFgGg (0:25-0:33) https://www.youtube.com/watch?v=dEjFKwRYfWI&t=2736s (1:08:28-1:08:44) (1:11:59-1:12:03)	SALVIANO- "FOI UM DESAFIO MUITO GRANDE NO INÍCIO...ÁUDIO UM POUCO RUIM"	6:21-6:42
	SALVIANO- VOCÊ IMAGINA: COMO É QUE FAZ UM FANTÁSTICO...P/ O FANTÁSTICO A LINGUAGEM ESTÉTICA É EXTREMAMENTE IMPORTANTE"	4:15-4:34
	SALVIANO-"A GENTE VIU QUE HOVE UMA TRANSFORMAÇÃO...DO WHATSAPP, DO FACETIME"	6:44-6:58
	MURILO-E HOJE VOCÊ JÁ SE CONSIDERA ADAPTADO...TÁ DIFÍCIL?"	7:10-7:16
	SALVIANO- "EU CONFESSO...PISANDO EM CAMPO"	7:18-7:28
	SALVIANO-"ESSAS REPORTAGENS POR VIDEOCONFERÊNCIA NOS AJUDARAM...OLHO NO OLHO"	7:44-7:53
	SALVIANO-"O QUE ERA	9:58-10:10

	IMPENSÁVEL...FRENTE A FRENTE COM ELE"	
(0:15-0:36) https://www.youtube.com/watch?v=VXvE-jHtX18	SALVIANO E MANDETTA/ ENTREVISTA REMOTA FANTÁSTICO	
	MURILO - UMA DAS REPORTAGENS SUAS QUE FICOU MARCADA...PALITO DE FÓSFORO, NÉ?	10:52-10:58
3:51- 4:23 https://globoplay.globo.com/v/8544285/programa/	REPORTAGEM SOBRE LOCKDOWN FANTÁSTICO	
	SALVIANO-QUANDO A GENTE TÁ FALANDO DE UMA PANDEMIA E DE PREVENÇÃO, A GENTE....UM POUCO DAQUELA INFORMAÇÃO	11:44-12:11
	SALVIANO - E A GENTE ACREDITA QUE É UM ARTIFÍCIO EXTREMAMENTE IMPORTANTE...FICOU CLARO"	14:10-14:22

DIREITOS EM XEQUE?		
Imagens abertas/ Background limpo	[OFF VOZ FEMININA] "NÓS PERDEMOS O PLANO DE SAÚDE, QUE ERA OFERTADO PELO JORNAL, NO MOMENTO DE DOENÇA, E EU NÃO TENHO CONDIÇÕES DE BANCAR O PLANO. EU MORO DE ALUGUEL E AJUDAVA A MINHA MÃE. E AGORA, COMO VOU PAGAR AS CONTAS? O CENÁRIO É DESESPERADOR"	LEGENDA: Lígia*, repórter afastada do jornal O Tempo *ENTREVISTAS CONCEDIDAS ÀS JORNALISTAS ALICE MACIEL E JULIA DOLCE, DA AGÊNCIA PÚBLICA
Imagens abertas/ Background limpo	[OFF VOZ MASCULINA] “A GENTE SABE QUE O JORNAL NÃO ESTÁ TÃO RUIM ASSIM DAS PERNAS, PODERIA TER TENTADO OUTRAS ALTERNATIVAS PARA PRESERVAR OS SEUS FUNCIONÁRIOS, AO	LEGENDA: Erik*, repórter também afetado pelo passarlho no jornal O Tempo

	INVÉS DE TOMAR UMA MEDIDA TÃO DESUMANA LOGO NO INÍCIO DA CRISE”	*ENTREVISTAS CONCEDIDAS ÀS JORNALISTAS ALICE MACIEL E JULIA DOLCE, DA AGÊNCIA PÚBLICA
	JULIA - A GENTE ACHOU QUE SERIA MUITO SIMPLES CONSEGUIR COM QUE ESSAS PESSOAS FALASSEM..NOME VERDADEIRO DA PESSOA"	11:12-11:44
	MURILO - TENDO ESSAS CONVERSAS COM TODOS ESSES JORNALISTAS...AO CONVERSAR COM ELES?	19:56-20:04
	JULIA - EU SENTI MUITA INSEGURANÇA DOS PROFISSIONAIS...ESTAVAM TOPANDO"	20:10-20:39
	JULIA - ESSAS HISTÓRIAS FORAM PIPOCANDO PELO PAÍS...TRABALHANDO MUITO MAIS	7:12-7:30
<i>Transição Julia/Maria</i>	MANCHETE 1 MANCHETE 2 MANCHETE 3 MANCHETE 4	//INTRO
PASSAGEM COM INFOGRAFI A	[PASSAGEM 4] UMA PESQUISA FEITA PELA FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DOS JORNALISTAS, A FIJ, MOSTROU QUE 61% DOS PROFISSIONAIS DE IMPRENSA TIVERAM AUMENTO DE ANSIEDADE E ESTRESSE COM O TRABALHO NA PANDEMIA. PERGUNTADOS SE A PANDEMIA AFETOU OS SALÁRIOS, 59% RESPONDERAM QUE, SIM, TIVERAM REDUÇÕES EM SUAS FOLHAS DE PGTO	Fonte: FIJ
	MARIA/FENAJ-"VÁRIAS EMPRESAS BRASILEIRAS ADOTARAM REDUÇÃO...DEMISSÕES JÁ DURANTE A PANDEMIA"	12:02-12:16
	MURILO - A FENAJ AVALIA...PASSARALHOS...AVALIANDO ISSO?	12:55-13:06

	MARIA/FENAJ-"A GENTE ACREDITA QUE...EXIGE"	15:05-15:28
PARTE FINAL		
Imagens --- [Frase: <i>Trecho extraído do livro "O carnaval da guerra e da gripe, de Ruy Castro]</i>	<p>[OFF 6] "POUCAS SEMANAS ANTES, ESTÁVAMOS A MILÍMETROS DA MORTE. AGORA, JÁ ERA ÀS VÉSPERAS DE 1919. QUEM SOBREVIVEU NÃO PERDERIA POR NADA AQUELE CARNAVAL.</p> <p>"E SE ESTE FOR O ÚLTIMO CARNAVAL DA MINHA VIDA?", PERGUNTAVAM-SEM MUITOS.</p> <p>DURANTE UMA SEMANA, A GAZETA DE NOTÍCIAS DEU MANCHETES COM "O GARGALHAR CARNAVALESCO", "ÀS ALUCINAÇÕES DA AVENIDA" E "NO REINADO DA LOUCURA". MAL SOBRAVA ESPAÇO PARA O NOTICIÁRIO POLÍTICO"</p> <p>EM 1919, QUANDO A GRIPE ESPANHOLA PASSOU, MAL SOBRAVA ESPAÇO PARA O NOTICIÁRIO POLÍTICO... OS CARIOCAS SÓ QUERIAM SABER DE FESTEJAR.</p> <p>QUE O BOM JORNALISMO, COMO SEMPRE FAZ, NOS DIGA SE O FIM DESSA HISTÓRIA TAMBÉM SE REPETIRÁ.</p>	<p>Carnaval de 1920: https://www.youtube.com/watch?v=pgq9rORyOyI</p> <p>RJ-Anos 20: https://www.youtube.com/watch?v=TKFIKXIaZmw</p>
CRÉDITOS		
<p>ROTEIRO, DIREÇÃO E PRODUÇÃO - Murilo Fagundes ORIENTAÇÃO E ROTEIRO - Rafiza Varão EDIÇÃO E APOIO - Rafael Stadniki IMAGENS - André Camargo AGRADECIMENTOS (em ordem alfabética) Alenicy de Souza Caldas Fagundes Cristina Kos Daniel Carvalho Daniel Weterman Dione Oliveira Moura Felipe Malta Guilherme Portanova Júlia Dolce</p>		

Julia Mesquita
Julliana Lopes
Kennedy Alencar
Maria José Braga
Marília Sena
Maurício Ferro
Murilo Salviano
Pedro Grigori
Rachel Gamarski
Renato Andrade
Familiares, amigos e professores

MATERIAL DE ARQUIVO

- Primeira página do jornal "A Gazeta de Notícias", de 1918, da então capital do país, o Rio de Janeiro - Reprodução
- O jornal Gazeta de Notícias destaca na primeira página o caos no Rio de Janeiro dominado pela gripe espanhola em 1918. Imagem: Acervo Biblioteca Nacional.
- Jornal A Noite critica a prefeitura do Rio por forçar cidadãos comuns a enterrar cadáveres durante a epidemia de 1918 (Imagem: Biblioteca Nacional) - Biblioteca Nacional digital / Biblioteca Nacional digital
- "Rio de Janeiro, Anos 20 ° Noel Rosa" - Imagens exclusivas de Noel Rosa, Ruy Barbosa, Zepelim, Hidroavião "Jahu", um dos pioneiros na travessia do Atlântico Sul. Banhistas, Carnaval de rua, Corsos de Automóveis e um sensacional Fla-Flu, retirada do Canal de Marcos Resende - 21/12/2014
- Estadão - Coronavírus: 'filme de terror' em Manaus - 26/04/2020
- UOL - "MORO PEDE DEMISSÃO E CITA INTERFERÊNCIA NA PF" - 24/04/2020
- Estadão - "Weintraub afirma: 'botava na cadeia esses vagabundos todos, começando pelo STF" - 22/05/2020
- Poder360 - "Bolsonaro diz que citou "PF" e não "Polícia Federal" em reunião" - 15/05/2020
- STF - ÍNTEGRA do vídeo da reunião ministerial de 22 de abril - 22/04/2020
- Poder360 - Alexandre de Moraes nunca vai ter paz, vamos infernizar, ameaça Sara Winter - 27/05/2020
- Jair Bolsonaro/Youtube - - Palácio do Planalto (03/05/2020) - 03/05/2020
- O Globo - Torcidas organizadas vão à ruas do país em marchas pela democracia - 31/05/2020
- Jair Bolsonaro/Youtube - Presidente Bolsonaro no STF sobre os anseios da população: saúde e empregos caminham juntos! - 07/05/2020
- TV FOLHA - Vídeo mostra Fabrício Queiroz no momento de sua prisão no interior de SP -18/06/2020
- CNN Brasil - Breaking News: Decotelli explica inconsistências em currículo -29/06/2020
- Jair Bolsonaro/Youtube - Coletiva Presidente Bolsonaro - 07 JULHO de 2020 - 07/07/2020

- TvBrasilGov - Presidente da República, Jair Bolsonaro, realiza coletiva sobre o coronavírus - 18/03/2020
- Poder360 - Bolsonaro visita obras de hospital de campanha do governo em Águas Lindas de Goiás (GO) - 11/04/2020
- Poder360 - Bolsonaro acena a apoiadores da rampa do Planalto - 17/05/2020
- Vídeos gravados pelo jornalista Daniel Carvalho, da Folha de S. Paulo, no Palácio da Alvorada e do Ministério da Defesa em 25/05/2020
- BBC News Brasil - "O senhor pediu a troca, presidente?": Bolsonaro manda jornalistas calarem a boca - 06/05/2020
- UOL - BOLSONARO ZOMBA DE JORNALISTAS QUE O ESPERAVAM: "VÃO PARA A CASA" - 26/03/2020
- Estadão - Profissionais do Estadão são agredidos com chutes, murros e empurrões por apoiadores de Bolsonaro - 03/05/2020
- Poder360 - Bolsonarista dá bandeirada na cabeça de repórter da Band em Brasília - 17/05/2020
- TV BrasilGov - Entrevista com o presidente Jair Bolsonaro - 07/07/2020
- UOL - OS 4 ERROS DE TRUMP E OS 4 ACERTOS DE BIDEN | KENNEDY ALENCAR - 10/07/2020
- Yahoo Finance - WATCH: President Trump criticizes China and Joe Biden in White House Rose Garden speech - 14/07/2020
- AFP News Agency - Timelapse images of White House as impeachment vote underway | AFP - 18/12/2019
- TV Globo - Trechos de reportagens exibidas no Fantástico

APÊNDICE II - Roteiro do trailer de *O Front*

Imagem	Som/texto
Fundo preto	REALIZAÇÃO Logo Unb/Logo FAC
Brasília/Esplanada - imagem aberta	Áudio crescente/música impactante
8:06 - Maurício/ A cobertura é mais tensa , cada vez mais tensa	Palavra TENSA marcada, com tamanho grande
Imagens seguidas de Bolsonaro/agressões apoiadores	Sobreposição de imagens bem rápida
8:58 - Maurício/ Você imagina um engenheiro fazendo um cálculo, projetando uma obra e há uma torcida ao lado dele falando que é um lixo ? É isso que a gente vive lá todo dia.	Palavra LIXO marcada, com tamanho grande

<p>10:12 - Daniel/ Foi apavorante. Pensei assim: Nossa, pela primeira vez, tive medo.</p>	<p>Palavra MEDO marcada, com tamanho grande</p>
<p>6:42 - Ju/ A gente precisa estar ali todos dias, acho muito difícil a gente deixar essa cobertura</p>	
<p>Imagens bem rápidas dos EUA, só um flash do Trump ou de alguém sem máscara</p>	
<p>14:50 - Kennedy/ O Trump conseguiu politizar esse debate aqui. Mais eleitores democratas usam a máscara que os republicanos.</p>	<p>Palavra POLITIZAR marcada, com tamanho grande</p>
<p>20:05 - Murilo/Com o confinamento de milhões de brasileiros, a televisão viu o número de telespectadores aumentar e, com isso, a responsabilidade dobrou</p>	<p>Palavra RESPONSABILIDADE marcada, com tamanho grande</p>
<p>21:30 - Salviano/ Essas reportagens por videoconferência nos ajudaram a enfrentar o período de quarentena, mas nada substitui o olho no olho</p>	<p>Palavras OLHO NO OLHO marcadas, com tamanho grande</p>
<p>16:37 - Rachel/ A sensação que eu tenho é que o trabalho, durante a pandemia em casa, você trabalha muito mais e fica muito mais tempo ligado</p>	<p>Palavras MAIS TEMPO LIGADO marcadas, com tamanho grande</p>
<p>19:32 - Renato/ Eu acho que nunca mais vamos voltar a ter 100% escritório como tivemos</p>	
<p>28: 42 - Murilo/ 61% dos profissionais de imprensa tiveram aumento de ansiedade e estresse com o trabalho na pandemia.</p>	<p>Palavras ANSIEDADE e ESTRESSE marcadas, com tamanho grande</p>
<p>27:10 - FENAJ/As empresas não têm proporcionado os testes para os profissionais que estão trabalhando</p>	<p>Palavra TESTE marcada, com tamanho grande</p>
<p>24:26 - Julia/ Era algo que estava disseminado entre todos os repórteres: o</p>	<p>Palavras INSEGURANÇA FINANCEIRA marcadas, com tamanho grande</p>

medo de se infectar, a insegurança financeira , o que vai acontecer agora	
Todas as imagens dos repórteres sobrepostas, como se fosse um looping de trás pra frente (Bem rápido) e, no fim, com a imagem inicial da esplanada, entra o letrero: ‘O FRONT - Jornalistas em Meio à pandemia’	Áudio crescente/música impactante

APÊNDICE III - Correções sugeridas na primeira versão do documentário

Apontamentos	Observações
Créditos de todos os entrevistados não estão aparecendo no GC, colocar assim que falam pela primeira vez	Na sequência: <ul style="list-style-type: none"> • Murilo Fagundes • Daniel Carvalho, repórter da Folha de S. Paulo • Julliana Lopes, repórter da CNN Brasil • Maurício Ferro, repórter do Poder 360 • Maria José Braga, presidente da Fenaj • Kennedy Alencar, correspondente UOL/CBN em Washington • Rachel Gamarski, editora da Agência Bloomberg • Renato Andrade, coordenador do jornal O Globo • Murilo Salviano, repórter da TV Globo • Julia Dolce, repórter da Agência Pública
Substituir passagem (1:34-1:45) por outra que foi gravada como Plano B	
Abrir DOC com fundo preto, marcas da UnB e da FAC	
Colocar créditos da equipe na abertura em	

vez de na parte final	
(1:14) Deixar "Trecho extraído de O Carnaval da Guerra...adaptações" com mais tempo para leitura, passa muito rápido	
Os créditos das imagens deverão acompanhá-las, permitindo que o espectador faça o link do crédito à imagem	
(7:14-7:29) Retirar este trecho: Maurício - "EU TENTO PENSAR QUE É HISTÓRICO...PRIMEIRO DIA"	
Realocar esta fala da FENAJ: "A FENAJ TEM FEITO VARIADAS E CONSTANTES DENÚNCIAS PÚBLICAS...ENTREVISTAS COLETIVAS" no minuto 12:03, logo antes do pout-pourri de agressões	Vamos colocar essa parte que ela fala do cercadinho no início e retirar toda as falas dela pré-passagem, mantemos apenas os trechos pós-passagem (marcados em azul no roteiro)
(12:58) Trocar trecho em que ele fala da hidroxiclороquina pelo trecho do mesmo vídeo em que ele tira a máscara na frente dos repórteres	
(13:00) Inserir episódio da porrada [0:09-0;15]. Link: https://www.youtube.com/watch?v=ofxjBDSt4CQ	Legenda: "Eu vou encher a boca desse cara na porrada". "Minha vontade é encher tua boca na porrada". "Vontade de encher sua boca de porrada, seu safado"
Retirar todos estes trechos do bloco Rachel/Renato: - (18:25 - 20:00) - MURILO-"EU QUERIA QUE VOCÊS FALASSEM UM POUCO MAIS DA ROTINA DE VOCÊS DOIS. COMO QUE É A TROCA DE VOCÊS EM RELAÇÃO... DOIS JORNALISTAS TRABALHANDO JUNTOS" - RENATO- "SÃO DOIS JORNALISTAS SENTADOS NUMA MESA... VOCÊ NÃO TEM NEM ESSA TROCA, EU TENHO" - RENATO-A ÚNICA COISA QUE A GENTE VAI QUERER, SE ISSO	Manter só o trecho em azul no roteiro. esta fala do Renato: RENATO- "SE VOCÊ CHEGASSE PRA MIM EM DEZEMBRO...NUNCA VAI VAMOS VOLTAR A TER ESCRITÓRIO COMO TIVEMOS"

<p>ACONTECER, É COMPRAR UMA MESA NOVA...PORQUE EU QUERO VOLTAR A TER MINHA MESA DE JANTAR"</p> <p>- RACHEL-UMA COISA QUE EU VOU QUERER COMPRAR TAMBÉM É UMA CADEIRA... PÉSSIMA"</p>	
<p>Retirar este trecho do Salviano no fim da entrevista: 23:13</p> <p>SALVIANO - E O DESAFIO AINDA MAIOR...NÃO É FÁCIL, TODO MUNDO MUITO CANSADO</p>	
<p>(25:43) Nos prints, aparece o buscador do Chrome</p>	
<p>(28:50) Na passagem da fonte, tentar dar um blur maior pra tampar as crianças correndo aglomeradas lá atrás E corrigir o texto dos 59% na infografia</p>	
<p>Para avaliar se altera ou não:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Questão estética: ampliar as imagens do Zoom que aparecem bordas cinzas. Isso seria pra deixar tanto a imagem do entrevistador quanto a do entrevistado preenchendo o quadradinho, sem bordas. A mesma coisa na entrevista da Julia e do Salviano, em que a webcam deles mostra uma borda cinza. 	

APÊNDICE IV - ENTREVISTAS DECUPADAS

- Entrevista com a repórter Julliana Lopes

***O Front* - Como era a sua rotina antes de a pandemia chegar ao Brasil e agora o que que mudou?**

Julliana - A gente passava pela redação, tinha uma pautinha certinha e a gente podia circular por vários comitês e vários lugares de Brasília. Agora, a gente não tem essa possibilidade, então eu tenho um espaço muito delimitado e são os locais que ainda estão abertos e, como eu sou de TV, não posso fazer *Home Office*. Então eu tenho que conseguir pelo menos montar o

equipamento num lugar e eu faço isso sempre no Palácio do Planalto, encontro vários colegas por lá mesmo que eles não cubram o Planalto diariamente, porque é um espaço físico que a gente ainda tem acesso aqui em Brasília. Eu passo muito pouco na redação, eu tenho contato com os colegas por celular ou computador e contato também com todas as fontes, enfim, entrevistados tudo isso é feito de forma online ou por celular. Então acho que esse contato físico ele foi bastante reduzido. Apesar de eu estar ainda numa cobertura de uma portaria, que é uma coisa comum aqui em Brasília, no Palácio da Alvorada, e em contato pessoal com presidente Jair Bolsonaro todos os dias, esse é um diferencial, é um dos poucos lugares em que a gente ainda tem esse contato, porque as coletivas foram muito reduzidas e a nossa circulação por Brasília também por causa da pandemia

O Front - Quando você soube que a pandemia tinha chegado e que essa rotina de trabalho teria de ser mudada, te assustou? O que que você pensou?

Julliana - Foi muito curioso porque, quando a gente começou [na emissora], a gente estava na abertura do canal, fazendo piloto, ainda não tinha estreado. E aí a gente começou, e eu comecei a fazer curiosamente a cobertura do coronavírus, sem estar no ar ainda. Então eu ia todos os dias para coletivas de imprensa no Ministério da Saúde quando a gente não tinha nenhum caso confirmado aqui do Brasil. Eram coletivas que eles davam um Panorama do que estava acontecendo no mundo e a possibilidade de se chegar aqui, então não me assustou tanto, porque já era um contato direto para ali, naquela coletiva de imprensa, a gente fazer muitas perguntas sobre o que que podia acontecer no país quando isso chegasse aqui. Por exemplo, se era uma possibilidade para se essa doença chegar por aqui a gente usar máscara. A gente se pergunta: será que a gente vai ter que viver um isolamento que nem na China, né? A gente no começo tinha um panorama do Ministério da Saúde do que estava acontecendo em Wuhan e nossa preocupação aquele momento era como trazer os brasileiros para cá, eles foram os primeiros repatriados de quem a gente começou a seguir a rotina e acompanhar, então era uma preocupação de, quando essas pessoas chegarem, o que que vai ser feito com elas? Elas vão ficar isoladas? Mas era um isolamento que não passava pela nossa cabeça que a gente ia viver. E a gente foi acompanhando o passo a passo dessa chegada da doença aqui, no começo era só uma possibilidade, depois falou-se que não, ia chegar sim, que a gente deveria se preparar, e primeiro era só uma gripe, era uma coisa leve, depois foi aumentando a gravidade. Também não me assustou tanto, porque eu estava nessas coletivas diariamente. De vez em quando a gente conversava com os colegas na volta da coletiva e falava assim: Nossa, quando a gente estreiar o canal [em 15 de março] qual vai ser o assunto? Eu lembro uma vez que eu falei: Eu acho que vai ser coronavírus. E os meus amigos disseram: Não, imagina. Quando começar já acabou, já acabou na China, acho que vai ter alguma coisa, eu acho que vai ser a reforma tributária, reforma administrativa. A gente não acreditava e, quando a gente estreou, foi aquela explosão, né? Mudou completamente a nossa vida e por muito tempo ainda vai estar mudado, então eu não me assustei tanto, mas porque eu estava nessas coletivas diariamente.

***O Front* - Sobre essa ameaça sanitária no dia a dia, você sente que está exposta? Como é para você estar nessa linha de frente em relação ao risco sanitário?**

Julliana - No início, eu tinha muito medo. Ainda sinto muito medo, não da doença em si, mas eu tenho muito medo de, como eu não estou em isolamento e todas as pessoas que eu conheço estão, estar com essa doença de uma forma assintomática e passar para as outras pessoas. Acho que é a maior preocupação de todos os jornalistas, porque enfim quem tem problema respiratório alguma coisa que deixa mais vulnerável a doença foi isolado, está em *home office*, né? E quem está na Linha de Frente, teoricamente, é a pessoa que enfim poderia trabalhar, então a minha maior apreensão com tudo que eu posso imaginar é passar a doença. Não lavar direito as mãos, deixar no elevador, aí tenho medo do meu vizinho que é idoso, eu na casa dos meus pais, há muito tempo não vejo meus avós. Acho que a tensão é essa. Quando a gente começou a ter o número de morte e subiu muito esse número aqui no Brasil de uma forma muito rápida, me assustou também e aí a gente cobrou muito da redação e das chefias um posicionamento sobre como se proteger disso e acabamos tendo receio. Mas eu acho que, como a gente está nessa cobertura diária, todos os dias sem isolamento, menos amigos trabalhando, tem sim, mas não me assusta tanto quanto poder transmitir.

***O Front* - Você está sujeita a aglomerações no dia a dia, às vezes imprevisíveis, certo? Acontecem no Palácio da Alvorada e quais outros lugares?**

Julliana - Nesse tempo de isolamento, mesmo depois do fechamento de comércio, a gente fez algumas coletivas em que a gente se aglomerou. Eu lembro de uma, para mim foi o ápice de estar aglomerado, foi quando o presidente foi acompanhar uma obra de um hospital de campanha em Águas Lindas (GO). Tinha muita gente, muitos e muitos moradores, todos próximos sem máscara, ele chegava muito perto, a gente tinha que saber o que ele estava falando com as pessoas. Foi o auge da pandemia, estava no momento muito tenso, ainda tá tenso aqui em Brasília, então tem alguns momentos que, dependendo da autoridade, do que estiver acontecendo, a gente se aglomera para colocar o microfone, para ajustar a câmera, enfim.

***O Front* - Numa hora dessas, de necessidade de aglomeração, o que você pensa?**

Julliana - Eu acho que, na hora, a gente como jornalista é muito teimoso e a gente pensa que a gente precisa pegar o áudio, pegar a imagem, escutar, entrar ao vivo e, depois, a gente para para pensar no risco que a gente correu e isso é muito ruim, é um lado muito ruim da profissão. Na hora que está ali o presidente, todo mundo correndo atrás dele, e você precisa daquele material para o seu trabalho e ele vai ser o material do dia, o assunto do dia, a gente faz. E depois que a gente percebe: Nossa, eu devia não ter me aproximado tanto, mas aí como é que você explica para chefia? Você vai perder o áudio, vai perder imagem, muito difícil essa negociação para quem está na linha de frente.

O Front - Além do risco sanitário, a gente tem visto também um crescimento das agressões verbais principalmente no Palácio da Alvorada. Você também se sente ameaçada nessa situação e como é para você estar ali nesse ambiente hostil em relação à imprensa?

Julliana - Pois é. A gente viu uma guinada dessas hostilizações muito forte né nos últimos meses, até não dá muito para entender, porque é meio sem razão a crítica. É difícil, porque a gente precisa estar ali todos os dias e eu acho muito difícil a gente deixar essa cobertura, porque como jornalista a gente tem que ouvir o presidente da República numa crise gigantesca, em que a gente está vendo duas crises muito sérias: uma crise na saúde e uma crise política. Como não ouvir o presidente? E, assim, somos ameaçados diariamente de todas as formas com agressões. Eu já presenciei agressões físicas, além das agressões verbais diárias. Eu já presenciei uma agressão física intensa de um apoiador do presidente e de um cinegrafista lá no Palácio da Alvorada. Para mim foi um dos pontos mais sérios desta cobertura. A gente sempre chega muito cedinho, são dois momentos em que a gente fica ali na portaria: pela manhã, quando ele sai do Alvorada, e à noite, quando ele retorna para residência oficial. E aí, nesse dia, a gente tem um cercadinho que, de um lado, ficam os jornalistas e, do outro, ficam os apoiadores do presidente. E a gente chama de apoiadores porque só eles estão, só quem apoia o governo vai naquele lugar, é muito difícil a gente ter opinião contrária, raramente acontece. E aí eles vão, se juntam e esperam no cantinho que o presidente está e conversam com ele. Nesse dia especificamente, um apoiador chegou mais exaltado se aproximou muito da cerca dos jornalistas, criticou o nosso trabalho, questionou por que estávamos ali e disse que a gente mentia o tempo inteiro, que a gente deveria sair dali, senão ele iria tomar alguma providência. Então a gente viu isso como uma ameaça. E aí teve um momento em que ele se direcionou diretamente a um cinegrafista que estava lá e aí começou a questionar. Esse cinegrafista ficou muito chateado, porque, enfim, estava trabalhando e estava sendo ameaçado. Eles começaram uma discussão, e o apoiador chamou ele: Ah, então você quer partir para agressão, é só vir aqui. E eles se aproximaram e começaram a mesmo vias de fato, como dizem na linguagem policial. E aí a gente atuou para poder separar. E nós separamos os dois, os dois continuaram nesta portaria, tanto o cinegrafista quanto o apoiador. Para mim foi um grande problema, porque no final, na saída do presidente, a gente vai para o estacionamento e ali todo mundo está junto, não tem cerquinha de proteção. Felizmente não aconteceu nada, mas a segurança não fez nada nem na saída para proteger, para separar a briga, eles apenas observaram nesse dia em especial, o que me deixou muito apreensiva, porque é um lugar muito vigiado. A gente tem representantes do exército em peso e da segurança do Gabinete de Segurança Institucional da presidência e naquele momento era como se a gente tivesse a conclusão de que ali mesmo, com todo aquele aparato, nós não estávamos protegidos. Houve uma agressão e todos esses homens não fizeram absolutamente nada.

O Front - Levando em consideração que a gente tem uma cobertura de uma crise política difícil e também na parte sanitária, somadas a essas agressões e verbais e físicas, você sente que os colegas estão em um nível de exaustão, insegurança e medo elevado?

Julliana - Eu sinto que estão. Estão bem cansados, a gente está tendo uma, apesar de estarmos na linha de frente, a gente sente que tem uma rotatividade de profissionais muito grande e que está relacionado a atestados médicos. Num dia você encontra um amigo, no outro dia ele não está lá, volta três dias depois, tira atestado de 15 dias. No começo, isso aconteceu muito, porque quem tinha um sintoma, se alguém tivesse contato, tinha que ficar em quarentena. Isso foi diminuindo, mas no começo foi muito pesado. Então as redações foram se esvaziando, porque estavam em contato. Então eu sinto que tem um número maior de atestados de colegas afastados do trabalho por alguns dias, pressão por estresse, enfim, imunidade baixa, porque você não pega o coronavírus, mas afasta um ou outro uma outra gripe ou outra doença que quer dizer que você não está bem de saúde, né? E eu vejo uma rotatividade muito grande e um esgotamento muito grande desses colegas.

O Front - Você já cobriu vários outros episódios da política. Considera que este momento é um dos maiores desafios da cobertura jornalística nos últimos tempos?

Julliana - Eu acho que a gente tem se reinventado e isso é muito interessante de observar. Como conversar com as fontes, como acompanhar uma votação do Congresso de forma remota, todo mundo está se reinventando e o jornalismo não é diferente. Eu estou vendo muitas equipes aí pensando em televisão que se reduziram ou é só um cinegrafista ou é só um repórter e uma câmera pequena e, se a gente não tinha observado ainda, estavam investindo em equipamentos e a minha pergunta é: depois dessa pandemia, como é que a gente vai ser? Será que a gente se reinventou para não voltar ou será que essas equipes vão ser grandes ou será que a gente não precisa deixar tudo preparado para entrar ao vivo? Na emissora onde eu estou, a gente consegue com o celular fazer uma transmissão de um jornal de vários jornais por 24 horas. Se a gente quiser, e é um momento de se reinventar também. Fazer tudo pela internet, pelo celular, pelo computador, isso tudo. Eu acho que a gente vai refletir o que é que vai ficar de toda essa reinvenção e o que não deu certo assim.

O Front - Estamos na linha de frente, porque o jornalismo é atividade essencial. Mas muita gente ainda questiona isso. Você acha que as pessoas enxergam a essencialidade do jornalismo?

Julliana - Eu acho que a gente está vivendo um momento em que as pessoas não enxergam isso, mas isso a gente já acompanhou nas últimas eleições com a quantidade de *fake news*. A gente tem que se reinventar para poder rebater informação falsa, mas, com essa pandemia, eu vi que isso se inverteu um pouco, porque as pessoas precisavam de informação para saber o que estava acontecendo com essa doença que chegou e assustou muita gente. E aí as pessoas que começaram a prestar mais atenção no nosso trabalho. Eu acho que a gente reverteu um

pouquinho isso, porque, para você lidar com o problema de saúde, você precisa de informações, e o coronavírus é uma doença que chegou sem que a gente soubesse direito o que era, então a busca dessas pessoas por informação foi muito maior nessa pandemia e fortaleceu o nosso trabalho por esse lado. E o fato de as pessoas estarem isoladas em casa sem poder buscar informação, de uma outra forma, eu acho que a gente conseguiu acessar isso de uma maneira muito positiva. Por esse lado, eu acho que a gente conseguiu mostrar que jornalismo é importante para lidar com uma pandemia. Precisa-se de um profissional de comunicação, as pessoas entenderam um pouco isso.

***O Front* - Logo depois que alguns veículos suspenderam a cobertura do Palácio da Alvorada, você foi interrompida em uma entrada ao vivo. Como você se sentiu naquele momento?**

Julliana- O engraçado é que, nos dias anteriores, sempre que entrava ao vivo via a movimentação e ficava pensando: quando isso acontecesse, qual seria a minha reação? O que eu tenho que fazer é uma preparação mental para estar concentrada ao vivo se o cara buzinar, se alguém grita, se alguém me perguntar. Qual que é a minha postura? Eu de certa forma já estava me preparando para isso, porque tem dias e dias e ali é um ambiente de muita hostilidade sempre, não adianta. E aí, na semana anterior, eu estava conversando com uma fonoaudióloga da TV e a gente conversando sobre postura e tal e ela me fez esta pergunta: se alguém te interromper, o que que você vai fazer? E a minha resposta foi: Olha, como eu não sei o que essa pessoa pode fazer, a minha ideia é devolver [para o estúdio]. Eu acho que eu conto com um âncora para que ele me ajude, então vou devolver te pedindo ajuda, continua daí enquanto resolvo esse problema. E foi exatamente o que eu fiz naquele dia. Na verdade eu até conseguiria seguir com assunto parando um pouco, mas o meu medo é porque ele se aproximou muito da grade onde a gente estava e na hora eu pensei que ele podia jogar alguma coisa de onde ele estava. E aí eu fiquei com medo pela minha segurança e pela minha equipe, também pelo meu cinegrafista ali pertinho de mim. Então foi um pensamento rápido de "preciso devolver, interromper esse link e me afastar", porque de onde ele estava, ele podia estar com alguma coisa na mão, uma garrafa. Nesse dia não aconteceu nada, mas eu achei importante o registro para que as pessoas que não estavam naquele lugar entendam como é difícil trabalhar desse jeito e eu acho que é grande repercussão. Eu te confesso que não só da televisão não, são nossos colegas, mas todas as pessoas que assistem entendessem o quanto é hostil e que essa agressividade atrapalha nosso trabalho. Isso foi crescendo de uma maneira exponencial a ponto de a gente ser desacreditada pelo próprio governo, por movimentos, enfim de todos os lados. E, na pandemia, é aquilo que a gente estava conversando, a gente teve de novo esse espaço de procura, de busca por informação pelo jornalismo profissional e pelos organismos.

***O Front* - Qual o legado a cobertura dessa pandemia deixa?**

Julliana - Eu acho que isso foi muito importante, porque, repetindo o que a gente estava dizendo, as pessoas ficaram em casa por mais tempo e precisavam se informar sobre aquela doença para saberem como lidar numa pandemia que a gente nunca viveu nada parecido e não teve outro meio a não ser a televisão, os jornais, a internet para buscar informação de qualidade. A gente sabe que está numa guerra de perder a credibilidade para notícias falsas, de combater essas notícias, mas acho que a gente tem um espaço muito importante para as pessoas entenderem o que estava acontecendo a nível mundial, para as pessoas entenderem o que está acontecendo nos outros estados, quem são as pessoas que estão morrendo, que estão internados, o que está acontecendo os hospitais. E eu acho que as pessoas entenderam um pouco que o jornalismo profissional é muito importante para qualquer democracia, para qualquer país do mundo inteiro. Eu acho que esse é o legado, e a gente se reinventou. Não sei como é que isso vai ser mais para frente, acho que algumas coisas a gente deu mais valor, até para reuniões de contato pessoal, para ter uma base de trabalho, até para a reunião de pauta.

- **Entrevista com o repórter Maurício Ferro**

***O Front* - Eu queria começar te perguntando como foi essa mudança desde o começo da pandemia. Eu gostaria que você me relatasse a sua rotina antes da pandemia e agora durante a pandemia.**

Maurício - A rotina continua muito parecida. Na verdade, a rotina dos jornalistas que não se alterou. Da mesma forma que, antes, eu ia para o Palácio da Alvorada fazer portaria, agora eu continuo fazendo exatamente a mesma coisa. O que muda na rotina são os cuidados que a gente tem, como usar máscara, manter a distância ao falar com outro, não pode cumprimentar as pessoas, evita ficar na Sala fechada, então tem algumas dificuldades práticas. Mas a rotina continua ir para os lugares, continua igual. Isso por um lado é até bonito, porque continuamos fazendo as mesmas coisas de trabalho.

***O Front* - Em questão de estrutura, mudou alguma coisa, porque as coletivas presenciais continuam, certo?**

Maurício - As coletivas presenciais continuam. No início da pandemia, era até uma coisa que me chamava bastante atenção, porque aglomeração era regra. Então era, de certa forma, assustador, porque as autoridades entravam todas juntas aglomeradas e era uma confusão de orientações. De um lado, o ministério comentava o uso de máscara e tinha gente que não usava. Depois eles usavam a máscara e tiravam a máscara. Os repórteres tinham que ficar muito próximos para conseguir cobrir, porque, se tem uma entrevista com alguém, a gente não tem como ficar distante. O cinegrafista e os repórteres precisam ficar relativamente próximo para ouvir e consegui fazer as perguntas e isso acontece em todos os lugares tanto no Palácio da Alvorada, onde acontece uma dupla aglomeração tanto dos apoiadores quanto dos jornalistas. Mas o jornalismo é uma profissão essencial por decreto, estão exercendo seu ofício. Acontecia uma coletiva diariamente às 17h quando o ministro era o Mandetta. Depois

começaram a ter alguns cuidados na coletiva, como colocar uma distância entre uma cadeira e outra, mas não mudava quase nada. No Palácio tem oito elevadores e uma escada e em algumas coletivas eles fecharam o acesso à escada e proibiram a gente de usar outros quatro elevadores. Então o trabalho não mudou. Temos os cuidados que podemos ter, mas é inevitável estar do lado do risco.

***O Front* - Quando você soube que precisaria ir todos os dias para cobertura, você pensou o quê? Pensou no risco que estaria correndo?**

Maurício - Eu tento pensar que estou presenciando uma coisa histórica. É uma coisa que seguramente vão nos perguntar no futuro como é que era. E eu vou poder dizer com propriedade, porque estou lá todos os dias. De certa forma, temos uma sorte. Por um lado corremos um risco danado, mas, por outro lado, podemos participar e sair de casa também é importante. Quem não está saindo também sofre.

***O Front* - Recentemente alguns veículos decidiram suspender cobertura no Palácio da Alvorada. Como você viu isso e para você como é continuar na cobertura do palácio?**

Maurício - Na verdade, eu concordo com a decisão de continuar na cobertura do Palácio. Há uma divisão entre quem cobre o Palácio entre ficar ou não na cobertura. Na minha visão, os veículos tomaram uma decisão muito complicada, porque a cobertura do Palácio da Alvorada, claro, houve uma escalada da agressividade, sim, é um clima muito hostil, sim. É verdade. Mas também há uma segurança com uma grade, com com seguranças. Se você for ver, por exemplo, uma portaria do Ministério da Defesa, não há nada disso, a portaria acontece em plena rua. A gente não pode relativizar de forma alguma as agressões verbais e o Presidente da República não pode inclusive passar pano para isso.

***O Front* - Mas você entende que abandonar a portaria do Palácio foi uma resposta à falta de segurança? E à falta de resposta dos responsáveis?**

Maurício - Eu entendo que, se for abandonar a cobertura do Palácio por segurança, tem que abandonar tudo e isso não aconteceu.

***O Front* - Colocando na balança o risco sanitário, as agressões verbais e físicas a jornalistas, você viu os colegas mais tensos, a cobertura ficou mais tensa?**

Maurício - A cobertura é mais tensa, cada vez mais tensa. Porque existe uma escalada das agressões verbais. A gente sente que está cada vez mais próximo de acontecer alguma coisa. Pode ser que seja no Palácio da Alvorada, mas a possibilidade é muito menor que numa manifestação, por exemplo, porque a gente continua cobrindo manifestação. Se é por motivo

de segurança, como que proibimos de ir para o Palácio da Alvorada e liberamos para ir numa manifestação? Não pode ser. Mas existe sim a escalada da violência. Somos xingados do início ao fim e isso é um prejuízo enorme, uma dificuldade enorme. Você imagina um médico em uma consulta com 30 pessoas ao lado dele xingando, dizendo que ele é incompetente e analfabeto? Isso é impensável. Imagina um engenheiro fazendo uma obra com uma torcida ao lado dele dizendo que ele é um lixo, isso é um absurdo. Não tem como a gente se esforçar para perguntar algo para o presidente e alguém está no seu ouvido buzinando e dizendo alguma coisa sobre você. Por mais que você não leve para o lado pessoal, já que é uma coisa institucional direcionada não a você, mas à imprensa, a uma entidade. De qualquer forma é muito inconveniente trabalhar sob essas condições. Isso é um problema, gera um receio dos repórteres, é claro, mas por outro lado eu acho que temos que continuar fazendo o nosso papel, porque se, por exemplo, o presidente não age de acordo com o que ele deveria no decoro do cargo de virar para os apoiadores de e pedir calma, não é por isso, por essa ausência que nós vamos também deixar de ser repórteres e parar de questionar o presidente, até porque, se estamos lá e sofremos esse tipo de violência, mostramos realmente quem é o presidente de uma forma ou de outra.

***O Front* - Você acha que as pessoas têm noção da essencialidade do Jornalismo e, principalmente agora na pandemia, você sente que o jornalismo é visto como essencial?**

Maurício - É uma pergunta difícil essa. Eu acho que o jornalismo tem se fortalecido nesta época, os sites estão todos registrando recordes de audiência e isso não se reflete na receita dos jornais. Teve um balanço há pouco do *New York Times*, por exemplo, que registrou no trimestre o maior crescimento de assinantes, foram quase 600 mil e, ao mesmo tempo, tiveram uma redução muito considerável da receita de mais ou menos 20 a 25%, com queda da publicidade. Mas eu acho que não vem ao caso. Os jornais crescem no momento da pandemia de certa forma e crescem na percepção também das pessoas e da sociedade, mas existe uma parcela da sociedade que está muito difícil de mostrar para essas pessoas a importância da gente. É inegável isso, nós sofremos a todo momento um descrédito. Se, por um lado, cresce audiência, a importância e o decreto de atividade essencial, por outro lado, também têm sempre pessoas perguntando: Por que você está noticiando isso? Qual o interesse por trás disso? Também serve para botar a mão na cabeça e refletir: será que podemos fazer alguma coisa?

***O Front* - Você questiona o seu fazer jornalístico em um momento como este? Faz essa avaliação? E como acha que o jornalismo lida com essa cobertura multifocal?**

Maurício - Eu faço o tempo todo essa autocrítica. O país está em crise, tem também aquela do modelo de negócio de jornalismo e surgiu a terceira crise da pandemia, que atinge em cheio também financiamento do jornalismo. Então é um dominó. Nós temos que dar informação muito rápido e às vezes, quando não colocamos o contexto, isso desinforma. Se a gente não consegue dar o contexto e explicar em que ambiente aquela declaração foi dada, é uma forma

de desinformar. E as pessoas acham que, quando a imprensa erra, está produzindo fake News. A outra coisa é o excesso de informação que também acaba desinformando. Se você der a informação, mesmo que verdadeira, em excesso, as pessoas hoje em dia não conseguem absorver. É necessário mostrar para as pessoas porque as notícias são relevantes. Falta educação de mídia para as pessoas.

- **Entrevista com o jornalista Kennedy Alencar**

***O Front* - Começo perguntando quais são os desafios neste momento da cobertura jornalística nos Estados Unidos, com pandemia e eleições?**

KENNEDY: Olha só, o principal desafio é você conseguir fazer um trabalho de qualidade com as limitações que são impostas com a pandemia. Mudou a vida de todo mundo, o modo de todo mundo de trabalhar mudou muito, então o contato direto com a fonte, por exemplo, o que é algo sempre melhor para você apurar e sentir está sendo feito agora pelas redes sociais, feito online. Isso é um limitador, as pessoas estabelecem outro tipo de rotina. Também tem muita gente que está numa rotina muito acelerada de lives, de reuniões, eu não sei se isso é o melhor caminho em termos de produtividade e de eficiência para o trabalho. Aqui nos Estados Unidos, em relação ao trabalho de jornalista, a gente também tem um presidente que hostiliza a imprensa como o presidente Jair Bolsonaro, que aliás consegue ser pior que o Donald Trump, ele consegue ser mais agressivo com a imprensa. O Trump é bastante agressivo com a imprensa, com as repórteres mulheres, ele é misógino como Bolsonaro, mas o Bolsonaro é ainda mais desclassificado, no nível ainda mais baixo. Você vê que, nas questões da pandemia o Trump fala uma coisa e na sequência o Bolsonaro está copiando, falando que a doença não pode ser mais mortal que o vírus ou mais lesiva que o vírus, eu não me lembro exatamente qual que é a palavra, com esse falso dilema entre economia e coronavírus. A economia só vai voltar para valer, como está se provando aqui nos Estados Unidos, quando você controlar o vírus. A Califórnia voltou a fechar sua economia, o Texas e o Arizona vão no mesmo sentido, tem um governador irresponsável, o republicano que está resistindo, mas lá é o novo epicentro de coronavírus dos Estados Unidos, a Flórida é um novo estado de Nova York em termo de eclosão de casos de coronavírus. Então, o trabalho da imprensa aqui é um trabalho também difícil, porque tem que lidar com um presidente que é agressivo, que usa mentiras, que começou nesta semana a difamação do principal cientista do país em termos de imunológico, o infectologista Fauci, que é membro da força-tarefa da Casa Branca. Porque o Trump não quer assumir os próprios erros, ele tem que culpar a Organização Mundial da Saúde, a China e agora Fauci para explicar porque tem uma pandemia crescendo nos Estados Unidos como está crescendo. E essa pressão que ele faz com a reabertura das escolas só vai piorar, só vai agravar o quadro que está ruim, então é um trabalho difícil da imprensa. Ela está lidando primeiro com a maior crise sanitária em 100 anos, está sendo difícil fazer esse trabalho.

[Perdemos conexão e refaço a pergunta para garantir]

Kennedy: Primeiro, para os jornalistas brasileiros e americanos cobrirem uma pandemia que é a maior em 100 anos, já seria um problema grande, um desafio enorme, e o Brasil e os Estados Unidos têm dois presidentes que tratam a pandemia com incompetência, irresponsabilidade, de uma forma genocida. O que o Bolsonaro faz e o que fazem aqui nos Estados Unidos, os dois presidentes têm formas muito parecidas. Do ponto de vista negativo, o Bolsonaro consegue ser ainda pior. Ele e Trump são muito parecidos na misoginia, no racismo, na agressividade com a imprensa. Aqui o Trump é muito agressivo com jornalistas e especialmente com as jornalistas, tem esse ingrediente misógino dele. Nesta semana, o Trump deu início à difamação do principal nome imunologista da Casa Branca, o Fauci, dizendo que ele fez algumas previsões equivocadas e retuitando nas redes sociais esse tipo de crítica, mas foi uma estratégia coordenada da Casa Branca para tentar aliviar a situação do Trump porque a pandemia aqui recrudescer, cresceu muito, a Flórida está fora de controle e um novo estado de Nova York em termos de epicentro, o Estado da Flórida tem o governador Republicano, que resiste a tomar medidas duras. Nós estamos vendo que a Califórnia está fechando de novo a economia. Texas e Arizona também estão dando um basta nesse sentido, a gente está vendo que provavelmente haverá novas quarentena e novas fechamentos de economia estaduais e nós temos que ver como isso vai encaminhar aqui nos Estados Unidos, porque é verão agora, eu diria para você que que as características são semelhantes, mas no Brasil com um ingrediente de que o presidente é ainda mais agressivo, ele e os seus apoiadores em relação à imprensa.

O Front - **Você falou dos apoiadores. Aqui no Brasil, nós vimos replicação do discurso, principalmente ali no Palácio da Alvorada. O presidente jogava e os apoiadores respondiam. Nos Estados Unidos, temos isso?**

Kennedy: Olha, aqui na Casa Branca os apoiadores são muito desconfiados em relação à imprensa. Como digo que sou um jornalista brasileiro estrangeiro, eles são menos desconfiados e mais amistosos, mas sempre querem saber o que eu acho do Trump e criticam muito a *CNN*, a *MSNBC*, o *The New York Times* e *Washington Post* e defendem muito a *Fox News* e os veículos conservadores de imprensa aqui nos Estados Unidos. Então tem sim um grau de agressividade, mas é que não existe essa arapuca como Bolsonaro montou no Palácio da Alvorada.

O Front - **Como você vê a evolução tanto nos Estados Unidos quanto aqui no Brasil dos ataques? Percebe que há uma mudança nessa estratégia de ataque à imprensa?**

Kennedy: Primeiro que não dá para comparar com outros governos democráticos, mas, sim, com a ditadura que censurava a imprensa. Esse é um desejo do Bolsonaro e o Brasil ainda é uma democracia, é um é um desejo do Trump e os Estados Unidos são uma democracia, mas

comparar com a época do Governo Lula, em que petistas criticavam empresa, com a Secom do governo Dilma, em que petistas criticavam imprensa ou com o governo Fernando Henrique, quando tucanos criticavam a imprensa, é fazer uma falsa equivalência. Essa falsa equivalência no Brasil é feita sobretudo entre bolsonarismo e petismo e está errado, isso é mentira, nunca houve uma ameaça à liberdade de imprensa no governo Lula, quando Lula ameaçou expulsar um jornalista, o então ministro da Justiça, Márcio Thomaz Bastos, disse que não podia fazer isso, o repórter do *The New York Times* havia feito uma coluna mal escrita sobre Lula, enfim, falando que o Lula abusava do álcool. O Lula governou o Brasil durante oito anos teve uma taxa de aprovação, não me parece que o álcool ou a cerveja que o Lula tomava ou o Whisky que ele tomava, o vinho que ele tomava tenham atrapalhado o governo dele e que isso tenha sido um fator que possa ter influenciado negativamente o governo dele. Eu acho que é uma questão da esfera privada, dos hábitos tem de alimentação e não me parece que, no caso do Lula, havia algo que atrapalhasse o seu comportamento como presidente da República. No entanto, o correspondente tem direito de escrever o que ele acha que deve escrever numa democracia e eu me lembro de que o Márcio Thomaz Bastos foi lá e falou para o Lula que ele não podia retaliar o repórter. E isso não aconteceu. Diferentemente do que acontece no governo Bolsonaro, porque ele critica jornalistas e agride os jornalistas, xingou os jornalistas e os apoiadores dele ameaçaram os jornalistas, então é outro padrão. O que eles fizeram com a Patrícia Campos Mello, mais uma vez a misoginia. Bolsonaro empurrou a Maria do Rosário, atacou a resposta da Manuela, então repórter da RedeTV, no plenário. Como presidente da República, ele é um desqualificado.

O Front - Como tem sido cobrir o movimento antimáscara nos Estados Unidos e qual tem sido o papel da Imprensa?

Kennedy: Olha, a maior parte da Imprensa, inclusive a Fox News, está contra o Trump neste ponto. Trump usou uma máscara quando visita um hospital recentemente, mas diz que só fez aquilo porque estava dentro do hospital, quando na verdade você tem que usar máscara em qualquer espaço público que você vá para proteger as outras pessoas e se proteger, é uma questão de respeito ao outro e cuidado com a própria saúde, é uma medida de prevenção que não impede a contaminação completamente, mas dificulta bastante, protege bastante. É como usar cinto de segurança em um acidente. Você pode se machucar, mas você vai se machucar menos se tiver usando o cinto de segurança, então aqui nos Estados Unidos o Trump politizou o uso da máscara, é como se fosse uma questão de liberdades individuais, é uma questão de direito de protesto em enfrentar o vírus. Olha, não é direito de protesto você colocar em risco a saúde do outro, não é um direito absoluto, o mesmo direito à vida e à legítima defesa. O presidente Trump conseguiu politizar esse debate aqui e mais eleitores democratas usam máscara do que eleitores republicanos, mas também tem crescido o número de republicanos que têm usado máscara e tem crescido no país esse hábito. Em alguns estados vi muitas pessoas sem máscara, aqui em Washington, onde eu estou, é muito raro ver uma pessoa sem máscara. No 4 de julho, em que havia muitos turistas e apoiadores de Trump, eu vi muitas pessoas sem máscara, mas você raramente vê em Washington pessoa sem máscara. Nos

comícios do Trump é super comum, ele fez uma festa em 4 de julho com pessoas próximas sem distanciamento social e muitas não usavam máscaras. Ele também fez um discurso na Dakota do Sul, em 3 de julho, onde também havia máscaras dispostas, mas muitos não usavam máscara.

O Front - **Em coletivas de imprensa, quebra-queixos, você tem percebido que os jornalistas estão expostos ou você acha que tem mais formas de ele se protegerem, como, por exemplo, na Casa Branca?**

Kennedy: A Casa Branca estabeleceu um protocolo, há um distanciamento social na sala de imprensa quando as entrevistas não são ao ar livre e, de maneira geral, no Congresso que eu frequentei você precisa estar de máscara, você fica distante do deputado ou da senadora. E eu vejo a imprensa na rua, quando vai entrevistar as pessoas, há um cuidado da reportagem, dos repórteres, dos técnicos, usam máscara. Então de alguma maneira eu diria que, sim, a imprensa tem tido um comportamento responsável do ponto de vista sanitário ao exercer o seu trabalho.

O Front - **Nas coberturas então não há um incentivo à aglomeração dos jornalistas, certo?**

Kennedy: Não, pelo contrário. As convenções democratas e republicanas vão cortar as credenciais dos jornalistas para que tenha menos gente. As democratas já fizeram isso.

O Front - **Como vamos olhar para essa cobertura o futuro?**

Kennedy: Aqui no trabalho internacional, para mim, tem sido muito interessante aprender com o que está acontecendo, porque as raízes do que está acontecendo no Brasil é o que está acontecendo aqui. Esse populismo de extrema-direita que chegou ao Brasil o Trump joga com a extrema-direita, apesar de não ser testemunha direta, o Bolsonaro é de extrema-direita. E a gente tá vivendo um experimento recente com os democratas de pandemia, que é um pessoal que, em plena pandemia, descobriu que o Bolsonaro é genocida, que ele não está apto a exercer a presidência da República. Eu sempre soube disso, acompanhei o Bolsonaro durante muito tempo no Congresso, foi um parlamentar medíocre que agrediu as minorias, suspeito de corrupção de rachadinha, de maus hábitos, digamos assim, está sendo investigado no âmbito do Rio de Janeiro, não ele diretamente, mas o Flávio Bolsonaro. O Fabrício Queiroz, vamos lembrar, a Natália Queiroz, filha do Fabrício Queiroz, trabalhava no gabinete do então deputado Jair Bolsonaro e toda a tecnologia que o Flávio, o Jair usaram eles aprenderam com o pai dele, levou todos os filhos para política, enriqueceram na sombra da política. Então a gente tem agora no Brasil o que é mais ou menos como ser a favor da água encanada, então agora é fácil pegar, né? Mas ainda bem que é uma reação, mas eu acho que a nossa geração vai sentir muito, demais, quando passar o governo Bolsonaro, porque todo mundo sabia quem era ele e sabia quem era o candidato em 2018. Muita gente fez a falsa

equivalência, especialmente a imprensa, a sociedade e no Empresarial e hoje ninguém quer embalar Mateus, eles pariram o filho, mas não querem embalar.

- **Entrevista com o repórter Murilo Salviano**

O Front - Como está sendo esse processo de apuração durante a pandemia?

Salviano: Então, foi tudo muito novo. Eu estava nos Estados Unidos, na Columbia, fazendo uma especialização. E aí, quando os casos de coronavírus começaram a aumentar exponencialmente lá, eu decidi voltar, a TV também pediu para que eu voltasse em segurança e, assim que eu voltei, ainda não tinha um protocolo de segurança. O pessoal ainda não estava usando máscara, ainda não existia distanciamento aqui no Brasil e nem nada disso, mas, de qualquer forma, a TV pediu: Murilo, como você está vindo de um país onde a epidemia foi bastante forte, você vai ficar em casa por 15 dias pelo menos, fica aí e vê se você desenvolve sintomas e vamos acompanhando. Estando em casa, eu pensei que, se eu ficar então 15 dias sem trabalho, como é que vai ser? Chegando ao Brasil, quero fazer reportagem, a gente fica se coçando para fazer matéria, a gente quer participar. E então eu, achando que ia ficar em casa sem fazer nada, ledô engano, a TV já falou assim para eu ver se conseguia fazer uma matéria de casa mesmo, na quarentena. A ideia era dizer sobre os primeiros brasileiros que estavam ficando de quarentena, porque estão vindo do exterior. Como é que está a vida de vocês? E acabou que eu fiz a reportagem sobre isso. Assim então foi o primeiro desafio. O desafio foi muito grande por conta dos formatos. Tipo o meu celular grava no formato não sei o quê, o computador grava em outro formato, aí então o primeiro desafio Foi um pouco técnico né? E obviamente as pessoas também não estavam acostumados a dar entrevista pelo celular, ainda não tinha sido tão grande. Então tudo isso foi o início. Tivemos que ensinar a pessoa: Olha, não se coloca uma janela atrás com sol muito forte. Acho que, para os telespectadores, também foi um desafio grande tentar entender essa reportagem. Nossa, imagina como é que fazer um Fantástico sem poder ir para rua, sem poder contar uma história com uma câmera super boa, com HD filmando detalhes, né? Porque, para o Fantástico, a linguagem estética é extremamente importante, não é assim quando a gente viaja com os nossos repórteres cinematográficos, a gente tá o tempo todo pensando na estética, como é que a gente acha uma luz. Brinco com o cinegrafista que metade da reportagem são suas imagens e a captação de áudio. Se estiverem excelentes, o telespectador não vai ter a experiência que a gente está tendo, mas eu vejo muito a reportagem como uma experiência audiovisual. Quando eu estou levando para você, tem imagens, sons, cores do lugar onde eu estou, eu quero que você viva um pouco da experiência. Eu acho que, de alguma forma, essa experiência faz você refletir e é geral na transformação social. Eu acredito muito nisso, o quadro "Quem vive ali" é um pouco disso, né? Quando a gente vai para um lugar completamente isolado e leva o telespectador por meio das nossas imagens, por meio dos nossos sons, por meio do nosso olhar para um lugar desconhecido, as pessoas ficam tocadas.

Para mim, isso é muito importante, porque, se a gente for parar para pensar, o quadro não tem uma notícia a notícia, na verdade a experiência é você sentir que está naquele lugar, contar quem está exatamente, então, enfim, voltando para pandemia, foi um desafio muito grande no início tentar nos adaptar às novas técnicas. Imagina, eu estava gravando a reportagem de casa, mas o meu questionamento era: será que uma gravação feita pelo celular vai dar certo na televisão? Será que as pessoas não vão estranhar, hein? Será que o áudio não vai ficar um pouco ruim? Enfim, a gente viu que houve uma transformação tanto de nós jornalistas na hora de captar no Zoom, no Skype, no WhatsApp, no Facetime, quanto das pessoas que tiveram que mergulhar nesse universo para poder sobreviver nessa quarentena e poder se comunicar essa quarentena.

O Front - Você já se adaptou a essa nova rotina de gravação à distância?

Salviano: Acaba que o jornalismo se adaptou e tudo se naturalizou, mas confesso para você que eu sinto um cansaço muito grande, porque eu acho que nada substitui o pé sujo do jornalista pisando em campo e, não, nada substitui nada substitui o olho no olho. Nada substitui o fato de você ir para cidade ou para casa de uma pessoa entender realmente a história que está por trás daquele personagem, eu acho que essas reportagens por videoconferência nos ajudaram a enfrentar esse período da quarentena, mas nada substitui o olho no olho, porque, quando você, primeiro que existe uma energia quando você conhece uma pessoa, é importante entender a forma como ela se relaciona com outras pessoas, a observação é extremamente importante para você conseguir descrever um personagem, então eu acredito que essas técnicas, a videoconferência ajudou bastante a enfrentar esse período e levar informação durante esse período, mas acho que nada substitui o olho no olho e nada substitui o sapato sujo do jornalista pisando no terreno, investigando, tentando entender a nossa função. É realmente levar detalhes saborosos para quem está lendo as reportagens, assistindo à nossa reportagem, então, se você me pergunta se eu consegui me adaptar, confesso que eu estou um pouco cansado, sabe? Eu sinto um cansaço muito grande de fazer reportagens por videoconferência, eu sinto uma limitação grande apesar de a gente ter conseguido desenvolver boas reportagens, tanto do ponto de vista investigativo policial quanto do ponto de vista comportamental, entrando na casa das pessoas. Nessa quarentena eu estava agora vendo o que a gente fez para o Fantástico durante esses meses. Desde março, a gente fez de tudo assim por meio de videoconferência, desde reportagem de comportamento, entrando na casa das pessoas, de pessoas jovens e idosos para tentar entender como elas estão passando esse período, desde investigações contra pessoas que criam Fake News, que espalham pela internet crimes. Fizemos uma grande entrevista com o ministro da saúde, tentando entender para onde o país está caminhando, então a gente conseguiu desenvolver.

O Front - Você fez uma entrevista que, digamos, causou a demissão de um ministro por videoconferência [Mandetta]. Como foi?

Salviano: Exato. Qual a chance de, um tempo atrás, o ministro parar para falar com você por meio de uma videoconferência? Até meses atrás, a gente obviamente pegaria um avião e ia entrevistar o ministro, estaria frente a frente com ele, né? É um pouco respeitando a liturgia do cargo, respeitando uma forma de você ouvir a fonte. Mas as limitações do momento nos fizeram fazer uma entrevista por videoconferência, eu acho que, sim, há perdas pelo fato de eu não estar cara a cara com a pessoa, mas acho que a gente conseguiu trazer informação de qualidade, mesmo com essas limitações. E quando a gente está falando de prevenção nessa pandemia, a gente tem que ser o mais simples. Fica difícil de ser compreendido até mesmo por nós jornalistas, que temos que sentar e estudar, questionar o cientista várias vezes para entender. É isso mesmo o que eu estou falando, está certo, é nessa linha? Então a gente tem que mastigar e traduzir um pouco daquela informação em se tratando de televisão. A gente tem que, não adianta simplesmente trazer uma informação falada em áudio para pessoa, eu preciso que ela entenda visualmente do que eu estou falando.

***O Front* - Você produziu uma reportagem que incentivava o isolamento de uma forma muito didática, a dos palitinhos, que inclusive ficou muito famosa nas redes. Como foi o processo de criação?**

Salviano: E aí o interessante é que muita gente pensa assim: Ficaram quanto tempo imaginando isso? Foi questão de, tipo assim, minutos. Como é que a gente vai fazer? Vamos conversar com o pessoal da arte, sai correndo, vamos criar, chama um brigadista, tem que ter um brigadista ali. Porque, caso dê errado alguma coisa, vai estar fazendo tudo da forma mais segura possível, então então a gente decidiu fazer, explicar para as pessoas a importância do isolamento social por meio dos palitos de fósforo. Por meio dessa linguagem mais audiovisual, eu acho que é extremamente importante assim, interessante, porque eu já tinha visto aquele vídeo circulando em alguns grupos os do exterior. Eu já tinha visto um artista que era um designer gráfico, eu tinha visto um designer gráfico. Eu já tinha visto um vídeo de um designer gráfico, eu não sei a nacionalidade dele, mas ele não é brasileiro e ele fez por meio de computação gráfica esse jogo dos palitos de fósforo para explicar a importância do isolamento social. Aí eu falei: Vamos reproduzir também, não querem que eu comece a minha minha reportagem nessa passagem e a gente chama explicando: Provavelmente, você já tenha visto isso, só que, no momento em que a gente está atravessando o pico, é extremamente importante que você reveja... Então a gente mostra, a gente fez um experimento com fósforos reais dentro de um estúdio, com um brigadista, respeitando isolamento entre eu, o câmera e o iluminador, e a gente acredita que é um artifício extremamente importante, porque, depois que a gente colocou aquela reportagem no ar, muita gente mandou mensagem para a gente no Twitter, no Instagram: Caramba, agora eu entendi, agora eu entendi a história do isolamento. Ficou claro que as pessoas começaram a compartilhar aquilo para família, para avós, para pais, para filhos, para sobrinhos, porque ficou clara a importância do isolamento social. Existe também uma forma visual de você explicar para ela como se proteger do coronavírus. Qual é a importância do isolamento? E é algo tão simples, né? É muito simples a importância do isolamento e a necessidade de

isolamento, só que às vezes são usados linguagens e jargões tão científicos e difíceis que muita gente acaba não entendendo, fica com preguiça de buscar na internet, então, quando você traduz tudo aquilo de uma forma mais simples e visual, as pessoas internalizam. Então domingo à noite, por volta de 11 horas, todos os jornais, todas as revistas, todas as televisões, todo mundo falando sobre o mesmo assunto: coronavírus. Então como é que você produz uma reportagem especial para domingo à noite e tem que ser uma reportagem que ninguém vai dar, tem que ser exclusiva, tem que ser diferente, tem que ser atrativa, então o nosso desafio no Fantástico é pensar lá na frente. A gente tem que imaginar como é que essa semana deve acontecer, o que as pessoas vão imaginar, que reportagens devem surgir durante a semana e correr aqui no domingo à noite. A gente começa a produzir uma reportagem na quarta-feira que a gente tem e como é que o noticiário vai evoluir durante a semana para chegar no domingo a gente conseguiu falar lá na frente, então é muito to desafiador. Ainda mais quando o assunto era único: coronavírus. O desafio é ainda maior porque, além dos meios de comunicação, estava todo mundo fazendo live. Live com epidemiologista, live que eu não sei o que lá e com personal trainer e não sei o quê, então todo mundo produzindo conteúdo. Desafio nosso de colocar um programa no ar de 2h30 exclusivo com a linguagem diferente, atrativa. Tem que ser muito polivalente.

- **Entrevista com Maria José Braga, presidente da FENAJ**

***O Front* - Sobre a questão do risco sanitário, a FENAJ já levantou dados sobre infectados?**

Maria/FENAJ: Bom, primeiramente a FENAJ e os sindicatos dos Jornalistas de todo o Brasil fizeram um trabalho junto às empresas empregadoras para que as empresas tomassem medidas de segurança sanitária em relação à pandemia do novo coronavírus. Entre essas medidas, nós pedimos, dentro da possibilidade, que os jornalistas fossem colocados em trabalho em domicílio justamente para evitar as proximidades do contato e, dentro do grupo de risco, colocamos como obrigação de jornalistas terem trabalho em domicílio. Não há nenhuma dificuldade em ser executada, como, por exemplo, o distanciamento das ilhas de trabalho, a oferta de equipamento de proteção, principalmente a máscara facial, a higienização das redações e higienização dos equipamentos para quem trabalha em rádio e TV; por exemplo, mais microfones para que não tenha compartilhamento do microfone com repórteres e entrevistados. Todas essas medidas nós lá em março pedimos para as empresas que fossem tomadas. A maioria das empresas acatou, a gente vê que os jornalistas estão na Linha de Frente, estão trabalhando e com exceção de alguns focos o contágio de infecção pelo novo coronavírus tem sido relativamente baixo. Nós fizemos um levantamento junto às redações, temos a informação de que 6 jornalistas faleceram [até o momento] em razão do coronavírus em atividade, outros faleceram mas não relacionado à atividade jornalística, mas nós não temos o número de infectados. Nós temos pedido para que os profissionais comuniquem ao sindicatos, mas infelizmente essa comunicação nem sempre é feita.

O Front - Qual é o perfil dos jornalistas infectados e mortos?

Maria/FENAJ: Nós temos vários perfis, inclusive jornalistas que trabalhavam em assessoria de imprensa, então há uma variedade. Inclusive radialistas, que não entram nessa conta. O principal foco de contaminação de jornalistas foi o SBT do Rio de Janeiro, já houve vários contaminados, dois radialistas chegaram a falecer, dois editores de imagem e lá no Rio o sindicato chegou a ir ao Ministério Público do Trabalho para que houvesse uma ação na redação do SBT, já que a resposta da empresa aos apelos do sindicato não foram prontamente atendida. Então o que temos visto Brasil afora e que os jornalistas têm reclamado é uma falta de transparência por parte das empresas. Ocorre às vezes de um profissional ser contaminado, esse profissional procurar a empresa, na maioria das vezes ser imediatamente afastado, mas não ter uma ação coletiva da empresa junto aos demais trabalhadores. A empresa não faz um comunicado oficial, não faz uma higienização geral daquela redação e principalmente as empresas não tem, mesmo em caso de um profissional contaminado, proporcionado os testes para os profissionais que estão trabalhando. O profissional tem que fazer isso por conta própria

O Front - Temos visto uma escalada das agressões a jornalistas principalmente na cobertura da Presidência da República. Além do risco sanitário, jornalistas estão expostos a outros riscos. Como a FENAJ analisa esse momento?

Maria/FENAJ: A FENAJ tem feito variadas e constantes denúncias públicas do que nós chamamos de institucionalização da violência contra jornalista, e essa institucionalização se dá infelizmente por meio da presidência da República. A situação Brasília é bastante complexa, nós entendemos que aquele ambiente criado na porta do Palácio da Alvorada não é um ambiente adequado para entrevistas coletivas e, se o objetivo do Presidente da República fosse de fato conceder entrevistas coletivas, proporcionar diálogo com jornalistas e com a sociedade, as entrevistas diárias não ocorreriam ali naquele espaço. O Palácio do Planalto tem muito espaço para que se faça uma entrevista coletiva civilizada, o Palácio da Alvorada tem espaço para isso, mas o presidente na verdade montou um local para ele desenvolver sua estratégia de comunicação de provocação dos seus apoiadores. Aquele ambiente do Alvorada não é para concessão de entrevistas, é um ambiente para que o presidente fomenta os seus apoiadores, provocando reações normalmente contrárias aos jornalistas e aos veículos de comunicação. Então há de fato uma exposição muito grave dos profissionais e é por isso que alguns veículos decidiram não mais mandar seus profissionais para aquela cobertura do Alvorada. É uma situação de risco, além da agressão verbal, pode haver inclusive violência física, já que os apoiadores do presidente na maioria demonstram um grau de civilidade comprometedor. E a FENAJ entrou com uma ação civil pública contra o presidente da República e mais as pessoas relacionadas diretamente à comunicação, o responsável pelo Gabinete de Segurança Institucional, pedindo na justiça que sejam de fato garantidas condições de segurança para jornalistas na cobertura do Palácio do Planalto e naquela extensão do Alvorada.

***O Front* - A FENAJ avalia que há possibilidade, uma janela aberta no pós-pandemia para passarálhos, possíveis novos cortes?**

MARIA/FENAJ: As redações brasileiras estão enxutas no limite, então não há sobras nas redações brasileiras; pelo contrário, jornalistas trabalham normalmente mais do que a sua carga horária prevista em contrato justamente porque a demanda de trabalho é muito grande com as novas tecnologias. Esta demanda que, no momento, era diária passou a ser instantânea, então é preciso produção muito grande de informação e preciso grande contingente de profissionais para checar essas informações. Infelizmente já houve excesso de enxugamento nas redações brasileiras e agora, com a brecha do governo federal, houve redução de jornada e redução de salário. A nossa preocupação obviamente, além da renda do trabalhador, já que para quem não ganha muito perder 25% do salário compromete suas condições de vida e da sua família, mas a gente tem uma preocupação especial em relação ao cumprimento dessa redução de jornada, já que está prevista uma redução de salário. Não é a situação ideal, mas, se houve redução de salário, pelo menos deve ser respeitada redução de jornada. Infelizmente a gente não acredita que isso esteja acontecendo e estamos pedindo para profissionais denunciarem se essa redução não foi cumprida. A gente acredita que as redações estão trabalhando no limite e que, ao contrário, deveria haver mais contratações para que os jornalistas de fato possam exercer a profissão com a qualidade que o comprometimento dos profissionais exigem. A gente está sempre trabalhando no limite do tempo e das possibilidades, é preciso haver uma política de revisão.

***O Front* - A senhora entende que a sociedade valorizou mais o jornalismo na pandemia?**

Maria/FENAJ: Se a gente pode falar que houve alguma coisa boa, de positivo, nessa pandemia, é difícil falar isso, mas houve sim uma revalorização do jornalista e da ciência. O jornalismo está cumprindo o seu papel de informar sobre a gravidade da pandemia e assumiu também outro papel que é muito importante, o de orientar a população nas suas ações. Isso tem tido repercussão, creio que grande parte da população está procurando se informar pelos meios de jornalismo e isso obviamente traz um reflexo positivo para valorização da profissão. A gente espera que, num futuro muito próximo, essa valorização se transforme em mais contratações e contratações em melhores condições para os profissionais de jornalistas no país.

- **Entrevista com os jornalistas Rachel Gamarski e Renato Andrade**

***O Front* - Como está sendo a rotina do casal jornalista hoje, em *home office*, e como era antes da pandemia?**

RACHEL: Eu sou Editora da *Bloomberg*, trabalhava em Brasília anos antes e a sensação que eu tenho é que o trabalho durante a pandemia, em casa, você trabalha muito mais. Você fica muito mais tempo ligado e a minha rotina é um pouco disso, eu fico ligada. Tenho algumas reuniões de início do dia, eu acho que essa é uma grande diferença, tem a vantagem de eu não precisar sair de casa de manhã, então eu sento na cadeira um pouco mais perto do meu horário, mas, ao mesmo tempo, eu estou muito mais perto do trabalho então, em vez de desligar, vou ali rapidinho no computador.

RENATO: Sou coordenador do jornal *O Globo* aqui em São Paulo, na dinâmica anterior eu chegava na redação no início da tarde e ficava até o fechamento do jornal, perto das 10 horas da noite. De manhã eu trocava alguns e-mails, conversava com alguns repórteres para dar um rumo para cobertura. No início da pandemia, da quarentena, você teve uma confusão grande de horários. Todo mundo começou a trabalhar o tempo inteiro. Com redução de jornada ficou mais claro, porque temos que ser que rigorosamente a redução.

***O Front* - Como vocês lidaram com isso de ter de trabalhar os dois juntos em casa, dois jornalistas de dois veículos diferentes?**

RENATO: A coisa tem funcionado. A gente pegou a sala de jantar e dividiu em duas redações. Metade é redação d'*O Globo* e metade é redação da *Bloomberg*. Uma grande vantagem nesse processo é que a *Bloomberg* e *O Globo* não são redações concorrentes diretamente. No fundo, a *Bloomberg* é uma fornecedora notícias, *O Globo* é assinante da *Bloomberg*. Seria diferente se fossem dois jornais Paulistas ou se fosse a *Bloomberg* e uma outra agência de notícias. A gente entrou efetivamente em *Home Office* em 14 de março, a gente está conversando hoje no dia 4 de julho. Então já passamos de 100 dias em casa e ainda tem um outro elemento, é que nós temos uma adolescente aqui de 12 anos que faz aula de manhã e, no início, essa mesa era dividida em duas redações e uma escola. Hoje a escola foi para um quarto, mas a estrutura já está andando bem.

***O Front* - O que foi mais difícil para vocês, o que exigiu mais adaptação?**

RACHEL: Eu sinto muito falta da dinâmica da redação, quando acontece alguma coisa, damos um grito na redação, todo mundo olha. Quando o ministro é demitido, por exemplo. Eu acho que, em casa, essa dinâmica fica um pouco prejudicada, isso é uma coisa que me faz falta e eu trabalho na cobertura de tempo real. Qualquer segundo faz diferença. Se um ministro caiu, na redação a pessoa já grita e manda o que a gente chama de headline. Em casa, a pessoa tem que escrever o e-mail, tem que avisar que está mandando e eu acho que esse tempinho de um grito na redação, que é mais comum e faz parte da energia do jornalismo, faz a diferença.

***O Front* - Você como coordenador, Renato, o que tem indicado para os repórteres? Tem pedido para eles irem às ruas?**

RENATO: O princípio básico é não se expor, não colocar ninguém em risco desnecessariamente. É óbvio que sempre existe uma taxa de risco ao sair à rua, mas todo mundo saiu com equipamento de proteção devido e quem pertence ao grupo de risco não foi para a rua. Por exemplo, repórter grávida não vai para rua, alguém que mora com idoso não vai para rua, a gente foi fazendo essas eliminações. E de resto a gente chegou e perguntou se os repórteres se sentem confortáveis para fazer. No início todo mundo tentou fazer o que tinha que fazer remotamente. Mas, por exemplo, manifestações pró e contra governo os repórteres precisam ir para rua, não dá para cobrir a manifestação sentado da sala. O meu trabalho de edição eu faço de qualquer lugar, mas o repórter precisa ir para rua, precisa me dar o cheiro da rua, precisa me dizer se tinha muita gente, se o clima era hostil ou não era, ou seja, isso tem que ser na rua.

O Front - Como é a troca de vocês em relação às notícias, à adaptação e ao dia a dia do trabalho?

RACHEL: Eu acho que uma das maiores dificuldades da gente foi a televisão. Temos uma na sala onde às vezes eu preciso ver alguma reunião do Bolsonaro ou alguma coisa que está prestes a acontecer e às vezes o Renato está numa reunião. Ou ele precisa ver alguma coisa e eu estou no horário muito movimentado na CVM. O Renato precisa de alguma coisa e eu estou no horário de prestar mais atenção e não poder ter barulho. Então esse é um dos nossos desafios do dia a dia até em saber qual canal vai ficar. As reuniões, por sorte, a gente tem em horário complementar. Então normalmente, se eu estou numa reunião e ele também, o que seria uma dificuldade se a gente está muito perto, quando acontece a gente muda de cômodo.

RENATO: São dois jornalistas sentados numa mesa, a gente conversa sobre o que está acontecendo. Na verdade, eu acho que até facilita, porque quem está no isolamento e trabalhando sozinho de casa não tem nem essa troca. Eu tenho. O primeiro grande exercício que a gente teve foi de criar uma rotina. Hora que a gente tem uma dinâmica, hora que levanta, hora de ler o jornal de manhã, tomar banho e trocar de roupa e dizer que vou trabalhar, ninguém trabalha de pijama, nós acendemos a luz do escritório em cima da mesa e, quando terminamos, nós desligamos a luz do escritório. Nós criamos uma rotina mesmo, nós temos um horário de trabalho, horário que vamos dar o intervalo para almoçar, no horário que a gente vai fechar o dia é óbvio que, estando dentro de casa, você consegue fazer algumas atividades rápidas, mas a estrutura foi criada para uma dinâmica de rotina, o que facilita muito o trabalho.

A capacidade do ser humano se adaptar é uma coisa espetacular. Se chegassem em mim e perguntassem se eu trabalharia de casa o tempo inteiro com a Rachel na minha frente, eu diria, cara, de jeito nenhum vou fazer isso, nem a pau, não quero. hoje a gente faz e, é uma opinião particular absolutamente, eu acho que nunca mais vamos voltar 100%. Até no

escritório, como tivemos de uma forma ou de outra ,vamos ter alguma coisa em *Home Office*. Em alguma semana você vai trabalhar de casa.

RACHEL: Uma coisa que eu vou querer comprar também é uma cadeira. A gente está usando a cadeira da mesa de jantar, ela é ótima para receber os amigos, mas para ficar o dia inteiro trabalhando é péssima. No início [da pandemia], a gente falou que ia comprar, mas a gente pensou: vai durar um mês. Aí depois, no segundo mês, a gente disse que não, vamos comprar, mas agora também não adianta comprar e a gente já tá indo para o quarto mês de pandemia e não sabe o que vai acontecer, mas eu acho que a gente conseguiu se adaptar. No início, eu tinha oito telas em pé no meu escritório e hoje eu tenho uma tela de notebook e mais uma tela. Então hoje tenho três telas e antes eu tinha oito telas. No início, eu disse que não ia conseguir. Afinal, como eu ia fazer em três o que cabiam em oito? Agora eu já me adaptei, está tudo bem, eu consigo fazer tudo que eu fazia nas oito telas.

- **Entrevista com a jornalista Julia Dolce**

***O Front* - De onde veio a ideia e como foi o processo de escrever uma matéria que mostrou os ataques sofridos por jornalistas, incluindo a ameaça sanitária, os cortes salariais e as demissões em redações de jornais?**

JULIA: A ideia surgiu quando, logo no começo da pandemia, todo mundo estava pensando em pauta, não só apenas em relação ao que a pandemia causava, mas pensar nas consequências dela. Como é que ia se estender para cada grupo social, cada profissão? E falava-se, muito no começo, do quanto você tinha essa ameaça e esse risco muito fortes para os profissionais da Saúde. Obviamente estava se dando no começo muita atenção e isso é bom, é bom até hoje mostrar como é para esses profissionais e os riscos que eles sofrem e uma série de desafios que eles têm que lidar, não só relacionados diretamente a você se infectar com a covid, mas no caso dos médicos a questão da Saúde Mental, do cansaço, do afastamento da família. Daí a gente começou a pensar quais eram os outros profissionais que de alguma forma estavam na linha de frente além dos médicos e já era muito nítido nas conversas com os colegas que os jornalistas estavam trabalhando muito, apesar de muita gente ter ido para o *home office*. Tinha mudado a dimensão do trabalho, a quantidade de trabalho, inclusive o *home office* estava começando a pesar também negativamente para os jornalistas, porque, no momento que você tem uma crise e essa crise envolve toda a sociedade e toda a sociedade tem que ficar em casa, ao mesmo tempo é algo novo, então todo mundo precisava saber o que estava acontecendo, todos os jornalistas estavam trabalhando muito mais, mas ao mesmo tempo sendo também vítimas, não vítimas, mas parte da sociedade que tem que lidar com as consequências do risco disso. Também comecei a ver alguns profissionais jornalistas, colegas fotógrafos cinegrafistas que estavam indo para hospitais de campanha, hospitais normais, para cemitério. Eu me lembro que eu via isso e ficava: Nossa, muito importante alguém mostrar as imagens disso, porque, a partir disso, vieram muitas denúncias, principalmente relacionadas aos hospitais de campanha. Mas essas

peessoas estão na Linha de Frente, elas estão indo lugares perigosos. Então vamos contar um pouco o que está acontecendo; em paralelo, a gente começou a fazer essa matéria e começou a ter a medida econômica de redução de salário e de carga horária, que é uma redução fictícia no caso dos jornalistas, porque não vi nunca ninguém de fato tendo a carga horária reduzida. Trabalhando de casa, já tem uma tendência maior a extrapolar a sua carga horária normal, porque não tem essa coisa de sair da redação e daí, além disso, tem essa questão da redução salarial que deveria ser equiparado à redução da jornada de trabalho e não era. O que estava acontecendo então durante a nossa apuração é que começaram todos os veículos, a grande maioria dos veículos começou a implementar essa redução baseada na medida do governo e daí a gente começou a ver em veículos regionais, nós falamos com pessoal da zona metropolitana de São Paulo de Mogi das Cruzes, falamos com uma pessoa de um caso no Ceará, de uma empresa de rádio que chegou acordar no limite colocado na lei para redução. As histórias foram pipocando pelo país, só que, diferente de outros setores, em que uma redução de jornada é algo mais factível, o que eu via entre os repórteres é que a gente estava trabalhando muito mais, a gente estava absorvendo também toda essa atmosfera, todo esse medo e eu comecei a sentir muito forte no início. É muito assustador.

***O Front* - Vocês entrevistaram duas pessoas - com nomes fictícios Lúgia e Eric - que foram demitidas e tiveram cortes salariais. Como foi entrevistar essas pessoas?**

JULIA: Foi uma baita questão essa matéria. Eu falei mais com as pessoas da região Sudeste, mais em São Paulo e Rio. A gente achou que seria uma matéria muito mais fácil de ser feita, porque era uma situação nítida que estava passando por ameaças financeiras e por risco ocupacional. Principalmente as pessoas que trabalham em televisão e precisam ir para rua captar imagem ou fotografos, então a gente achou que seria algo muito fácil de conseguir essas pessoas. Pensamos que seria simples conseguir que essas pessoas falassem. Mas foi extremamente difícil conseguir com que as pessoas falassem, muito difícil. Se eu não me engano, a gente só tem uma ou duas entrevistas com o nome verdadeiro da pessoa e uma delas é o Tiago, que é foto jornalista do *Estadão* e ele na época estava com suspeita de covid, estava com vários sintomas, inclusive ele fez o teste logo depois depois e deu negativo e ele foi um desses que eu falei que estava em todos os lugares. Foi para vários hospitais, vários cemitérios e estava na rua o tempo inteiro, nos lugares teoricamente mais perigosos para se estar. Ele foi uma pessoa que topou falar, eu já conhecia ele e eu logo procurei, ele ficou pensando, porque tinha uma questão de não saber se iam ou não permitir, mas ele acabou topando. De modo geral, as pessoas estavam muito assustadas com a possibilidade de serem demitidas, de terem algum tipo de retaliação se falassem e isso foi o que mais me chamou atenção nessa matéria. Porque os médicos a gente vê que eles estão cada vez mais como profissionais autônomos, falam. No jornalismo, ninguém queria colocar cara a tapa, ninguém queria falar. No geral o jornalismo no Brasil é uma profissão muito hierárquica, egocêntrica e com muita competição, muito exército de reserva para substituir as demitidas, então já é um cenário em que as pessoas, em que os repórteres têm medo normalmente de se posicionar, de se somar a uma luta sindical, de sindicalizar. Qualquer situação que aconteça, principalmente

assédio, que é algo extremamente comum em redações, não só o sexual, mas o assédio de poder, mesmo, mas ninguém topava falar. Muita gente, inclusive sem se identificar, não topou falar. E eu acho engraçado porque nós trabalhamos com esse formato, sugerindo que as pessoas têm retaguarda, no sentido de não se identificar se não quiserem.

***O Front* - Mesmo com sigilo da fonte e com todas as informações resguardadas, os jornalistas não quiseram falar? Você elenca algum caso específico?**

JULIA: Um caso emblemático para mim foi o SBT do Rio de Janeiro, onde metade da redação já tinha testado positivo para coronavírus e já tinha duas mortes de cinegrafistas, que são jornalistas, mas são considerados uma classe inferior. Então já tem uma grande hierarquia no tratamento dessas pessoas e, ao mesmo tempo, são as pessoas que estavam na linha de frente, mesmo na situação mais tensa talvez que os repórteres de rua a questão de ficar com a câmera perto do olho e o olho ser um dos vetores de transmissão. Foi algo que talvez tenha prejudicado.

***O Front* - Você considera que este momento é um dos momentos nos quais os direitos dos jornalistas estão mais em xeque?**

JULIA: Talvez não seja deliberado o que esteja acontecendo em relação à perda de direitos dos jornalistas, da categoria, mas eu acho que qualquer crise que venha numa onda e atinja tanto economicamente quanto socialmente toda a população tem consequências econômicas e financeiras e de perda de direitos. Porque tem uma flexibilização maior de leis trabalhistas, algo que a gente já vem sofrendo desde 2017, 2016 e é mais fácil uma chefia, um RH justificar a necessidade de cortes e de passalhos e de redução de salários, algo que é uma coisa inédita você reduzir o salário de uma pessoa CLT é algo inédito, é algo que era contra a lei; por isso, criou-se uma lei para estabelecer, mesmo que o governo tenha criado esse mecanismo de usar o seguro-desemprego para ressarcir parte disso, então eu acho que é uma consequência dessa vez não necessariamente deliberada em todas as redações, em todos os veículos da imprensa. Eu acho que em alguns lugares que talvez já tivesse em crise tenham se aproveitado desse momento para debandar direitos de uma vez e também são meios que necessitam da publicidade na parte impressa, na venda para o consumidor, e isso talvez tenha tido um impacto, talvez depende muito de assinantes, mas também depende muito da compra nas bancas, mas os anunciantes não estavam anunciando. Isso foi uma coisa que indicou.

***O Front* - Qual o sentimento você teve em todas essas conversas com jornalistas? Foi medo, foi pressão, o que você sentiu?**

JULIA: Eu senti muita insegurança dos profissionais que a gente conseguiu e não conseguiu entrevistar. Como eu estava falando, no caso do SBT principalmente ninguém topou dar entrevista, mesmo tendo dois colegas, mesmo perdendo dois colegas para covid e mesmo com processos instaurados no MPT do Rio de Janeiro, as pessoas não estavam topando,

justamente por conta dessa insegurança. Então eu senti que as pessoas estavam se sentindo mais sozinhas do que nunca, tanto por conta do *Home Office* quanto por acharem que a qualquer momento poderiam perder o emprego, que não seriam mais necessárias. Ao mesmo tempo, eu senti que as pessoas estavam muito pilhadas na cobertura, era algo que estava envolvendo todo mundo, todo mundo estava querendo participar e fazer disso uma cobertura importante na vida da pessoa, justamente por ser algo tão grave que atinge tantas pessoas e, ao sentir as pessoas muito cansadas, muito adoecidas mentalmente, assim como atingiu toda a população nesse período de pandemia e quarentena. Ainda mais para os jornalistas, foi um pouco mais forte, por terem que ficar ligados o tempo todo, eu senti insegurança, porque as pessoas acham que poderiam ser cortadas, tiveram cortes bruscos de salário, eu senti essa questão do cansaço e essa questão do adoecimento, da ansiedade. As pessoas que estavam indo para a rua estava muito envolvidas na cobertura cobertura de covid na rua, realmente parecia que tinha virado a vida das jornalistas. Um fotógrafo comparou essa cobertura com uma cobertura de guerra tanto por conta dos riscos quanto também por ser algo tão louco que mobilizou a sociedade toda. As ruas vazias, eles são os únicos fotógrafos lá, então eu acho que até quem estava na rua ficou tão envolvido que talvez esteja sofrendo algumas consequências disso, entendendo melhor o que aconteceu agora, que as coisas estão começando a se arrumar.